

NÚCLEO DE ESTUDOS DAS DISVERSIDADES, INTOLERÂNCIAS E
CONFLITOS

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

DO HAITI PARA BRASIL E O BRASIL ATRAVÉS DO HAITI: DIÁSPORAS,
DISCURSOS OFICIAIS E RELATOS DO VIVIDO

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e
outras Legitimidades do Núcleo de Estudos
das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos
(DIVERITAS) da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra.
Zilda Grícoli Iokoi

VERSÃO CORRIGIDA

TIAGO HILARINO CHRISTOPHE DA SILVA

SÃO PAULO

2023

NÚCLEO DE ESTUDOS DAS DISVERSIDADES, INTOLERÂNCIAS E
CONFLITOS

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

DO HAITI PARA BRASIL E O BRASIL ATRAVÉS DO HAITI: DIÁSPORAS,
DISCURSOS OFICIAIS E RELATOS DO VIVIDO

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e
outras Legitimidades do Núcleo de Estudos
das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos
(DIVERITAS) da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra.
Zilda Grícoli Iokoi

VERSÃO CORRIGIDA

TIAGO HILARINO CHRISTOPHE DA SILVA

SÃO PAULO

2023

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**Termo de Anuência do (a) orientador (a)****Nome do (a) aluno (a): Tiago Hilarino Christophe da Silva****Data da defesa: 29/09/2024****Nome do Prof. (a) orientador (a): Zilda Márcia Grícoli Yokoi**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 10/06/2024



(Assinatura do (a) orientador (a))

AGRADECIMENTOS

Peço licença e agradeço,

Ao meu Mestre, que me dá caminho, afia meu espírito e me ensina a aprender; aos meus mais velhos, que teimaram tanto e não desistiram de mim, me ensinando com palavras e atitudes; aos meus mais novos, que me fazem ter forças para seguir esperando.

A minha grande família: aos que se foram e aos que ainda estamos. Mãe e pai, pela centelha e alicerces; a minha companheira, pela partilha e paciência; a todos e todas irmãs que a vida me deu e deram sentido a minha vida; aos meus compadres, comadres e afilhados.

A minha orientadora Zilda, pela confiança dedicada e pela força e lealdade que tanto me inspira; a toda rede de apoio e trama que encontrei no DIVERSITAS ao longo desses anos, em especial: a Teresa Teles, Renato Santos Aguessy, Rodrigo de Souza Dan, Diego Arraya, Vanessa França, Sérgio Bairon e Odete Seabra.

A todas do CIEJA Perus I, pela guarida e aparceramento, em especial: Guiniver Santos de Souza, Valéria Rufino Martins, Cristiane Maria Coutinho Fialho, Diogo Marciano, Francisco Garcia de Souza, Maria Madalena Scavassa, Rosemeire Pinto, Sheila Ferreira Coelho, Silvania Francisca de Jesus e Franciele Busico Lima.

A todos haitianos em diáspora, pelas fronteiras em movimento na reinvenção do mundo. Em especial, aos que confiaram em mim para compartilhar a vida e me permitiram a escuta: Charles Obas, Carnex Arne e Olson Oscar e aos que cantaram e tocaram comigo no grupo de coral Firmeza Permanente, Kesly Miliard e Richard Jeune.

Aos mais de 12 milhões de pessoas sequestradas na África e trazidas para as Américas; aos mais de 280 milhões de migrantes girando mundo na atualidade; às mais de 700 mil pessoas que não sobreviveram no Brasil durante a pandemia que atravessou esse trabalho.

A todos e todas que se movem para mover o mundo, revolvem terra e semeiam novas possibilidades.

A aquele que me rege, me guarda e ilumina.

RESUMO

SILVA, Tiago Hilarino C. da. **Do Haiti para o Brasil, o Brasil através do Haiti: diásporas, discursos oficiais e relatos do vivido**. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Palavras-chave: Migração Haitiana; Cultura; Estigma, História de Vida; Discursos

O terremoto de 7,3 graus da escala *Richter*, que teve seu epicentro a poucos quilômetros da capital haitiana *Port-au-Prince* em 2010 e matou cerca de 316 mil pessoas e deixou cerca de 1,5 milhões desabrigados, marca uma nova onda de emigração no Haiti. A tragédia humanitária intensificou uma mobilização social em torno da migração que o Haiti já se inseria: se tornar diáspora, em trânsito permanente.

A ocupação militar do Haiti pelo Exército do Brasil promovida pela ONU (MINUSTAH) entre 2004 e 2017 criou uma demanda diplomática que colocou o Brasil na rota da diáspora haitiana, através do visto humanitário: entre 2010 e 2022 mais de 165 mil haitianos estavam ou haviam passado pelo Brasil. Ao longo desse período, os haitianos tiveram de recriar estratégias de integração e permanência face a mudança da conjuntura econômica e institucional (com ruptura do arranjo político brasileiro em 2016) e da pandemia de COVID-19.

O presente trabalho buscou analisar a diáspora haitiana para o Brasil e o Brasil através da diáspora haitiana a partir: da formação histórica das sociedades brasileiras e haitianas através do colonialismo e da escravidão; da reconstituição da formação populacional e cultural do Haiti e do Brasil, em suas semelhanças e especificidades; dos projetos de libertação social gestados no Brasil e no Haiti; do afloramento dos discursos de ódio contra haitianos no Brasil; da constituição de estigmas sociais no Brasil, em especial, o racismo; do acolhimento e formação dos imigrantes a partir da experiência do CIEJA Perus – I.

Para tanto, foram utilizados: demografia e estatística; análise de discurso; performance e produção partilhada do conhecimento na construção de narrativa; história de vida.

ABSTRACT

SILVA, Tiago Hilarino C. da. **From Brazil to Haiti, Brazil through Haiti: diaspora, official speeches and life experience accounts.** Dissertation (Master) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023

Keywords: Haitian Migration; Culture; Stigma; Story of Life; Discourse

The 7,3 magnitude earthquake that struck the Haitian capital *Port-au-Prince* in 2010 marked a new wave of emigration in Haiti. The humanitarian tragedy caused about 316 thousand deaths and left 1,5 million people homeless, leading to an increase of the already intense social mobilization around migration in the country: becoming diaspora, in permanent transit.

Between 2004 and 2017, the UN promoted the military occupation of Haiti by the Brazilian Army (MINUSTAH). The mission created a diplomatic demand for humanitarian visas, which put Brazil in the Haitian diaspora route: between 2010 and 2022 over 165 thousand Haitians had been to or were living in the country. Throughout this period, they had to rebuild integration and permanence strategies due to the changes in the economic and institutional scenario caused by the disruption of the Brazilian political system in 2016 and the COVID-19 pandemics.

The aim of the present study was to investigate both the Haitian diaspora to Brazil and Brazil itself throughout this process considering: the historical development of the Brazilian and Haitian societies within colonialism and slavery; the restoration of the population and cultural structures of Brazil and Haiti, looking at its similarities and peculiarities; the social liberation projects conceived in Brazil and Haiti; the rise of hate speech against Haitians in Brazil; the establishment of social stigma in Brazil, particularly racism; the hosting and training of immigrants from the CIEJA Perus practice.

For this purpose, the following were used: demographics and statistics; discourse analysis; performance and participatory knowledge production in narrative construction; life story.

REZIME

Silva, Tiago Hilarino C. da **Depi Ayiti rive Brezil, Brezil pase Ayiti: Dyaspora, diskou ofisyèl yo avèk responsab rapò yo**. Disètasyon (metriz) Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

Mo kle yo: Migrasyon Ayisyènn; Kilti; Estigmatizasyon; Istwa Lavi a; Diskou yo

Tranbleman tè a ki te mezire 7,3 echèl Richtè, ki te genyen episan li ak kèk kilomèt kapital ayisyen an pò o prins nan 2010 ki te touye anviwon 316 mil moun epi ki te kite anviwon 1,5 milyon moun San kay, li te make Yon nouvo vag emigrasyon nan peyi Ayiti . Trajedi imanité a te ogmante yon mobilizasyon sosyal nan domèn migrasyon ke Ayiti te deja ap fè fas: Vini tounen yon dyaspora an tranzit pèmanan.

Okipasyon militè Ayiti avèk lame brezilyen brezilyen an te ankouraje sipòte avèk nasyonzini (MINUSTAH) nan ane 2004 rive 2017 e li te kreye yon revandikasyon diplomatik ki te mete Brezil sou wout dyaspora ayisyènn nan, atravè viza imanité a: Nan ane 2010 pou rive 2022 plis pase 165 mil ayisyen ak ayisyènn te rantr Brezil pandan peryòd sa yo te oblije kreye lòt estrateji entegrasyon pèmanans fas avèk chanjman kondisyon ekonomik enstitisyonèl yo avèk blokaj, problèm politik yo nan ane 2016 avèk pandemi COVID-19.

Travay sa te chache analize dyaspora ayisyènn nan Brezil, Brezil atravè dyaspora ayisyènn nan soti: Nan fòmasyon istorik sosyete brezilyènn nan ak ayisyènn nan atravè kolonyalis ak eskkavaj ak rekonstitisyo popilasyon an ak fòmasyon kiltirèl Brezil ak Ayiti, nan resanblans ak spesifik pwojè liberasyon sosyal ki jere nan Peyi Brezil ak Ayiti; aparisyon diskou rayisman kont ayisyen ak ayisyènn; konstitisyon Estigmatizasyon sosyal nan Brezil, sitou rasis, nan akèyman, ankadreman ak fòmasyon imigran ki baze sou eksperyans CIEJA Perus.

Pou sa, yo te itilize: Demografi ak estatistik analiz diskou yo; pèfòmans ak pwodiksyon pataj konesans nan konstriksyon naratif; istwa lavi a.

LISTA DE MAPAS

| | |
|--|----|
| Mapa 1: As duas grandes ondas de migração haitiana do século XX (1915-35, 1965-85) | 11 |
| Mapa 2: Principais pontos de travessia de imigrantes haitianos da fronteira territorial brasileira, via terrestre..... | 12 |
| Mapa 3: Caminhos epistêmicos: lugares de formação e pesquisa – Noroeste...28 | |
| Mapa 4: Caminhos epistêmicos: lugares de formação e pesquisa – Oeste.....28 | |
| Mapa 5: Caminhos epistêmicos: lugares de formação e pesquisa – Centro.....29 | |
| Mapa 6: Fluxo quantitativo atemporal de pessoas escravizadas enviadas para o Haiti, segundo porto de origem..... | 53 |
| Mapa 7: Diferentes portos escravistas na costa Oeste Africana..... | 53 |
| Mapa 8: Principais etnias africanas em São Domingos..... | 53 |
| Mapa 9: Fluxo quantitativo atemporal de saídas e chegadas de pessoas escravizadas entre os diferentes portos do Brasil e da África..... | 56 |
| Mapa 10: Principais etnias africanas no Brasil. | 57 |
| Mapa 11: Correntes Marítimas e Rotas Atlânticas (XVI – XIX) | 58 |
| Mapa 12: Estados africanos e abastecimento do tráfico transatlântico (XVI-XIX) | 58 |
| Mapa 13: Mapa político-administrativo do Haiti, com as rotas internas dos colaboradores..... | 89 |
| Mapa 14: Mapa das divisões territoriais nas Américas e Caribe, com marcadores e rotas dos lugares familiares citados pelos colaboradores..... | 90 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 1: Número de registros de migrantes, segundo país de nascimento, por sexo – Brasil, 2011 a 2022..... | 13 |
| Tabela 2: Análise de discursos..... | 40 |
| Tabela 3: Dados gerais de embarque e desembarque de cativos para o Haiti, segundo porto de origem..... | 52 |
| Tabela 4: Dados gerais de embarque e desembarque de cativos para o Brasil, segundo porto de origem..... | 55 |
| Tabela 5: Dados de desembarque segundo portos específicos no Brasil..... | 56 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1: Divisão por sexo dos haitianos residentes no Brasil (2010-2017)..... | 14 |
| Gráfico 2: Unidades da Federação receptoras de imigrantes haitianos (2016).. | 15 |
| Gráfico 3: gráfico de embarque e desembarque de cativos para o Haiti, segundo porto de origem..... | 52 |
| Gráfico 4: gráfico das rotas de Angola, Mina, Moçambique e Guiné para o Haiti..... | 52 |
| Gráfico 5: gráfico da População em São Domingos Ocidental (1789)..... | 54 |
| Gráfico 6: gráfico de embarque e desembarque de cativos para o Brasil, segundo porto de origem..... | 55 |
| Gráfico 7: gráfico das rotas de Angola, Mina, Moçambique e Guiné para o Brasil | 55 |

LISTA DE IMAGENS

| | |
|---|----|
| Imagem 1: Performance “Exu o Senhor das Mil Faces” | 60 |
| Imagem 2: Cosmograma Bakongo..... | 72 |
| Imagem 3: Lwa Azili Dantor..... | 76 |
| Imagem 4: Ponto riscado de Papa Legba..... | 76 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| Apresentação | 10 |
| Saídas, travessias e chegadas: a rede de mobilidade haitiana traça ponto no Brasil..... | 10 |
| Discurso sobre a imigração e o colonialismo: a fronteira entre o Brasil imaginado, experimentado e revelado pela diáspora haitiana..... | 15 |
| Caminhos epistêmicos: lugares de formação e produção partilhada do conhecimento. | 18 |
| Caminhos epistêmicos: lugares de formação e produção partilhada do conhecimento – cartografia..... | 28 |
| Memorial Pessoal e a auto-referencia no processo de constituição do conhecimento..... | 30 |
| Capítulo 1 Capítulo 1: A ascensão da extrema-direita no Brasil e EUA e os discursos sobre a migração haitiana. | 31 |
| Mitologias Políticas..... | 33 |
| Quebra institucional e conjuntura política: o impeachment e a Lava Jato no Brasil | 36 |
| Diferenciação e estigma: a estética que revela a ética..... | 41 |
| Diferenciação racial no Brasil e a migração | 43 |
| Capítulo 2: A formação cultural nas Américas em contexto colonial: nações, portos e rotas | 47 |
| Origens africanas na formação cultural do Haiti e do Brasil..... | 51 |
| Capítulo 3: O corpo e o conhecimento em diáspora | 59 |
| A diáspora e o encantamento das Macumbas: saberes e práticas na encruzilhada..... | 61 |
| Anexos..... | 72 |
| Capítulo 4: Narrativas pessoais e a História Oral | 77 |
| Trajetórias, encontros e gravações..... | 81 |

| | |
|---|------------|
| Educação de Jovens e Adultos, Direitos e o CIEJA Perus I..... | 85 |
| História de Vida: Charles Obey..... | 91 |
| História de Vida: Carnex Arne..... | 99 |
| História de Vida: Olson Oscar..... | 120 |
| Considerações..... | 133 |
| Bibliografia..... | 138 |

APRESENTAÇÃO

Saídas, travessias e chegadas: a rede de mobilidade haitiana traça ponto no Brasil.

O terremoto de 7,3 graus da escala *Richter*, que teve seu epicentro a poucos quilômetros da capital haitiana *Port-au-Prince* completou, no dia 12/01/2023, 16 anos. O desastre natural matou cerca de 316 mil pessoas e destruiu cerca de 285 mil residências, deixando cerca de 1,5 milhões de pessoas desabrigadas¹. Muitos edifícios da estrutura governamental e de serviços privados foram atingidos, paralisando suas ações e fazendo com que se proliferasse os campos de refugiados nos limites da zona metropolitana da capital haitiana.

Ainda que o desastre natural tenha intensificado o fluxo migratório de saída do Haiti, não é sua causa isolada. O processo de modernização e globalização salvaguardou um lugar determinado para o Haiti desde a sua “invenção” colonial até os dias atuais. Nesse sentido, para além dos desastres naturais há um processo histórico e estrutural de mobilidade da população haitiana que remonta a formação histórica do país. Em um cenário de naturalização dos fenômenos sociais, o desastre ambiental teve um papel importante ao eclipsar a tragédia (neo)colonial que toda América Latina e Caribe se circunscrevem na atualidade, proporcionada pela reorganização produtiva em escala mundial.

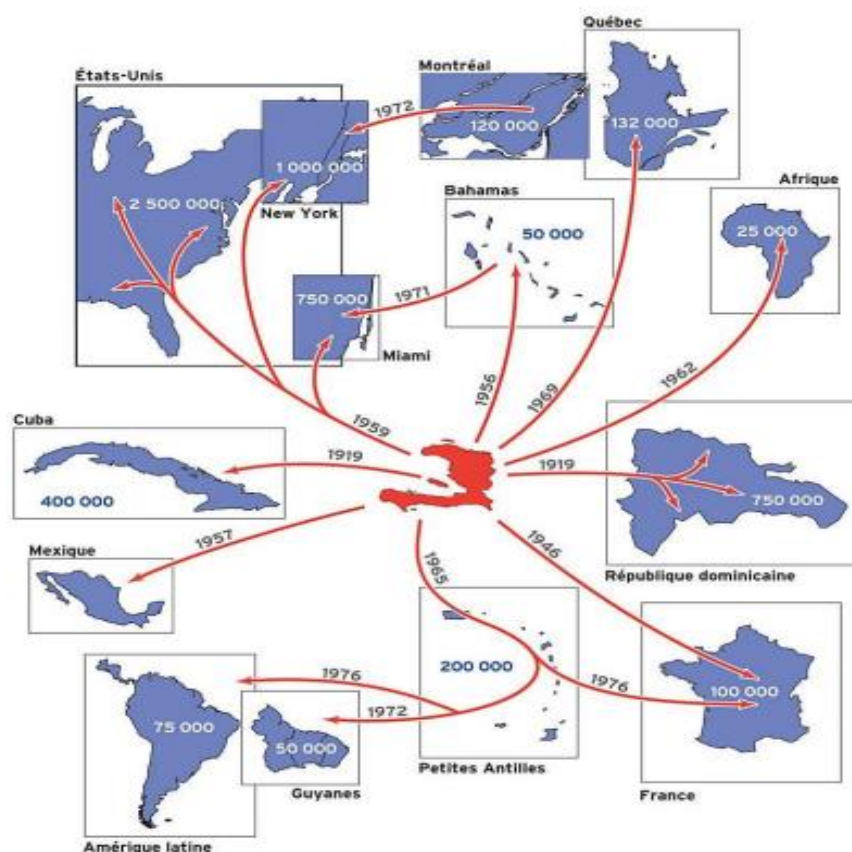
Além da colonização francesa (até o fim do século XVIII) e do boicote das potências ocidentais à independência da primeira república negra da história, o Haiti conviveu com a intensa influência econômica e política do imperialismo (desde o século XIX), contando com vários governos fantoches pró-EUA, e, inclusive, com sucessivas ocupações militares dos EUA² e da ONU³.

¹ Não há consenso sobre o número de mortos e desabrigados, podendo variar conforme às fontes. Estes números foram estimados pelo governo haitiano e divulgados pelo primeiro-ministro do Haiti na época do terremoto, Jean-Max Bellerive.

² Os EUA controlaram a alfandega do Haiti entre 1905 e 1941, sendo que, entre 1915 e 1934 houve o controle direto via ocupação militar.

³ Entre 1993 e 1996 e, pela MINUSTAH, entre 2004 e 2017. Atualmente há uma demanda diplomática dos EUA para que o Brasil participe de nova ação militar/humanitária da ONU no Haiti, até agora, rechaçada.

Nesse contexto, a partir de 2010 intensificou-se um processo de migração que a população do Haiti já participava: as rotas que já existiam⁴ intensificaram seus fluxos e novas rotas de saída e de destino foram criadas, dentre elas, em direção ao Brasil. Assim, o Brasil tornou-se um destino possível e uma alternativa aos destinos clássicos da mobilidade haitiana (Estados Unidos, França, Canadá⁵, República Dominicana⁶, Cuba, Bahamas e Guiana Francesa).



Mapa 1: As duas grandes ondas de migração haitiana do século XX (1915-35, 1965-85). Fonte: Aglande, 1982.

⁴ O processo migratório está intimamente ligado à história do Haiti. Postos em movimento, milhões de haitianos expandiram o espaço desse país para muito além de suas fronteiras demarcadas, produzindo um espaço transnacional através de variados vínculos. Estão em/são diáspora, seja no lugar de saída, de chegada ou no corredor de passagem entre ambos.

⁵ Chamados de *Peyi blanc*. Para além da conotação racial, *Peyi blanc* são países estrangeiros considerados com bom desenvolvimento socioeconômico. Segundo Handerson “no imaginário haitiano, é considerado como um paraíso, onde há neve, faz frio, ganha muito dinheiro, enfim, onde há bem-estar social, uma realidade totalmente diferente do Haiti. Nem todos os países são considerados como peyi blan, geralmente são aqueles chamados grandes países (gros ou gran peyi) como Estados Unidos, França, Canadá etc.” (Handerson, J. 2015)

⁶ República Dominicana e Haiti dividem territorialmente a Ilha de São Domingos. Estima-se que vivem atualmente de 500 a 800 mil haitianos em diáspora na República Dominicana. A República Dominicana constitui ponto importante na estratégia de mobilidade haitiana, pela possibilidade de emprego e acesso a serviços. Apesar disso, em geral, não é vista como ponto final de mobilidade desejada e sim como um “país corredor”.

Realizando uma rota transnacional, os haitianos chegaram ao Brasil, sobretudo por vias terrestres, pela fronteira norte, nas cidades de Tabatinga (AM), Assis Brasil (AC) e Brasileia (AC).



Mapa 2: Principais pontos de travessia de imigrantes haitianos da fronteira territorial brasileira, via terrestre. Imagem Google Maps, georreferenciado pelo pesquisador. Em sentido horário: Brasileia (AC); Assis Brasil (AC); Tabatinga (AM); Bonfim (RR)

No período entre 2011 e 2022, o Brasil se transformou num lugar central nas migrações internacionais em escala regional e global. No que diz respeito ao volume, segundo os dados oficiais do Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMIGRA) da Polícia Federal, há registros de 1.340.266 imigrantes residentes e temporários originários de 193 países. Destes, e, entre 2011 e 2017, a maior parte era de origem haitiana. Esse fenômeno fez com que o Brasil se tornasse o principal destino dos haitianos na América do Sul⁷. Entre 2011 e 2022, mesmo com a pandemia de Covid-19, 173 385 haitianos foram registrados no país⁸ (tabela 1).

⁷ O Chile também é um país sul-americano da rede que participa expressivamente da diáspora haitiana que se equipara numericamente ao Brasil. Há cerca de 100 mil haitianos no Chile atualmente.

⁸ Dados do OBMigra.

Tabela 1. Número de registros de migrantes, segundo país de nascimento, por sexo - Brasil, 2011 a 2022

| País | Feminino | Masculino | Total |
|--------------------------------|----------|-----------|---------|
| República Democrática do Congo | 680 | 1.171 | 1.851 |
| Gana | 728 | 1.388 | 2.116 |
| Cabo Verde | 1.117 | 1.152 | 2.269 |
| Moçambique | 1.443 | 2.273 | 3.716 |
| Guiné-Bissau | 1.515 | 2.773 | 4.288 |
| Nigéria | 970 | 3.802 | 4.772 |
| Senegal | 551 | 8.980 | 9.531 |
| Angola | 4.750 | 8.247 | 12.997 |
| Afganistão | 867 | 1.341 | 2.208 |
| Libano | 1.752 | 2.224 | 3.976 |
| Síria | 2.781 | 3.794 | 6.575 |
| República Dominicana | 1.419 | 1.356 | 2.775 |
| Cuba | 15.220 | 13.367 | 28.587 |
| Haiti | 46.264 | 127.121 | 173.385 |
| Uruguai | 8.146 | 14.079 | 22.225 |
| Perú | 10.860 | 19.923 | 30.783 |
| Paraguai | 17.074 | 15.282 | 32.356 |
| Argentina | 18.490 | 32.124 | 50.620 |
| Colômbia | 20.118 | 48.011 | 68.129 |
| Bolívia | 35.521 | 46.412 | 81.937 |
| Venezuela | 235.636 | 113.731 | 349.367 |

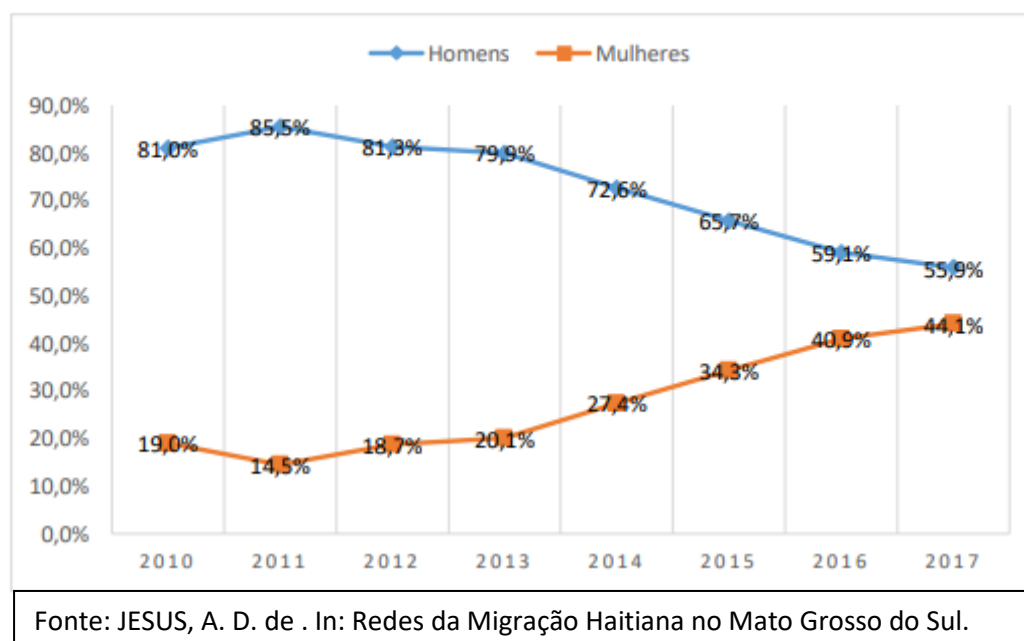
Fonte: Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Polícia Federal, Sistema de Registro Nacional Migratório (SISMICRA), 2023.

Diferentemente do passado migratório eugenista no Brasil, nessa última década houve um aumento significativo de chegada de pessoas migrantes do Sul Global, o que corresponde a aproximadamente a 70% do total de imigrantes residentes e temporários no Brasil. Como considerou Handerson, “Evidencia-se um processo de feminização e de negrização das migrações internacionais no Brasil. (...) Os dados analisados mostram que as pessoas originárias dos países africanos e caribenhos enfrentam diferentes estruturas de oportunidades sociais, notadamente no mercado de trabalho formal e qualificado, no rendimento médio mensal, quando comparado com as pessoas imigrantes oriundas da Europa e da América do Norte. As mulheres imigrantes de cor preta e parda ganham rendimentos mensais menores do que os homens brancos e as mulheres brancas, bem como os homens pretos e pardos. Isso demonstra que o incremento do volume de pessoas imigrantes de cor preta e parda não necessariamente se converte na ascensão social e profissional destes no mercado de trabalho formal, pelo contrário continuam nos lugares sócio-ocupacionais mais baixos e estigmatizados, enquanto as pessoas imigrantes europeias e norte-americanas são as que mais recebem autorização como

trabalhadores imigrantes qualificados e como investidores no país, ocupando o topo da hierarquia sócio-ocupacional. Isso, por sua vez, envolve a decadência de status social e profissional de algumas das pessoas imigrantes racializadas, principalmente aquelas de cor preta e parda que já tinham qualificação profissional ou curso superior antes de chegar ao Brasil”. (Handerson, 2022)

Como é possível deduzir pela tendência observada no gráfico abaixo, a estratégia de mobilidade consistiu em vir inicialmente uma maioria masculina para estabelecer uma rede de sustento e apoio para que viessem, gradativamente, mais mulheres.

Gráfico 1 - Divisão por sexo dos haitianos residentes no Brasil (2010 – 2017)



Uma vez que os migrantes haitianos entram no país, se deslocam para lugares de destino distintos, destaque para a concentração na região metropolitana de São Paulo e os demais estados que compõe a região Sul do país, como é demonstrado pelo gráfico abaixo:

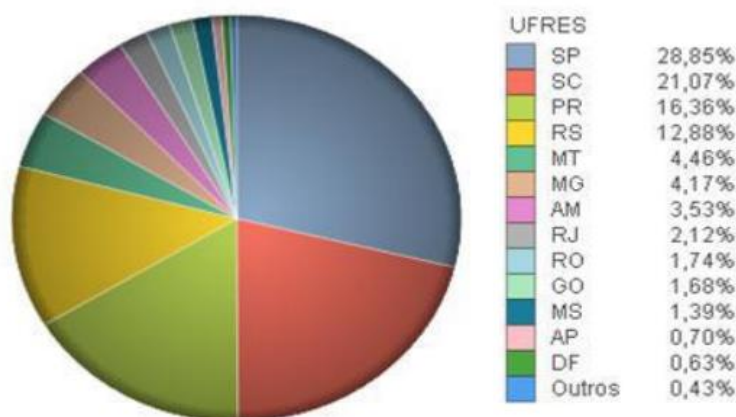


GRÁFICO – Unidades da Federação receptoras de imigrantes haitianos no Brasil, 2016
 Fonte: Dados fornecidos pela Polícia Federal ao CNIg apud IMDH, 2016

As principais razões elencadas pela bibliografia especializada e pelos migrantes haitianos para a vinda ao Brasil, incluem o papel do Estado brasileiro na ocupação militar promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) com finalidade de ajuda humanitária (MINUSTAH) entre 2004 a 2017; o momento de crescimento econômico que o país gozou entre os anos 2002 e 2014; a visibilidade internacional que o Brasil alcançou com a realização da Copa do Mundo de Futebol Masculino (2014) e as Olimpíadas (Rio de Janeiro, 2016); o apreço pela imagem construída da cultura brasileira e difundida no Haiti.

Com a participação das forças armadas brasileiras na MINUSTAH, houve uma demanda diplomática para que o Estado brasileiro acolhesse os migrantes haitianos em território nacional, promovendo um visto humanitário que dava a eles o status semelhante ao de refugiados políticos, possibilitando a emissão de documentos brasileiros, e, conseqüentemente, a possibilidade de inserção formal no mercado de trabalho.

A acolhida destes migrantes em situação de vulnerabilidade expôs a ausência de instrumentos legais do Estado brasileiro para lidar com a imigração massiva para o país, fazendo com que as autoridades brasileiras tivessem que alterar a legislação migratória do país, criando a Lei de Migração (Lei nº 13.445/17).

Discurso sobre a imigração e o colonialismo: a fronteira entre o Brasil imaginado, experimentado e revelado pela diáspora haitiana.

Para além da legislação vigente até então, a chegada de um grande número de haitianos teve forte impacto no Brasil em relação às representações, discursos e a reposição de estigmas acerca da imigração e dos haitianos. Para a melhor compreensão dos treze anos da migração Haiti – Brasil, há um corte temporal proposto, separando dois períodos distintos: o primeiro, entre 2010 e 2016, marcado pelo *boom* migratório e pelo discurso oficial de Estado, centrado no acolhimento humanitário, fortemente influenciado pelo clamor midiático decorrente do desastre ambiental; o segundo, entre 2016 e 2022, marcado sobretudo pelo discurso oficial de rejeição aos imigrantes, pela ascensão dos discursos de ódio centrados na xenofobia e no racismo e na diminuição gradativa da entrada de haitianos no Brasil, sobretudo, a partir de 2020.

A mudança do discurso oficial não significa, no entanto, que a experiência haitiana tenha se dado sem conflitos e deslocamentos raciais e culturais no primeiro período, afinal de contas, o racismo e a xenofobia já existiam no Brasil antes da quebra institucional e do pacto de governança que durou até 2016. Mas parte-se do princípio de que houve duas correlações de forças diferentes entre os períodos, com seus respectivos arranjos políticos e sociais, que impactaram diretamente na diáspora haitiana para o Brasil.

O ponto de inflexão para a ascensão do novo discurso hegemônico é sincrônico com a ascensão da extrema direita na política brasileira, que culmina com o impedimento da ex-presidente Dilma Rousseff (2016) e da eleição de Jair Messias Bolsonaro (2018-22), onde se experienciou a recessão econômica agravada diretamente pela má gestão da pandemia de Covid-19⁹.

Assim, após 2016, se tornou cada vez mais recorrente a elaboração de discursos de ódio na representação dos haitianos no Brasil, pesando o estigma de selvagens, não-civilizados, violentos e mistificadores, reforçando estereótipos negativos sobre a cultura haitiana. Estes discursos contrastaram com a autoimagem fantasiosa, na qual o Brasil seria um lugar singular de acolhimento,

⁹ Ou gestão eficiente no ponto de vista de genocídio desejado.

de valorização das liberdades individuais e, sobretudo, de democracia racial, expondo-a.

Há uma crença generalizada no Brasil, difundida pelos beneficiários da escravidão, de que o sistema escravista português teria sido menos violento em comparação a outros lugares da América. Este argumento é sustentado pelo alto grau de miscigenação racial que o país apresenta em comparação, por exemplo, com os EUA. Sob esta lógica, o Brasil seria um lugar de democracia racial, ou ainda, lugar de relações pós-raciais, onde a categoria de raça, e, portanto, o racismo, não existiria. Essa ideia ganha ares de cientificidade a partir da obra de Gilberto Freyre, “Casa Grande e Senzala”, que oculta, na formação social do Brasil, o processo de estupro das mulheres negras e indígenas como gênese da mestiçagem brasileira.

Apesar de uma legião de estudos acadêmicos de diversas áreas nos séculos XX e XXI¹⁰, o engodo da democracia racial ainda povoa a imagem do país, tanto interna quanto externamente. A expectativa de recepção dos haitianos no Brasil contrasta com o racismo com qual os migrantes relatam que foram submetidos.

Sob o manto da competição e da justificativa de proteção aos trabalhadores nacionais, uma onda de repulsa aos estrangeiros se constituiu, diferenciando claramente os migrantes desejados e indesejados¹¹. O cerceamento de corpos específicos religou as categorias de raça e cultura na hierarquização eurocêntrica entre os povos: avançados e atrasados, civilizados e selvagens, dos que tem direito a humanidade, cidadania e a vida e dos que podem (ou devem) ser eliminados, fisicamente e simbolicamente.

Esta onda de repulsa revelou o que a sociedade brasileira nega e combate em si própria: o Brasil é um país de maioria não-branca, com uma população formada pela migração e pela escravidão, que teve como resultado a miscigenação racial (forçosa na condição de violação e do estupro) e cultural (imposta pela evangelização). Neste sentido, a imigração haitiana foi duplamente

¹⁰ Florestam Fernandes, Roger Bastide, Kabenguele Munanga, Abdias do Nascimento, entre outros.

¹¹ Destaco, dentre as imigrações recentes para o Brasil, a forma como imigrantes vindos da Síria, Angola, Senegal, Gana, Bolívia, Venezuela, Cuba e Haiti são representados e vistos pela sociedade brasileira, contrastando com a imagem do europeu ou estadunidense branco.

atacada. Sobrepõe-se à xenofobia, um discurso profundamente racista. Há assim, uma nova tentativa de silenciar as experiências haitianas que tem a potência de abalar o regime colonial: a autolibertação dos povos negros.

Do projeto revolucionário abolicionista e anticolonial levado à cabo no final do século XVIII e início do século XIX, às contribuições para a afirmação da negritude e do Pan-Africanismo no século XX, do assentamento das religiosidades africanas e diaspóricas presentes em séculos das encantarias do Vodou às manifestações anti-imperialistas que estão ocorrendo no Haiti desde 2020 e intensificadas pelo assassinado do presidente Jovenel Moïse em 2021: as contribuições das experiências haitianas para a humanidade são tão vastas e significativas – e instigam reinvenções sociais tão profundas – que são perpetuamente combatidas pelo edifício colonial em tentativas frustradas de serem plenamente eliminadas.

É neste sentido que a disputa entre o que ou quem deve ou não existir do lado de dentro da fronteira revela o fundamento e um dos funcionamentos mais basilares da sociedade moderna: a concepção das fronteiras enquanto ordenamentos territoriais - estatais e jurídicos - que confinam uma determinada cultura, pretensamente homogênea, que necessita de defesa militar (ou paramilitar miliciana) para manter sua coesão e soberania, recriando a ideia da supremacia do Estado sobre os cidadãos, que estariam plenamente sujeitados pela repressão e pela violência física e simbólica a assumir os papéis sociais desejados pelo poder hegemônico. Sob esta lógica, os corpos e os sonhos que não se enquadram, devem ser eliminados, já que põe o status quo atual em risco¹².

Caminhos epistêmicos: lugares de formação e produção partilhada do conhecimento

As considerações a seguir tem como objetivo situar o leitor em relação às escolhas metodológicas e estéticas que nortearam a realização do trabalho, apresentando a revisão bibliografia escolhida. A autoanálise retrospectiva tem

¹² Ver Necropolítica, de Achille Mbembe

como expor as tensões teóricas e criativas “por trás das cortinas” do fazer próprio da pesquisa e da escrita.

Se faz necessário a apresentação do percurso e dos lugares de formação que contribuíram para o desenvolvimento das ideias que serão expostas, afinal, parte-se do princípio de que o conhecimento é um processo de construção coletivo e que não se finda com a defesa do presente trabalho. Algumas das ideias por mim desenvolvidas no texto tem vinculação direta com estes espaços e, na busca por uma prática acadêmica pautada em comportamentos éticos, não podem deixar de ser creditados.

O programa de Pós-Graduação interdisciplinar em “Humanidades, Direitos e outras Legitimidades”, possibilitou grande variedade de saberes: aulas compartilhadas entre três professores de áreas diferentes, articulados por eixos temáticos comuns; a valorização da prática e da experiência como forma de produção de conhecimento; a coexistência e diálogo com os saberes das culturas tradicionais. A escolha da bibliografia dialoga com o conhecimento – teórico e prático - acumulado pelo DIVERSITAS/FFLCH.

Destaco a realização de quatro disciplinas cursadas no contexto do programa: “Etnocentrismo, Natureza e Cultura¹³”, “Expressões de Memória, História Oral e Produção de Presença¹⁴” e “O Lugar das Performances: Produção Partilhada de Conhecimento¹⁵”, ambas ministradas pelo coletivo interdisciplinar de professores que compõe o DIVERSITAS/FFLCH; “O Discurso da Intolerância”, disciplina oferecida pela Pós-Graduação do Departamento de História/FFLCH¹⁶.

A única exceção de disciplina cursada fora do programa e incorporada no presente trabalho, “O Discurso da Intolerância” compartilhou as bases teórico-metodológicas para a análise de discursos, em especial, o conceito de mitologias políticas¹⁷ foi utilizado em escala de tempo de longa duração para a

¹³ Ministrado pelos profs. Drs. Sergio Bairon, Zilda Iokoi, Maurício Cardoso e Sandra Regina

¹⁴ Ministrado pelos profs. Drs. José Carlos Sebe Bom Meihy; Marta Gouveia de Oliveira Rovai; Suzana Lopes Salgado Ribeiro

¹⁵ Ministrado pelos profs. Drs. Margarida Moura, Gilson Schwartz e José Vasconcelos

¹⁶ Ministrada pela Profa. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro

¹⁷ Ver GIRARDET, Raoul. Mitos e mitologias políticas. Companhia das Letras. São Paulo, 1987

compreensão da transformação dos discursos hegemônicos sobre a imigração haitiana no Brasil e sua relação com a ascensão da extrema-direita no país, foi explorado **no capítulo 1 “A ascensão da extrema-direita no Brasil e EUA e os discursos sobre a migração haitiana”**. Os conceitos de estigma e de estereótipo¹⁸ propiciaram uma ligação entre às mitologias políticas e a invisibilidade (do ponto de vista de políticas públicas de inclusão e cidadania) e a super-visibilidade (do ponto de vista da necropolítica¹⁹) dos haitianos no Brasil.

Os debates oriundos da Antropologia, compartilhados em “Etnocentrismo, Natureza e Cultura” forneceram bases teórico-conceituais para a separação entre as categorias de raça (biológica) e cultura, promovendo a crítica ao darwinismo social e a linearidade histórica que opõe civilizações atrasadas-adiantadas, concepções presentes na formulação da Antropologia Histórica, proposta por Franz Boas, e em sua releitura, por Margarida Moura.

A crítica à linearidade histórica se faz presente ao longo do texto, mas é especialmente perceptível quando se expõe a diferenciação experimentada no Brasil pelos imigrantes haitianos entre os civilizados – herdeiros da civilização cristã, branca e ocidental – em oposição aos “outros” – herdeiros da selvageria negra, africana e idólatra (feitiçaria) – mediada por uma construção social que se estrutura em torno de justificativas (pseudocientíficas, religiosas e culturais) que exaltam uma superioridade etno-cultural euro-centrada²⁰.

Do incômodo de que a descrição das raízes culturais do Haiti e do Brasil são, em geral, descritas genericamente como “africanas”, apagando a diversidade e identidade das nações constituintes originárias das culturas americanas contemporâneas, surgiu o **capítulo 2 “A formação cultural nas Américas em contexto colonial: nações, portos e rotas”**.

¹⁸ Ver GOFFMAN, Erving. Estigma – La identidade deteriorada. Amorrortu editores. Buenos Aires, 1963

¹⁹ Conceito proposto por Achile Mbembe. A necropolítica pode ser compreendida como a relação entre a política e a morte em sistemas que não podem funcionar a não ser em estado de urgência, militarismo e guerra contínua, discriminando as vidas que serão cuidadas das vidas que serão eliminadas.

²⁰ Ainda que o Brasil não seja parte da Europa e que sua população não seja majoritariamente branca e inteiramente cristã, a identidade nacional foi construída, desde a colonização, em oposição ao “outro” – corpo inimigo (negro e indígena) a ser convertido, escravizado e/ou eliminado.

O aproveitamento da disciplina “O Lugar das Performances: Produção Partilhada de Conhecimento” se deu, sobretudo, pela crítica da noção de saber científico que se tornou hegemônico na Modernidade. A crítica à epistemologia moderna foi construída em oposição ao paradigma kantiano de que o saber científico deveria ser pautado exclusivamente na racionalidade pura, relegando a subalternidade os saberes orais coletivos, os conhecimentos populares, a filosofia e as artes. A própria disposição espacial da disciplina, no Teatro Pessoal do Faroeste, proporcionou um arranjo espacial pouco convencional na academia²¹, fomentando a criação de redes que possibilitassem à superação das limitações do meio universitário, mas também dos aparelhos culturais.

Nesse sentido, a separação formal entre o conhecimento científico e a estética, apartada da ciência e, portanto, do conhecimento superior, delimitaria sua pertinência somente aos sentimentos e aos gostos particulares e, por isso, teria espaço somente nas artes. Esta concepção se torna explícita no **capítulo 3 “O corpo e o conhecimento em diáspora”**, onde há uma escolha metodológica em expor a performance como parte do processo criativo e uma escolha estética na forma de narrativa textual como parte de um esforço de produção e demonstração do conhecimento científico que tente superar a ideia de que o conhecimento científico só é permeável por forma escrita técnico-metodológica esteticamente enquadrada como monografia. Estas concepções foram apresentadas a partir das obras de Walter Benjamin, Nicolau Svecenko, Peter Burke e Sérgio Bairon.

Como narrativa, há um desenrolar das ideias em um sentido não linear, em cadência e ritmo que se aproximam da fala, que acompanha as tradições orais as quais o conteúdo, que denominadas de “epistemologia das macumbas” remete. O narrador se torna parte da narrativa na medida em que não nega o papel da própria experiência durante o fazer e o relatar do conhecimento. Nas palavras de Benjamin, “a narrativa não está preocupada em transmitir o puro em si, da coisa narrada como uma informação ou relatório. Ela mergulha a coisa na

²¹Tanto pelo deslocamento da comunidade acadêmica para fora da Cidade Universitária em direção à Luz e a Cracolândia, como no rearranjo interno das relações entre professores, alunos, agentes culturais e a comunidade local.

vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, se imprime na narrativa a marca do narrador, assim como a mão de um oleiro na argila do vaso.”²²

Grande parte dos conhecimentos narrados no referido capítulo tiveram como espaço de formação o **Núcleo de Artes Afro-Brasileiras da USP**, ocupação artística cultural na Cidade Universitária desde 1997, sob a zeladoria do Mestre Pinguim, discípulo do Mestre Gato Preto, Berimbau de Ouro da Bahia. Destaco no conhecimento prático da cultura afro-brasileira o esforço de superar as categorias analíticas e filosóficas ocidentais, igualmente presentes no *indigenisme*²³ haitiano, que tem como objetivo descolonizar o pensamento e demonstrar as possibilidades e potencialidades transformadoras dos sistemas de crença das comunidades de terreiro em seu aquilombamento contínuo. Estes ethos são similares no Brasil e no Haiti porque partem de raízes comuns: a África e o espalhamento populacional forçoso das suas diversas nações pelo continente americano.

Desta forma, é necessário tornar explícito que, segundo esse ponto de vista, apesar da escravidão negra nas Américas ser compreendida como a mais terrível das tragédias sócio-históricas, é uma escolha metodológica e política não representar os corpos e as culturas afro-diaspóricas apenas como sujeitados pelo homem branco ocidental, quer pela dor do chicote e pela bala, quer pela cruz. Há na resistência à escravidão e à colonização do pensamento – enquanto ações políticas, culturais e simbólicas – mais do que apenas o resgate da autoestima dos povos subalternizados, o que não nego que ocorra, mas a capacidade de reinvenção do mundo em um fazer contínuo e inacabado segundo uma nova lógica de ressocialização.

Os terreiros e os quilombos, como espaços geográficos singulares, são lugares de formação educacional, religiosa, de cura física e espiritual, de acolhimento, de autorreconhecimento, de arte, de encontros e de conspirações políticas por libertação. A coletânea de textos organizados por Patrick Bellegarde-Smith e Claudine Michel²⁴, demonstra como o Vodou é um sistema de

²² In: BENJAMIN, W. Magia e técnica, Arte e Política. P. 205

²³ Fora do Haiti, é conhecido como negritude.

²⁴ BELLEGARDE-SMITH, P. MICHEL, C. Vodou Haitiano: Espírito, Mito e Realidade

crenças filosóficas complexo, onde cada um destes aspectos, para além de uma visão puramente religiosa, estão ligados.

Nesse contexto, não há a divisão formal das áreas do conhecimento parcelares, tão comum à lógica ocidental dos especialistas, mas, ao contrário, todas estas práticas estão fundidas no cotidiano vivenciado²⁵. A resistência ao processo de modernização é o pilar fundamental estruturante destes espaços, pois foi um imperativo do seu processo histórico de desenvolvimento. Com isso não quero dizer que os espaços dos terreiros e dos quilombos estejam completamente apartados da sociedade moderna ou que não possam recriar formas de poder na esteira do processo de autolibertação de seus membros.

A relação entre mestre e discípulos, entre pais e mães de santo e seus filhos é uma relação hierárquica e, na maioria dos casos, sobretudo em terreiros em áreas urbanas, há uma dependência material dos membros que vivem dentro do terreiro em relação aos que vivem fora ligando-os com o restante da sociedade. Em especial, a inserção destas comunidades no contexto das relações sociais monetizadas deve ser olhada com cuidado, assim como a divisão do trabalho dentro da própria comunidade. No entanto, não é objetivo deste trabalho fazer a crítica às comunidades de *axé*²⁶, e sim, incorporar suas potencialidades constitutivas para tentar, como diria Ailton Krenak, adiar o fim do mundo²⁷.

Em “Expressões de Memória, História Oral e Produção de Presença”, debatemos as questões expostas no **Capítulo 4 “Narrativas pessoais e a História Oral”**. Muito mais do que um manual de História Oral, as reflexões a respeito do tensionamento de poder, as formas de entrevistas, as reflexões sobre a postura e o comportamento do pesquisador foram importantes para a realização do trabalho.

As entrevistas que foram gravadas são parte de um processo de rememoração, momento fundamental da construção de identidades individuais

²⁵ Ver RUFINO, L. e SIMAS, L. A. A ciência encantada das macumbas

²⁶ Palavra de origem lorubá, que significa energia vital. No Haiti as comunidades de terreiro são conhecidas pela expressão em crioulo *sèvi Lwa*, em tradução literal, servir os espíritos.

²⁷ Em livro homônimo, Ailton Krenak defende que os vínculos profundos com a memória ancestral e com identidade decorrente desta memória é o que livra as pessoas de enlouquecem frente a abstração civilizatória moderna.

e coletivas. O passado rememorado serve de validação do presente narrado, selecionando o que é relevante para a formação destas identidades. “Nos definimos a partir do que lembramos e esquecemos juntos, reorganizando a memória”²⁸.

Dentre os espaços de convivência com a comunidade haitiana para a realização do trabalho de história oral, o **CIEJA Perus – I** foi, seguramente, o mais importante. O CIEJA Perus – I é uma escola que recebe uma grande quantidade de imigrantes haitianos e realiza um trabalho de referência no acolhimento, formação e troca de saberes com os alunos e alunas. Dois dos três haitianos que se dispuseram rememorar suas experiências a contar suas histórias de vida o fizeram por intermédio da escola e da comunidade escolar.

Se por um lado as memórias coletivas e os grupos que estão vinculados a elas existem no plural, por outro, a História, enquanto memória oficial geral e disciplina científica moderna, que constrói uma moldura integradora para múltiplas narrativas, existe somente no singular. Nesta perspectiva, a História e a memória se limitam e se complementam mutuamente, enquanto formas opostas de recordação e de formação das identidades.

A escolha pela história oral se deu pela possibilidade de as experiências formativas da autoimagem do imigrante reivindicar seu espaço de fala na constituição da História, funcionando como uma contra recordação que questiona a legitimação da memória oficial, que tende a barrar contradições em seu discurso, e que, por isso, mutila possibilidades e alternativas, tornando-se absoluta e, na medida que silencia as demais memórias, fundamentalista.

Michel-Rolph Trouillot, em sua obra “Silenciando o Passado: Poder e a Produção da História” defende que o silenciamento das experiências revolucionárias haitianas, em especial ao processo revolucionário abolicionista e anticolonial ocorrido no final do séc. XVIII e início do séc. XIX, que culminou na primeira república negra da história, tem como objetivo a recondução da inferiorização e passividade dos negros enquanto uma condição ontológica de subalternidade.

²⁸ In: ASSMAN, ELEIDA. Espaços de recordação: formas de transformação da memória cultural.

Para o autor, a construção da categoria de humanidade pelo ocidente, simultaneamente com a colonização das Américas e da escravidão dos povos africanos e nativo-americanos, supõe, desde a sua conceitualização pelos filósofos iluministas, uma hierarquização dos povos segundo sua natureza: de um lado os que possuem humanidade, do outro, os que estariam na condição de objeto.

“Quanto mais os mercadores e mercenários europeus compravam e conquistavam outros homens e mulheres, tanto mais os filósofos europeus escreviam e falavam sobre o Homem. (...) Os grupos não europeus foram forçados a caber em variadas esquematizações filosóficas, ideológicas e práticas (onde se) reconheciam níveis distintos de humanidade, (...) alguns humanos eram mais humanos que outros. Pois, de fato, no horizonte do Ocidente do final do século XVIII, o Homem (com H maiúsculo) era fundamentalmente europeu e masculino (...) seres humanos ainda não ocidentalizados, nativos da África ou das Américas, estavam no nível mais baixo da escala. A colonização forneceu o impulso mais vigoroso para a transformação do etnocentrismo europeu em racismo científico (...) Os negros eram inferiores e, em decorrência, escravizados; os escravos negros comportavam-se mal e, em decorrência, eram inferiores. Em resumo, a prática da escravidão nas Américas assegurou que os negros continuassem a ocupar a posição mais baixa no mundo humano. (TROUILLOT, MICHEL-ROUPH. In: Silenciando o Passado: Poder e a Produção da História, 1995)

O racismo científico, previsto pelo humanismo iluminista, foi colocado em xeque pela experiência revolucionária no Haiti na medida em que a aceitação desta experiência enquanto ação de resistência política significaria o reconhecimento categorial de sua humanidade. Um Estado Negro, impensável pela intelectualidade iluminista europeia e estadunidense desafiou pela prática revolucionária a construção da ontologia das raças presente na filosofia iluminista, em um momento em que não era reconhecido pelos filósofos ocidentais o direito à autodeterminação dos povos não-ocidentais. Por ter essa potência de desnudar o racismo científico e a hierarquização das raças, houve a necessidade do apagamento destas experiências que, ainda hoje, salvo pelo movimento negro e os lugares que o ecoam, continuam silenciadas²⁹.

A perspectiva individual, presentes na história de vida, alicerçada no conceito de experiência, nos permite problematizar um enfoque puramente estrutural, sistêmica ou social, recolocando os sujeitos sociais – e os relatos que constroem acerca das próprias relações vividas – nas narrativas sobre o

²⁹ A exclusão da Revolução Haitiana (1791-1804) dos livros didáticos do Ensino Fundamental e Médio é parte deste processo de silenciamento.

processo de imigração. Isso não significa que há um abandono pleno da noção de totalidade do fenômeno migratório, ou que os métodos quantitativos devam ser totalmente abandonados.

Em alguns casos, como no capítulo “A formação cultural nas Américas no contexto colonial: nações, portos e rotas” e na apresentação geral do fenômeno da imigração haitiana para o Brasil, se utilizou de métodos quantitativos. No primeiro caso, se fez necessário recorrer ao método quantitativo para superar a generalização da origem africana na formação cultural do Haiti; no segundo, teve como objetivo dimensionar a grandeza do fenômeno e seu espraiamento, assim como estabelecer suas características gerais que possam melhor situar o leitor sobre o tema.

A escolha pela diversidade metodológica tem o objetivo de possibilitar interpretações mais complexas a respeito do fenômeno social analisado, na medida em que busca superar áreas de conhecimento parcelares, permitindo um entendimento em diferentes escalas. Assume-se como ponto de partida que não há verdade científica única e universal e reconhece-se que nenhuma teoria, por melhor que seja, consiga, por si só, explicar a complexidade da sociedade contemporânea isoladamente.

Algumas publicações sobre as relações entre Haiti e Brasil merecem destaque pela capacidade de permear os lados da fronteira, o que lhes conferem profundidade na análise. Em especial, os trabalhos de Joseph Handerson, foram referenciais fundamentais para a compreensão da relação entre as culturas brasileiras e haitianas, explorada em sua tese de mestrado “Vodu no Haiti – Candomblé no Brasil: identidades culturais e sistemas religiosos como concepções de mundo afro-latino-americano” e pela dimensão migratória na experiência haitiana de diáspora, presentes em sua tese de doutorado “Diáspora: as dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa”.

O uso da diáspora no presente trabalho buscou sentido amplo como apresentado por Handerson: simultaneamente dispersão de um grupo social e, experiência social de mobilidade contínua acumulada, podendo ser conjugada como adjetivo ou substantivo, a depender do contexto. A escolha da palavra

diáspora em dualidade para descrever o “espalhamento” da população haitiana na contemporaneidade e das diversas nações africanas nas Américas a partir da escravidão e do colonialismo não tem intenção de igualar, do ponto jurídico ou humanitário, escravidão e imigração.

Se reconhece que a imigração não é um fenômeno plenamente livre, no sentido de mobilidade voluntária, ao contrário, nasce condicionada a uma necessidade imposta de mobilidade. No entanto, o imigrante tem maior autonomia comparativa em relação a escravidão, para tecer suas próprias estratégias para lidar com as interdições impostas, para utilizar das possibilidades que encontra e dispõe.

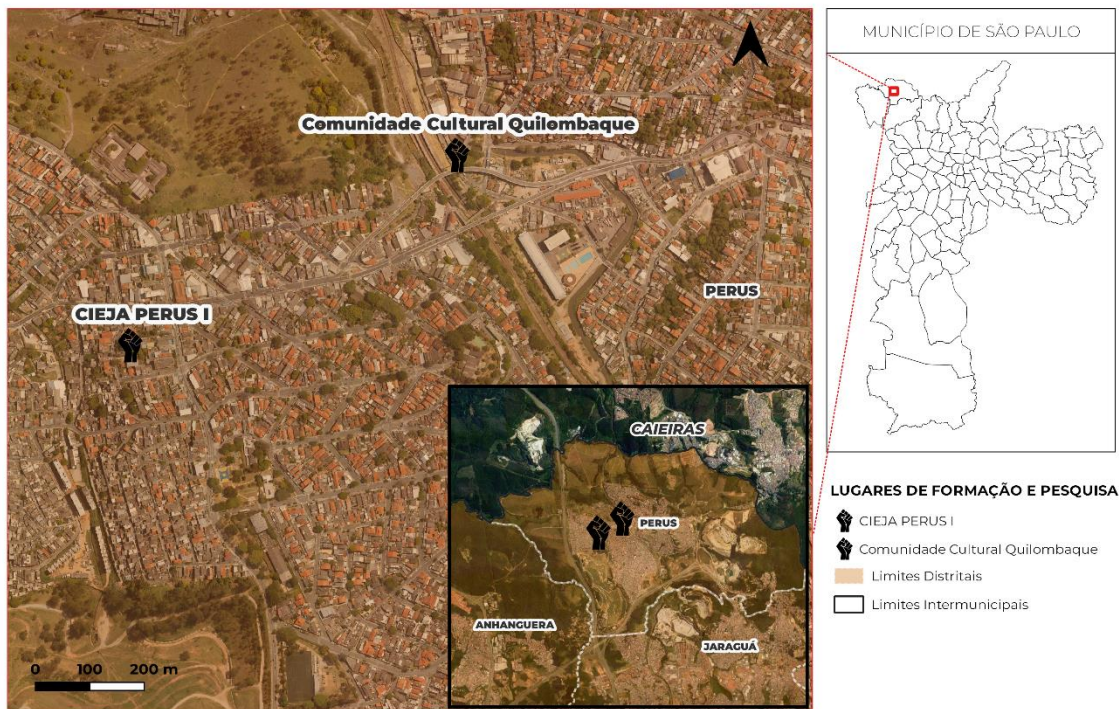
Igualmente, a diáspora foi entendida como laço sociais entre pessoas em territórios distintos, mas que possuem identidade comum, não estando, necessariamente, atrelada a experiência hebraica após a destruição do antigo Estado de Israel e exílio babilônico³⁰

Por fim, o presente trabalho se junta ao esforço acadêmico proposto pelo DIVERITAS/FFLCH de valorização da experiência para a constituição de conhecimento sobre a imigração haitiana para o Brasil, expressas nas teses de mestrado “Dèyè mòn, gen mòn: Imigração Haitiana no Brasil – Relatos do Vivido”, de autoria de Fabiana Bezerra Nogueira, e a “Imigração Haitiana no Brasil” e “Na terra de Bom Bagay: integração e estratégias de permanência de haitianos na Grande São Paulo”, de autoria de Cristiane de Fátima Barbosa.

³⁰ A experiência social de diáspora é tida, pela tradição judaico-cristã, como uma e punição: “Ficareis poucos em número, desarraigados sereis da terra. O Senhor vos espalhará entre todos os povos, desde uma até à outra extremidade da terra. Servirás ali a outros deuses que não conhecestes, nem tu, nem teus pais, servirás à madeira e à pedra. Nem ainda entre estas nações descansarás, nem a planta de teu pé terá repouso, porquanto o Senhor ali te dará coração tremente, olhos mortiços e desmaio de alma. A tua vida estará suspensa como por um fio diante de ti, terás pavor de noite e de dia e não crerás na tua vida”. Deuteronomio, 28, v 62-66

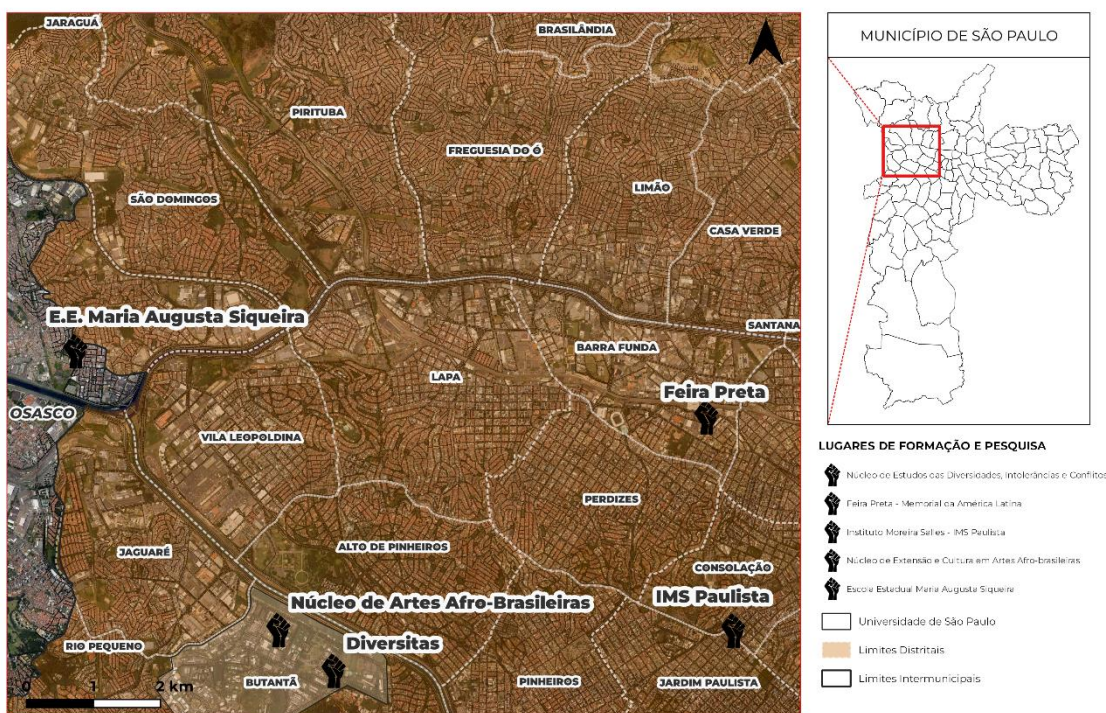
Caminhos epistêmicos: lugares de formação e produção partilhada do conhecimento - cartografia

PRODUÇÃO PARTILHADA DO CONHECIMENTO LUGARES DE FORMAÇÃO E PESQUISA - NOROESTE



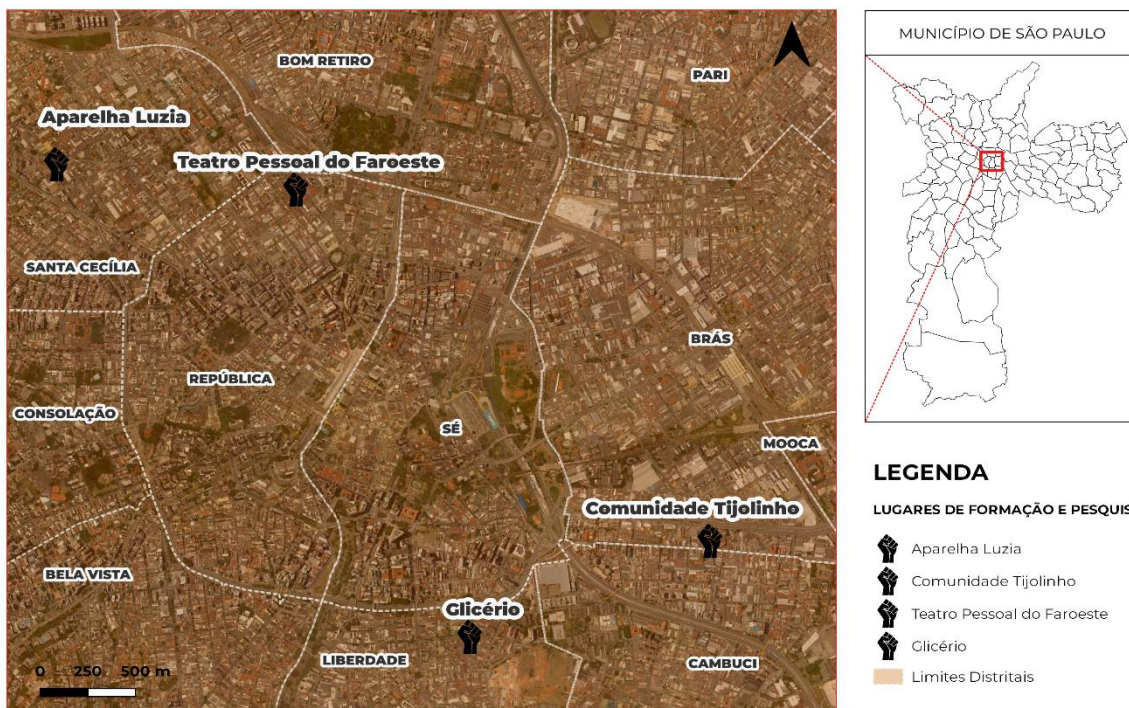
Fonte de Dados: Limites Distritais (GeoSamoa, 2023) | Projeção Universal Transversa de Mercator | Datum: Sirgas 2000/ Fuso 23 Sul | Elaboração: Pedro Caetano Almeida (@caet_graf) | Data: 21/09/2023

PRODUÇÃO PARTILHADA DO CONHECIMENTO LUGARES DE FORMAÇÃO E PESQUISA - OESTE



Fonte de Dados: Limites Distritais (GeoSamoa, 2023) | Projeção Universal Transversa de Mercator | Datum: Sirgas 2000/ Fuso 23 Sul | Elaboração: Pedro Caetano Almeida (@caet_graf) | Data: 21/09/2023

PRODUÇÃO PARTILHADA DO CONHECIMENTO
LUGARES DE FORMAÇÃO E PESQUISA - CENTRO



Fonte de Dados: Limites Distritais (GeoSampa, 2023) | Projeção Universal Transversa de Mercator | Datum: Sirgas 2000 / Fuso 23 Sul | Elaboração: Pedro Caetano Almeida (@cae_grafie) | Data: 2/09/2023

Memorial Pessoal e a auto-referência no processo de constituição do conhecimento

Como todo ponto de vista é implicado e não se pretende aparentar neutralidade ao longo desse trabalho e, considerando que a forma como fui visto permeia a construção das histórias orais (cap. 4), assim como minha trajetória pessoal está diretamente implicada na narrativa perfilada sobre o lugar do corpo na construção de conhecimento (cap. 3), fez-se necessário, para melhor situar o leitor, uma pequena apresentação pessoal.

Sou um homem cisgênero de 36 anos (em 2023), percebido socialmente como uma pessoa branca, nascido e criado em Belo Horizonte/MG, onde me mantive até migrar para São Paulo, aos 17 anos de idade, onde permaneço até hoje.

Nos últimos dez anos tenho me dedicado às atividades da cultura através dos ensinamentos do meu Mestre, o Pinguim, no Núcleo de Artes Afro-brasileiras da USP, chão do grupo de Capoeira Angola Guerreiros de Senzala. Durante esse período fui iniciado e feito Sacerdote de Umbanda (2014-23) Tenda de Umbanda Oxum da Mina e Ogum 7 Espadas, em São Paulo/SP, e posteriormente iniciado como lawo no Candomblé Ketu (2023), no Ilê Axé Ya Omin, em Santo Amaro da Purificação/BA. Durante o processo de construção partilhada do conhecimento, uma das minhas atividades consistiu em participar das aulas de coral no Cieja Perus - I, como percussionista.

Capítulo 1: A ascensão da extrema-direita no Brasil e EUA e os discursos sobre a migração haitiana.

O presente capítulo pretende relacionar a ascensão política da extrema-direita no Brasil com a reinvenção de antigas narrativas que buscam fortalecer os discursos de ódio e a perseguição aos inimigos da nação, com objetivo da eliminação de sujeitos que potencialmente – segundo tal lógica – pudessem transformar a sociedade que integram. Especificamente, abordarei os aspectos mais relevantes no que diz respeito à imigração haitiana para o Brasil. Como o fenômeno da ascensão da extrema-direita no Brasil (Jair Messias Bolsonaro) se modela pela ascensão da extrema-direita nos Estados Unidos (Donald Trump) e a ela bate continência, houve uma escolha de analisar os discursos conjuntamente.

É necessário explicitar que a quebra da institucionalidade e do pacto de governança do Estado brasileiro em 2016, escolhido como marco temporal para a mudança de paradigma sobre nas narrativas dominantes sobre a imigração haitiana, não significam o início da existência das mesmas: ao contrário, as imagens sobre o Haiti e os haitianos já povoa o inconsciente coletivo brasileiro e estadunidense a muitos séculos.

Historicamente, o Haiti foi considerado o país mais africano das Américas. A imagem recorrentemente associada ao Haiti está ligada a revolução abolicionista e anticolonial levada a cabo por ex-escravizados durante o final do séc. XVIII e início do séc. XIX, fazendo do Haiti a primeira república negra da história. O temor das sociedades racistas e coloniais criou uma imagem do Haiti ligada à violência, à selvageria e a magia negra³¹.

Tradicionalmente, a ideia de haitianismo está associada ao temor da perda do controle da sociedade pela branquitude colonial dos países americanos, a partir de um movimento abolicionista revolucionário. Segundo Sidney Chalhoub,

³¹ A Magia é Negra simultaneamente pela oposição à iluminação divina, essencialmente boa, e pela cor de pele dos praticantes, que também seriam a personificação do Mal.

“em 1805, um ano após a Proclamação da Independência do Haiti, foram encontrados no Rio alguns ‘cabras’ e crioulos forros ostentando no peito o retrato de Dessalines, o ex-escravo e ‘Imperador dos Negros da Ilha de São Domingos’; em 1831, chegou ao conhecimento da polícia que dois haitianos haviam desembarcado no Rio de Janeiro e tinham sido vistos conversando com ‘muitos pretos’. (...) Não há, é verdade, nenhuma referência conhecida a uma insurreição de negros de grandes proporções na cidade do Rio no século XIX. Todavia, o temor de que isto ocorresse era sólido como uma rocha, e era realimentado de vez em quando por revoltas urbanas em outros lugares, por notícias de haitianos passeando nas ruas da Corte, ou pelos rumores de uma conspiração internacional para subverter as sociedades escravistas”³²

A influência política e econômica dos EUA e demais potências ocidentais sobre o Haiti durante o século XX também difundiu imagens pejorativas de parte das tradições religiosas haitianas que foram extensivamente reproduzidas pela indústria cultural de Hollywood. O Vodou, religião africana e diaspórica assentada no Haiti e na Luisiana, foi provavelmente o culto religioso mais negativamente estereotipado pelas narrativas hollywoodianas, essencialmente ligadas ao culto ao Mal. Em especial o gênero de terror “Zumbi”, marcado pela perda da vontade própria e personalidade das pessoas “mortas-vivas” ávidas por sangue e carne, transformadas por cerimônia de Vodou e o “boneco de Vodou”, que permitiria a um sacerdote de Vodou a manipular o corpo de terceiros sem consentimento, via de regra, para provocar dor ou a morte.

Assim, muito antes do boom migratório entre o Haiti e o Brasil a partir do terremoto que teve seu epicentro a poucos quilômetros da capital haitiana Port-au-Prince em 2010, já havia imagens pré-concebidas do Haiti e dos haitianos no Brasil.

No entanto, dentro de periodicidade proposta pelo presente trabalho (2010-2023), há um momento de ruptura em que os discursos de xenofobia e racismo emergem e tomam o discurso oficial do Estado, sendo causa e

³² In: “Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte”, São Paulo, 1990

consequência da ascensão política de grupos de extrema-direita no Brasil (em consonância com os EUA). Tais regimes apresentaram características comuns, seja no aspecto discursivo, nesse caso em especial, sobre a imigração haitiana, seja na construção da imagem pública e base de sustentação política, com ecoando o ultra-nacionalismo anti-imigração, símbolos associados a masculinidade misógina, belicismo, supremacia branca, fanatismo cristão, deslegitimação das instituições democráticas e, por fim, quando fracasso eleitoral, tentativa de golpe³³.

Mitologias Políticas

Para a elucidarmos a narrativa que se tornou hegemônica entre 2016-2022 no Brasil, é necessário um alargamento periódico, uma vez que o imaginário político é uma estrutura de pensamento e de ideias que persistem as mudanças de governo e remontam a outros períodos.

Há inúmeras coincidências de narrativas durante a ascensão de regimes antidemocráticos no Brasil: golpes, autoritarismo e suspensão de Direitos, são fenômenos tão comuns que se supõe que são regra, e não exceção³⁴. Somente no período republicano houve diversos golpes de Estado, com participação direta das forças armadas na política, assumindo o Executivo e cerceando o Legislativo e Judiciário, atuando como se autointitulou: “um poder moderador”³⁵.

O primeiro deles, é a própria fundação da República, que garantiu o pacto das oligarquias cafeeiras, num regime de votação pública que só incluía homens letrados³⁶. O arranjo político é rompido pelo golpe de Vargas que instituiu o Estado Novo (1930-1945). Entre o período entre ditaduras, o Brasil passou por diversas crises, culminando no suicídio de Vargas (1954)³⁷, na renúncia de Jânio Quadros (1961), e, por fim, no golpe que instaura a Ditadura Civil-Militar (1964-85). Assim,

³³ 06/01/2021, apoiadores de Donald Trump invadem o Capitólio e 08/01/2022 apoiadores de Jair Bolsonaro invadem às sedes dos Três Poderes, em Brasília.

³⁴ Em toda a história do Brasil somente 4 presidentes iniciaram seus mandatos concedidos pelo voto universal direto até o final: Fernando Henrique Cardoso (95-98/99-02), Luís Inácio Lula da Silva (03-06/07-10), Dilma Rousseff (11-14), Jair Messias Bolsonaro (19-22).

³⁵ A interpretação do artigo 142 da Constituição é campo de disputa política, opondo grupos pró e contra a intervenção militar.

³⁶ Numa época que a educação formal era de acesso, quase exclusivamente, por brancos.

³⁷ Pressionado pelo Manifesto dos Generais, assinado por 19 generais em 22 de agosto de 1954, dentre eles Castelo Branco, que exigia seu afastamento da presidência, Getúlio Vargas se suicida “saindo da vida para entrar para História”.

a tradição política brasileira é marcada por um conjunto de narrativas que valida e reproduz em espiral o enredo de dominação social: abertamente autoritário e extremamente violento, com instituições frágeis e direitos incertos.

Parte essencial da forma e da função das ideias que se cristalizaram no imaginário político hegemônico da sociedade atual é constituído através de narrativas que, consciente ou inconscientemente, reproduzem narrativas mitológicas³⁸ de tempos pregressos.

Se faz necessário distinguir diferentes formas de compreensão sobre os mitos: do ponto de vista religioso ou espiritualista, o mito se apresenta como narrativa mágica que evoca o passado para explicar a origem e constituição do mundo, da vida e da humanidade e o conjunto de valores morais da sociedade em que se encontra e como essa sociedade se relaciona com o mundo, em sua própria cosmovisão. Subtraído pelo racionalismo científico pleno, o mito religioso é tido como uma mistificação e, portanto, uma farsa a ser superada para a construção da Verdade.

Por outro lado, Girardet reconhece os mitos políticos enquanto um sistema particular de discurso que, quando rememorado, transmite símbolos e significados, formando um estreito sistema de filiações, assimilações, equivalências e referências entre as manifestações do imaginário coletivo. Segundo o autor, esses mitos políticos detêm constância dentro do pensamento cristão – ocidental, mantendo sua estrutura de narrativa preservada em um tempo de longa duração³⁹.

Neste sentido, pese os diferentes conteúdos programáticos, as formulações políticas do presente estão formalmente baseadas em grandes construções ideais do passado, que, em momentos de crise social e política, tendem a emergir.

Os mitos políticos atuam como uma estrutura de sucessão e combinação de imagens que compõe uma narrativa que apresentam inúmeras convergências, encontros e similitudes entre formulações políticas distantes no tempo e no espaço. Apesar de assumir várias formas, há esquemas condutores

³⁸ Utilizando o conceito de mitologia política proposto por Girardet

³⁹ Ver Fernand Braudel, *Escola dos Annales e o Tempo de Longa Duração*.

comuns, em torno dos mesmos arquétipos, das mesmas imagens e dos mesmos signos, expressando estruturas fundamentais da realidade concebida. Não significa que a estrutura dos mitos políticos seja plenamente universal (do ponto de vista geográfico), atemporal e inerente a humanidade, mas reconhece-se sua perpetuação e persistência duradoura, que se arrasta através dos séculos no Ocidente.

Segundo Girardet, o mito político é um sistema próprio de crença: coerente, completo e autônomo. Possui uma lógica interna que gira em ciclos e opera por um número limitado de fórmulas, que, ao longo do tempo, apresenta pouco poder de renovação criativa. O conteúdo ideológico e programático se modifica, mas a estrutura da narrativa permanece praticamente intacta.

Os mitos políticos criam uma potência mobilizadora na sociedade para reestruturar mentalmente o imaginário político que, por sua vez, tem a função de reordenar a estrutura social. Nesse sentido, o pensamento é fruto da estrutura da sociedade, mas, simultaneamente e dialeticamente, a transforma.

Assim, nos períodos críticos de crise social, os mitos políticos afirmam-se com mais nitidez, impondo-se com mais intensidade e exercem com mais violência seu poder de atração. Todo mito político contém em si mesmo uma formulação estruturada do passado, do presente e do futuro coletivos. E tendo como estrutura as narrativas da mitologia política que se rompe a crise social em busca da reconquista de uma identidade coletiva comprometida ou corrompida, para a reconstrução do tecido social idealizado.

Como fator essencial de coesão coletiva, as narrativas míticas remetem a presença e o temor do “outro”, a imagem do bárbaro rondando as portas da civilização, o sentimento de sua estranheza e da ameaça que esta representa para a segurança da sociedade e para a manutenção dos valores tradicionais.

Segundo Girardet, o ciclo inicia-se em um período de crise com a nostalgia de uma “Idade de Ouro” e com a pregação profética de sua ressurreição. A crise é denunciada como conspiração maléfica, tendendo a submeter os povos à dominação de forças obscuras e perversas. A saída da crise e a redescoberta da felicidade serão permitidas por uma revolução redentora, que permitiria que a sociedade entrasse na fase final de sua história, assegurando para sempre o

reino da justiça. Tal revolução seria levada a cabo pelo salvador, messias, restaurador da ordem ou conquistador de uma nova grandeza coletiva.

Torna-se explícito o papel do passado para os messianismos golpistas do presente. A mobilidade é assegurada pela denúncia dos complôs maléficos e, ao mesmo tempo, ao apelo ao salvador, que tem o papel de livrar a civilização das forças perniciosas que pretendem estender sobre ela a sua dominação.

Assim, “o tema do Salvador, do chefe providencial, aparecerá sempre associado a símbolos de purificação: o herói redentor é aquele que liberta, corta grilhões, aniquila os monstros, faz recuar as forças más. (...) Do mesmo modo, o tema da conspiração maléfica sempre se encontrará colocado em referência a uma certa simbólica da mácula: o homem complô desabrocha na fetidez obscura; confundido com animais imundos, rasteja e se insinua, viscoso ou tentacular, espalha o veneno e a infecção.” (GIRRADET, 1987)

Quebra institucional e conjuntura política: o impeachment e Lava à Jato no Brasil

O cenário político internacional que cruzou a realização do presente trabalho foi assustadoramente propício para o exercício da observação e crítica da estrutura do funcionamento da mitologia política, que trouxe consigo o escancaramento dos discursos de ódio, que, como foi dito anteriormente, seguramente já existiam, mas circulavam de maneira menos explícita, sobretudo, no meio institucional-estatal.

A fim de tornar compreensível a força da mitologia política para a reconstrução de um Estado totalitário (mesmo que travestido de democracia), utilizo a análise da ascensão da extrema-direita na política brasileira, coroada com o mandato capitão reformado Jair Messias Bolsonaro para a presidência da república (pelo Partido Liberal, 2019-2022) em sua relação íntima (enquanto fenômeno político e estrutura narrativa) com o governo de Donald Trump (pelo Partido Republicano, 2017-2020).

O período 2003-14 foi marcado por três mandatos consecutivos do Partido dos Trabalhadores: Luís Inácio “Lula” da Silva (2003-07/2007-10) e sua sucessora, que havia sido Ministra de Minas e Energia e da Casa Civil durante

seu governo, Dilma Rousseff (2011-14). Não é objetivo específico do presente trabalho realizar uma análise detalhada do período referido, mas destaca-se um pacto nacional em torno da manutenção dos contratos sociais⁴⁰ já constituídos: alicerçados pelo crescimento econômico⁴¹ alavancado pela criação de políticas públicas e programas sociais⁴², havendo aumento do consumo as classes D e E⁴³. Esse arranjo político garantiu a Lula a maior aprovação de um presidente eleito no Brasil⁴⁴.

No entanto, a recessão econômica entre 2011 e 2014 pressionou o arranjo político existente. Mesmo com a vitória nas eleições presidenciais de 2014 Dilma Rousseff não conseguiu governar sem que a oposição legislativa à direita paralisasse as ações governistas. Alimentada pelos grandes grupos midiáticos, houve clamor popular pela crítica dos governos anteriores. Com a conjuntura política estabelecida, Dilma sofreu o processo de impeachment em 2016, acusada de pedaladas fiscais⁴⁵, depois de recusar um acordo de proteção mútua com o então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha⁴⁶. Nota-se que, em geral, as críticas à Dilma não se deram no campo programático, mas, ao contrário, morais e pessoais⁴⁷.

⁴⁰ “O novo modelo (para a sociedade brasileira) não poderá ser produto de decisões unilaterais do governo, (...), nem será implementado por decreto. Será fruto de uma ampla negociação nacional, que deve conduzir a uma autêntica aliança pelo país, a um novo contrato social, capaz de assegurar o crescimento com estabilidade. A premissa dessa transição será naturalmente **o respeito aos contratos e obrigações do país**” (SILVA, Luís Inácio da) In: Carta ao Povo Brasileiro, 2002. Link: <https://pt.org.br/ha-16-anos-lula-lancava-a-carta-ao-povo-brasileiro/>

⁴¹ Crescimento acumulado em 38,1% do PIB no período 2003-2014 no Brasil. Como base de comparação os EUA, principal economia mundial cresceu, no mesmo período, 20,8% do PIB. Dados do Banco Mundial

⁴² Destaco a política de valorização do salário-mínimo acima da inflação acumulado de 56,39% no período 2003-14. Dados: Dieese; Programas sociais como o Bolsa Família; Minha Casa Minha Vida; Luz para Todos; Fies; Prouni; Ciências sem Fronteiras; entre outros.

⁴³ “A melhora nas condições de vida por parte de cerca de 40 milhões de brasileiros acarretou uma reconfiguração em diversos pontos da sociedade. Desde o alívio na condição de sobrevivência do subproletariado, até o surgimento de uma pequena nova classe média, passando pela emergência de um vasto subproletariado, uma variedade de transformações atingiu, sobretudo, as camadas populares”. (SINGER, A. 2015) In: Quatro notas sobre as classes sociais nos dez anos do lulismo. Link: www.scielo.br/j/pusp/a/99fcNBh3WHTd8kpxSDhFjSP/?lang=pt

⁴⁴ 80% da população declarou que aprovava o governo Lula em dezembro de 2010. Fonte: Datafolha

⁴⁵ As pedaladas fiscais foram legalizadas dois dias depois do impeachment de Dilma, por Michel Temer.

⁴⁶ Eleito pelo PMDB e membro da Bancada Evangélica, Eduardo Cunha teve seu mandato cassado em 2016 por corrupção passiva e lavagem de dinheiro.

⁴⁷ Os ataques a Dilma Rousseff tiveram um caráter central misógino, desqualificando-a como mulher. No caso de Luís Inácio Lula da Silva, os ataques foram centrados em um possível alcoolismo e de sua origem pobre e nordestina.

Em 2018, no fim do governo Michel Temer⁴⁸, o líder nas pesquisas eleitorais para a disputa da presidência, Luís Inácio Lula da Silva, foi preso e impedido de disputar as eleições, acusado de corrupção pela Operação Lava à Jato. O caso jurídico foi posteriormente anulado pela suspeição do ex-juiz Sérgio Moro - que se tornou Ministro da Justiça no governo que havia sido diretamente beneficiado pela prisão de Lula – após o vazamento de conversas que provavam que Moro cedeu informação privilegiada à acusação em conluio com o promotor do caso, Deltran Dallagnol⁴⁹. Tanto Moro quanto Dallagnol foram eleitos para cargos legislativos nas eleições de 2022, utilizando como palanque a prisão de Lula⁵⁰.

Ainda antes do processo de impedimento, grupos de extrema – direita ligados ao então deputado Jair Messias Bolsonaro começam a divulgar através de perfis digitais, narrativas que exaltavam o período da ditadura civil – militar no Brasil (1964 – 1985) e, ao mesmo tempo, acusavam o regime “esquerdopata” de ser “corruPTo” e moralmente degenerado – pois, ao se demonstrar favorável às políticas de inclusão e proteção à mulher, aos não-brancos e à população LGBTTIQA+ – estaria indo contra os princípios cristãos, masculinos e liberais (do ponto de vista do mercado, mas não do ponto de vista dos costumes) do país.

Segundo tal discurso, o PT teria promovido um governo socialista no Brasil que, juntamente com os movimentos sociais, estaria gestando uma revolução comunista e bolivariana que aboliria a propriedade, a liberdade de expressão e os princípios da família tradicional brasileira. Destaca-se na narrativa uma especial preocupação com os professores⁵¹, que fariam parte do

⁴⁸ Durante o mandato de Dilma, Michel Temer (PMDB) foi vice-presidente, assumindo o poder após o impeachment em 2016

⁴⁹ Em reportagem publicada pelo periódico The Intercept, assinado pelo jornalista Glen Greenwald.

⁵⁰ Moro foi eleito Senador pelo União Brasil e Dallagnol foi eleito Deputado Federal pelo Podemos, ambos pelo Paraná. Dallagnol teve seu mandato cassado pela Lei da Ficha Limpa em 2023 e Moro, até o momento de escrita do presente trabalho, responde duas ações na Justiça Eleitoral que podem levar a cassação do seu mandato por abuso de poder econômico e caixa 2 nas eleições de 2022.

⁵¹ O “Movimento Escola Sem Partido” influenciou quase 60 projetos de lei apresentados no legislativo brasileiro entre 2004 e 2019, articulados por uma agenda economicamente ultraliberal e fundamentalista religiosa nos comportamentos.

complô maléfico, doutrinando as crianças ainda na escola e com os imigrantes (indesejados) que viriam ao país “roubar” o emprego dos brasileiros⁵².

O ressurgimento do pensamento autoritário deixa de ser visto apenas como caricato e insano e passa a ganhar espaço na mídia e nas ruas. Em 2013, nas “Jornadas de Junho”⁵³ e em 2014 no “Fora Copa”, movimentos apartidários e situados no campo progressista, foi sendo percebido a ascensão do pensamento autoritário e de revisionismo histórico. Manipulada e diluída pelo algoritmo das redes sociais, a narrativa antisistêmica foi substituída por uma narrativa antipetista e antidemocrática.

O discurso de votação do impedimento de Dilma Rousseff em que Jair Bolsonaro dedica seu voto em homenagem ao maior torturador confesso do período da Ditadura Civil – Militar no Brasil, Coronel Brilhante Ulstra, “o terror de Dilma Rousseff”, marca o momento da mudança da hegemonia do discurso sobre a história política no país. Em linhas gerais, tratava-se de preparar condições para eleger o **Mito**, como veio a ser conhecido Jair **Messias** Bolsonaro, para evitar que os “esquerdopatas” transformassem o Brasil em Venezuela, Cuba, Haiti ou Bolívia.

A campanha seguiu estratégias similares a da eleição de Donald Trump nos EUA: o messias salvador iria regenerar a sociedade dos comunistas, imigrantes indesejados, feministas, negros, indígenas e LGBTTQIA+, retornando à idade de ouro da sociedade, antes de ser degenerada. “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, foi o *slogam* de campanha presidencial, assimilado do slogan nazista, amplamente repercutido, “*Deutschland über alles*”⁵⁴

O quadro abaixo demonstra os discursos formulados por Jair Messias Bolsonaro, Donald Trump e grupos de extrema-direita nos últimos quatro anos a respeito da imigração haitiana entre 2015 e 2018.

⁵² Caso do ataque aos médicos cubanos participantes do programa federal “Mais Médicos” em 2018 escancarou a xenofobia-racismo da extrema-direita no Brasil, mas não é caso isolado. Link: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46210587>

⁵³ Iniciadas pelo Movimento do Passe Livre contra o aumento da passagem em São Paulo propostas pelo governo municipal do PT, na gestão de Fernando Haddad e pelo governo estadual do PSDB, na gestão de Geraldo Alckmin, se espalhou por diversas cidades brasileiras onde se adaptou as diferentes pautas do Direito a Cidade.

⁵⁴ Alemanha acima de tudo/todos

| Discurso | Produtor do discurso | Acesso ao discurso |
|--|--|---|
| “Caso o efetivo das forças militares diminua, terá menos gente para fazer frente aos marginais do MST que serão agora engordados por senegaleses, haitianos, iranianos, bolivianos e tudo que é escória do mundo – e estão chegando também os sírios aqui. (...) Assim como na luta armada em 66 – e eles foram derrotados por não estarem tão bem aparelhados. Agora eles estão muito melhor aparelhados do que nós”. | Jair Messias Bolsonaro, 2016 | https://exame.abril.com.br/brasil/bolsonaro-chama-refugiados-de-escoria-do-mundo/ |
| “Como se não bastasse, nós temos quase 20 mil haitianos nas mãos do MTST em São Paulo, massa de manobras, inclusive o Haddad já cadastrou no Bolsa Família”. | Jair Messias Bolsonaro, 2018 | https://exame.abril.com.br/brasil/8-frases-ditas-por-bolsonaro-e-se-elas-sao-verdadeiras-ou-falsas/ |
| “Por que queremos pessoas do Haiti aqui? Todos têm AIDS”. | Donald Trump, 2017 | https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/11/internacional/1515710855_459301.html |
| “Não quero pessoas de merda no meu país (em relação ao Haiti, El Salvador e países africanos). Seria melhor que os EUA acolhessem pessoas de países como a Noruega”. | Donald Trump, 2018 | https://brasil.elpais.com/brasil/2018/01/11/internacional/1515710855_459301.html |
| “Haitianos, vocês roubam nossos empregos” | Militantes de extrema direita que balearam seis haitianos na baixada do Glicério/ SP, 2015 | http://spbancarios.com.br/10/2018/os-imigrantes-vao-roubar-nossos-empregos |

A análise dos discursos demonstra a “paranoia social” com os imigrantes haitianos acusados de serem frutos de um “país de merda”, carregam as moléstias (sociais, mas também biológicas), roubam os empregos dos brasileiros e se juntam aos movimentos sociais (MST e MTST) para, aliciados pelo programa social “Bolsa Família”, fazerem parte da luta armada para tomar o poder no país. É importante notar que essas ideias são amplamente replicadas pela “ala ideológica” da extrema-direita, mas que tem bastante adesão a outros nichos da sociedade, se difundindo.

A emergência destas novas narrativas políticas retoma e ressignifica antigos estigmas sociais em populações já excluídas pelo *status quo* dominante.

Diferenciação e estigma: a estética que revela a ética

O estigma é um sinal que coloca um indivíduo ou grupo em uma situação em que se vê inabilitado para uma plena participação social. Segundo Goffman, esta interdição é justificada por signos corporais e/ou comportamentais que exibem algo que, em geral, é pouco habitual em uma determinada sociedade e que são considerados negativos e imorais no meio social em que estão inseridos. Nesse sentido, o estigma é, inicialmente, uma questão da cisão entre “normais” e “diferentes”, condicionado por uma idealização moral socialmente hegemônica que é ao mesmo tempo normativa e coercitiva.

O estabelecimento do que é considerado socialmente como positivo e negativo é fruto da construção de uma normatização, ou seja, do conjunto de estereótipos pré-concebidos que são tidos como desejáveis (e aceitos) ou indesejáveis (e recusados). Assim, há a criação de uma idealização coletiva de como a pessoa ou grupo deveriam ser, aparentar e se comportar. Caso se enquadre nessa idealização abstrata, a pessoa ou grupo é aceita e valorizada, caso seja incongruente, é marcada pelo estigma.

Os agentes de construção da normatização social podem variar (e se combinar) conforme a sociedade e o tempo histórico em questão – religião, ciência, Estado, entre outros. No entanto, ainda que varie, torna-se explícito que funcionalmente a normatização necessita opor uma categoria de pessoas “normais” em relação aos “outros” que carregam diferenças indesejadas, e que, portanto, devem ser marginalizadas, combatidas, purificadas e eliminadas. Em geral, a sociedade não está consciente de haver formulado essa idealização normativa, até que se defronta com o “outro” a ser estigmatizado.

“Quando o estranhamento está presente em nossa frente o outro mostra-se dono de um atributo que o torna diferente dos demais e o converte em alguém menos apetecível – em casos extremos, em uma pessoa quase inteiramente malvada, perigosa ou débil. Deste modo, deixamos de vê-la como uma pessoa total para reduzi-la a uma pessoa infeliz e menosprezada. Um atributo desta natureza é um estigma, em

especial quando ele produz aos demais um descrédito amplo”.
(GOFFMAN, 1963)

A normatividade impõe a crença de que a pessoa que carrega o estigma não é plenamente humana. É necessário que a totalidade da pessoa seja reduzida para que possa ser enquadrada em um estereótipo negativo. Ao reduzir o “outro”, o estigma revela-se como parte de uma ideologia supremacista, que cria narrativas que tentam justificar a inferioridade de uma pessoa ou grupo, ao mesmo tempo em que coloca a si e ao próprio grupo, em condição de superioridade. O estigma informa aos demais membros do grupo o perigo que o “outro” representa para a coesão e existência da sociedade, racionalizando a animosidade e a intolerância, tendo como referência a normatividade.

Os imigrantes haitianos que vieram para o Brasil estão expostos a uma transversalidade de estereótipos negativos, que o tornam especialmente estigmatizados: negros, estrangeiros oriundos de país subdesenvolvido. A construção da sociedade brasileira perpetua secularmente uma estrutura de pensamento que reelabora e reatualiza velhos estigmas.

As relações humanas são atravessadas - e muitas vezes determinadas - por diferenças materializadas na variedade dos modos de crer, perceber, trabalhar, vestir-se e se comunicar. O corpo e a aparência passam por avaliações constantes. A estética do estrangeiro dá lastro a diferenciação que tem como objetivo o controle social que se impõe na decisão cotidiana sobre quem tem acesso a uma cidadania plena e pode gozar de todos os privilégios previstos pelos direitos civis e de consumo. Ainda que houvesse uma igualdade jurídica e de condições materiais – o que seguramente não há, primeiramente seríamos avaliados pela nossa aparência – e essa aparência se relaciona com os estereótipos construídos socialmente.

Nesse sentido, é na passagem da identidade social virtual (aquela que se atribuiu ao outro) ao real (identidade autoproclamada) que se afirma o estigma, a marca da desqualificação da diferença, ponto de partida para a discriminação, consciente ou não, do outro.

Através dos estereótipos, o sujeito passa a ser reconhecido como indivíduo, mas não como pessoa. A existência da pessoa humana é definida pela

relação de ligação entre individualidades, pelo ingresso do indivíduo num universo relacional ou comunicacional organizado por condições culturais e de hábitos. O homem nasce indivíduo, mas se torna pessoa na medida em que se relaciona com os outros e com a cultura.

É raramente clara, porém, a percepção de que o indivíduo\pessoa pertence ao grupo tanto quanto a si próprio – apesar da distinção entre o indivíduo biológico singularizado (o eu) e o indivíduo social – pois ser indivíduo ou ser grupo equivale, na verdade, a uma função no trabalho de estabelecimento de limites ou de determinação de identidades em face a diferenciação do fenômeno humano. A identidade é um processo histórico (e não natural), isto é, tensional e contraditório entre o singular e o universal.

Diferenciação racial no Brasil

Na vida prática, a identidade social começa a ser construída pela origem, sexo e a cor da pele. Devido à construção histórica da sociedade brasileira – colonial e escravocrata – houve sempre a necessidade de estabelecimento de um sistema classificação racial, que combina origem (genética e geográfica) e fenótipo. Assim foram gestados os termos: negros; mulatos (miscigenação branco-negra), mamelucos (miscigenação branco-indígenas) e cafuzos (miscigenação negro-indígenas). Cada um desses grupos podia subdividir-se: mulatos de primeiro sangue; mulatos claros ou sarará, de retorno a raça branca; mulatos escuros, cabras, produtos de retorno a raça negra. Mesmo para distinção entre as pessoas de fenótipo branco, havia categoria de branco crioulo, para diferenciar os nascidos na Europa e no Brasil⁵⁵.

A diferenciação racial foi uma etapa necessária para a hierarquização social segundo a imposição objetiva e subjetiva da colonização. No limite, e, segundo a lógica imposta, há apenas os brancos e os “outros”. Os primeiros são

⁵⁵ Sobre o processo de racialização e categorias raciais no Haiti colonial, James escreveu que “a descendência de brancos, pretos e mestiços tinha 128 divisões. O verdadeiro mulato era a criança de uma negra pura com um branco puro. A criança de um branco com uma mulata era um quadradão, com 96 partes de branco e 32 de preto. Mas o quadradão poderia ser produzido pela *marabu* na proporção de 88 por 40, ou pelo branco e pela *sacatra*, na proporção de 72 para 56 e assim por diante até 128 variedades. Mas o *sang-melé* com 127 partes brancas e uma parte negra, continuava sendo um homem de cor” (In: JAMES, C.L.R. Os Jacobinos Negros: Tussaint Louverture e a revolução de santo Domingos. Boitempo Editorial, 2000).

definidos como ser humano universal, carregando a noção de normalidade e pureza e que, por isso, não passam pelo processo de interdição que marca a racialização. A não ser nos discursos extremistas de purificação racial branca, dificilmente um branco é tratado como portador de uma raça específica. Para a branquitude, raça é essencialmente uma categoria “do outro”.

A ética europeia imposta pela colonização se espalhou pelas Américas, e difundiu a imagem “dos outros” como outras espécies biológicas, não plenamente humanas, exóticas, selvagens e animais. Nesse contexto, houve uma significação branca sobre a pele negra como revestimento do Mal, daqueles que haviam relegado Deus e que, portanto, se podia escravizar⁵⁶. Mesmo com o fim da escravidão, a branquitude se apoiou sobre a ideia cínica de que era ela que carregava “o fardo de ter que civilizar os outros”⁵⁷, lhes ensinar bons costumes, trabalho e cristianismo.

Após a abolição da escravidão houve políticas de povoamento que privilegiavam a vinda de imigrantes europeus para o Brasil, segundo crença eugenista de branqueamento da população. Ainda assim, a mestiçagem passou a ser exaltada no século XX como símbolo de superação de uma sociedade racializada, exemplo de “democracia racial”, ocultando sua origem⁵⁸ e as formas particulares de ser do racismo brasileiro, travestido de cordialidade.

De acordo com Fischer,

“O Brasil viveu uma situação particular depois de 1831, quando o tráfico de escravizados foi proibido por lei - mas não acabou na prática. A partir daí, a elite e o Estado passam a conspirar para que a escravidão continuasse, ainda que ilegalmente. Entre 1831 e 1850 (ano da promulgação da Lei Eusébio de

⁵⁶ A *Dum Diversas* é uma bula papal dirigida a D. Afonso V de Portugal e publicada em 18 de junho de 1452 pelo Papa Nicolau V. Através desta Bula, o Papa afirma “nós lhe concedemos, por estes presentes documentos, com nossa Autoridade Apostólica, plena e livre permissão de invadir, buscar, capturar e subjugar os sarracenos e pagãos e quaisquer outros incrédulos e inimigos de Cristo, onde quer que estejam, como também seus reinos, ducados, condados, principados e outras propriedades (...) e reduzir suas pessoas à perpétua escravidão, e apropriar e converter em seu uso e proveito e de seus sucessores, os reis de Portugal, em perpétuo, os supramencionados reinos, ducados, condados, principados e outras propriedades, possessões e bens semelhantes”.

⁵⁷ *The White Man's Burden* ("O Fardo do Homem Branco") é um poema escrito pelo poeta inglês Rudyard Kipling. Foi publicado originalmente na revista popular *McClure's* em 1898.

⁵⁸ O projeto DNA Brasil, o sequenciamento genético mais abrangente já realizado no país, mostra que genes herdados exclusivamente por via materna em geral são de negras e indígenas, e que genes transmitidos pelos pais são quase todos de colonizadores europeus.

Queiroz, que reafirmava a proibição ao tráfico), algo entre 700 mil e 800 mil pessoas foram trazidas ilegalmente para o Brasil para serem escravizadas. E toda a estrutura do Estado durante esses anos foi desenvolvida para ajudar as pessoas a contornar a lei."⁵⁹

Apesar de ter consequências similares, de acordo com a autora, o racismo brasileiro se diferencia dos Estados Unidos pela forma de atuação: formal e institucionalizado, atuando por leis de segregação racial explícita, ou paralelo ao Estado, que segrega através da distribuição da riqueza, da invisibilidade social que a falsa ideologia de democracia racial e meritocracia reproduziram. Tem impacto nesses *modus operandi* o fato de que no Brasil, ao contrário dos EUA, a população negra e mestiça é numericamente superior a branca.

De acordo com Sodré, o racismo brasileiro está alojado nas novas modalidades institucionais, mesmo com a igualdade jurídica sobre a égide do Estado-nacional de Direito.

“A Abolição não teve nenhuma essencialidade, porque não os libertou (os ex-escravizados) da libertação política, isto é, da condição de quem precisa continuamente de desembaraçar-se de uma identidade reputada como sub-humana”. (SODRÉ, 1999)

Nesse sentido, a condição de igualdade jurídica conquistada pelo movimento abolicionista é, ainda que fundamental, insuficiente: há a necessidade de nova libertação: subjetiva.

A ideia de que no Brasil, “a invisibilidade social do indivíduo aumenta na razão inversa da visibilidade de sua cor”⁶⁰ e a super visibilidade de determinados indivíduos como alvos das políticas de morte, são complementares, como duas faces da mesma moeda: segregar e eliminar.

Achille Mbembe liga a questão “do outro” e da discriminação racial ao conceito de necropolítica. “O outro”, nesse ponto de vista, se transforma em inimigo, a quem se mata, se provoca a morte ou se deixa morrer. A raça, o recurso biológico, o fenótipo, permite a identificação visual clara – ou, melhor dizendo, escura - e imediata do inimigo. A necropolítica apresenta uma relação

⁵⁹ FICHER, B. *Poverty of Rights: Citizenship and Inequality in Twentieth-Century Rio de Janeiro*. Stanford Press Universit, 2010.

⁶⁰ SODRÉ, 1999.

intrínseca entre política e morte para a manutenção de sistemas sociais. Esses sistemas criam narrativas que simulam um estado de urgência, que legitima a eleição das vidas que serão protegidas e multiplicadas das vidas que serão expostas à morte e ao encarceramento⁶¹.

A tensão racial e o projeto de extermínio brasileiro frente a imigração haitiana colocam a imagem do brasileiro de frente a um espelho: aquilo que rejeito no “outro” não é reflexo do que se rejeita em si mesmo?

⁶¹ Taxa de homicídio de homens negros no Brasil é quase 4 vezes maior do que a de não negros no Brasil em 2020, segundo Instituto sou da Paz. Segundo o Núcleo de Estudos da Violência da USP, o Brasil tem a terceira maior população carcerária do mundo, sendo que mais de dois terços dos detentos são negros ou pardos.

Capítulo 2: A formação cultural nas Américas em contexto colonial: nações, portos e rotas.

O senso comum eurocentrado, produzido pelo conceito de colonialidade, cria inúmeras especificidades étnicas-culturais dos povos brancos europeus, mas, em geral, despreza as diferenças e a pluralidade cultural entre as diversas nações africanas que formaram as sociedades americanas no contexto da diáspora forçosa. É raro encontrarmos autores que retratem portugueses, espanhóis, franceses, holandeses e ingleses genericamente como “europeus” ou “brancos” dentro do processo de formação cultural das sociedades americanas, mas, ao contrário, as referências étnicas dos diferentes povos africanos são costumeiramente desprezadas.

Tal generalização tem raízes no processo de racialização das pessoas de fenótipo negro, que carregam o peso de uma raça específica, anulando assim, suas identidades culturais diversas. Para grande parte da comunidade acadêmica, basta dizer que as sociedades americanas foram formadas por “africanos”, ainda que não se explicita de quais africanos estão se referindo. O resultado disso é uma homogeneidade amorfa destes povos que, a partir da invisibilidade de suas culturas originais, os desumanizam no imaginário coletivo e rompem o laço identitário entre os africanos que ficaram na África com os africanos que foram para as Américas.

Quando não são tratados somente como “africanos” ou “negros”, costumeiramente se elege uma das diversas etnias anteriores à escravidão e as projetam sobre as demais, dando a impressão de que todos os africanos seriam culturalmente homogêneos: uma língua, uma religiosidade e um comportamento padrão⁶².

É preciso que se reconheça que a introdução de africanos nas Américas foi um processo social complexo, que envolveu vastas regiões do mundo, ligando-as por quase quatro séculos. Neste contexto, qualquer explicação

⁶² No caso brasileiro há o fenômeno do “nagocentrismo”, difundido pelas artes, literatura e antropologia realizadas, sobretudo, a partir da Bahia. O Candomblé Ketu e a língua Iorubá seriam a síntese da afrobrasilidade, impedindo o reconhecimento plural do processo de assentamento de culturas africanas e afro-brasileiras no Brasil, notadamente as de matriz Bantu (Congo, Angola e Moçambique), maioria absoluta entre os escravizados no Brasil. De maneira similar, se construiu no Haiti uma imagem da africanidade ligada ao Vodou, de origem Fon.

simplista e generalista deve ser abandonada pois recria os paradigmas próprios do racismo.

De acordo com Gwendolyn Hall, o cruzamento de dados entre os portos de origem e destino do tráfico transatlântico de escravos ajudam a elucidar o processo de formação cultural na América, mas não são suficientes. Para avançar no processo de compreensão da formação cultural há a necessidade de aliar a espacialidade (de onde saíram e para onde foram as pessoas escravizadas) à temporalidade do tráfico transatlântico (as ondas e os ciclos escravagistas) e a quantidade (proporções entre as etnias) e cruzá-los com outros documentos produzidos nas colônias, onde aparecem autoidentificações das pessoas escravizadas. Obviamente, não se trata de uma tarefa fácil, pois estes documentos não estão todos agrupados em um mesmo lugar e, mesmo que estivessem, haveria lacunas documentais expressivas. Aceita-se que os estudos quantitativos e os documentos oficiais dão lastro à outras formas de investigação e que servem como forma de amostragem e controle.

Dito isso, o *Trans-Atlantic Slave Trade Database* é a melhor síntese de trabalho da escola quantitativa de estudos do tráfico atlântico de escravos. O banco de dados é o resultado de várias décadas de pesquisas independentes e colaborativas, com base em dados encontrados em bibliotecas e arquivos de todo o mundo atlântico. O *website slavevoyages* é o produto de dois anos de trabalho de uma equipe multidisciplinar de historiadores, bibliotecários, cartógrafos, programadores de computador e web designers, em consulta com estudiosos do tráfico de escravos de universidades da Europa, África, América do Sul e América do Norte.

Ainda que haja lacunas – e, portanto, subnotificação – de documentos, o banco de dados permite conclusões importantes. Uma delas é a de que as etnias africanas não eram aleatórias e fragmentadas pelo tráfico transatlântico como o senso comum supõe. A ideia predominante é a de que os africanos escravizados não tinham compreensão cultural uns dos outros e que, para evitar revoltas, os donos de escravos criavam um efeito “torre de Babel⁶³”, estimulando a divisão

⁶³ Em Genesis 11:1-9 Deus interrompe o projeto de construção de uma torre edificada para chegar aos Céus a partir da criação de línguas diferentes entre os homens, causando caos na humanidade, dispersando-a.

das várias etnias durante seu transporte e, sobretudo, depois de sua chegada nas Américas. Ainda que isso possa ser verdade em casos específicos, o banco de dados mostra que essa não foi uma tendência majoritária ou universal. Há também inúmeros registros de senhores de escravos presentes nos documentos coloniais alegando preferir comprar pessoas de nações que já detinham conhecimento prévio, e que houvesse outras pessoas escravizadas sob seu domínio que falassem a mesma língua, a fim de que pudessem mais rapidamente socializá-las para o trabalho imposto.

Parte deste imaginário vem da falsa compreensão de que o tráfico transatlântico funcionaria como uma caixa preta, onde seria impossível estipular de onde e quando as pessoas foram embarcadas e desembarcadas. Não é. Há trabalhos excelentes de reconstituição histórica, partindo de documentos oficiais, análises e culturais e linguísticas. Um novo campo, da genética, se apresenta como nova fronteira na investigação das ancestralidades afro-americanas.

Assim, para compreendermos o processo das formações culturais afrodiaspóricas precisamos olhar para os padrões mais amplos do tráfico de escravos e, a partir disso, buscar os casos singulares de cada país ou região nas Américas: não foi a totalidade de povos africanos envolvidos na escravidão⁶⁴ e, somente um número menor ainda, apresentou números comparativamente expressivos de cativos nas Américas; as etnias que viviam perto da costa do atlântico muito provavelmente eram enviadas de portos geograficamente próximos da costa onde viviam⁶⁵; os navios negreiros não vagavam pela costa africana coletando africanos escravizados em diferentes portos e trazendo-os para lugares diferentes das Américas⁶⁶; em geral, os africanos das mesmas regiões chegaram nas Américas em ondas temporalmente identificáveis⁶⁷; os senhores de escravos possuíam preferências entre as etnias africanas conforme

⁶⁴ Até o fim da escravidão e o início do Neocolonialismo, as potências coloniais tinham o controle relativo apenas de algumas regiões, e estas, sempre estavam no litoral.

⁶⁵ Mesmo considerando a amplitude das redes de tráfico de escravos rumo ao interior do continente e uma lógica territorial distinta, nômade ou seminômade.

⁶⁶ Quanto maior o tempo embarcado, maiores as perdas e, conseqüentemente, menores os lucros dos traficantes de escravos.

⁶⁷ O comércio de escravos se alimentava de eventos temporais específicos, como guerras entre nações africanas diferentes, que rendiam um grande número de escravos de guerra, ou ainda, da relação diplomática entre reinos europeus e africanos.

o tipo de atividade que necessitavam explorar⁶⁸; as condições geográficas, como ventos e correntes marítimas, muitas vezes condicionavam a travessia atlântica à barco, segundo a tecnologia da época⁶⁹.

Há um debate em curso, sobre o peso relativo maior ou menor entre as etnias que chegaram antes ou depois na formação das culturas afroamericanas. Alguns autores argumentam que os que chegaram por último tiveram a primazia na formação cultural, visto que o índice vegetativo das populações escravizadas foi, em geral, negativo – e que, portanto, os que chegaram depois, sobreviveram em maior número. Outros autores argumentam que a primazia na formação cultural se encontra nos grupos que chegaram antes, e que, portanto, formaram as primeiras culturas afro-americanas as quais os que chegaram posteriormente tiveram de se relacionar. Ainda, há possibilidade de compreensão de que a maioria numérica, ao longo do tempo, conduziria o processo de assimilação cultural.

Os documentos coloniais que listam e descrevem africanos escravizados por todas as Américas são incrivelmente valiosos, na medida em que apresentam uma descrição de etnia pelo próprio escravizado, em oposição às denominações ligadas ao porto de embarque, feitas pelos traficantes. Os documentos franceses normalmente listam centenas de etnias africanas distintas, raramente ligadas à portos ou outras designações geográficas. No caso de São Domingos/Haiti, estes documentos estão abrigados nos arquivos coloniais franceses, em *Aix-en-Provence*, na França.

Em geral estes documentos são registros de interrogatórios onde os escravizados identificavam a própria origem e a de outros africanos. Seria impossível que os senhores de escravos tivessem grande familiaridade com as centenas de designações étnicas listadas em documentos franceses, a ponto de responder em nome dos interrogados. Sem dúvida, no processo de autoidentificação, alguns africanos devem ter se referido a etnias maiores e mais conhecidas nas Américas que lhes eram próximas, não descartando assim, um processo de sobreposições de identidades. Muitos africanos tinham uma

⁶⁸ Algumas etnias eram altamente valorizadas pelos conhecimentos técnicos que possuíam, por exemplo no cultivo de produtos agrícolas específicos ou na mineração.

⁶⁹ Correntes Marítimas condicionavam a rota de travessia,

identificação ampla com bases políticas, como impérios ou reinos. Línguas comuns, mutuamente inteligíveis, também devem ter sido fatores importantes no processo de autoidentificação.

O padrão de introdução dos africanos ao longo do tempo e do espaço é o ponto de partida para a compreensão do processo formativo das culturas afro-americanas, mas não é o seu único condicionante. Destaca-se ainda: a proporção entre os sexos das pessoas escravizadas e os padrões de formação familiar; a relação com as diversas etnias nativo americanas; a extensão da miscigenação racial; a geografia da região específica - se favorecia comunidades de escravos fugidos⁷⁰ ou não; as prioridades econômicas e militares das potências colonizadoras; a utilização militar e policial das pessoas escravizadas; as políticas de controle social refletidas em várias tradições e instituições religiosas e legais da Europa, entre outras.

Origens africanas na formação cultural do Haiti e do Brasil.

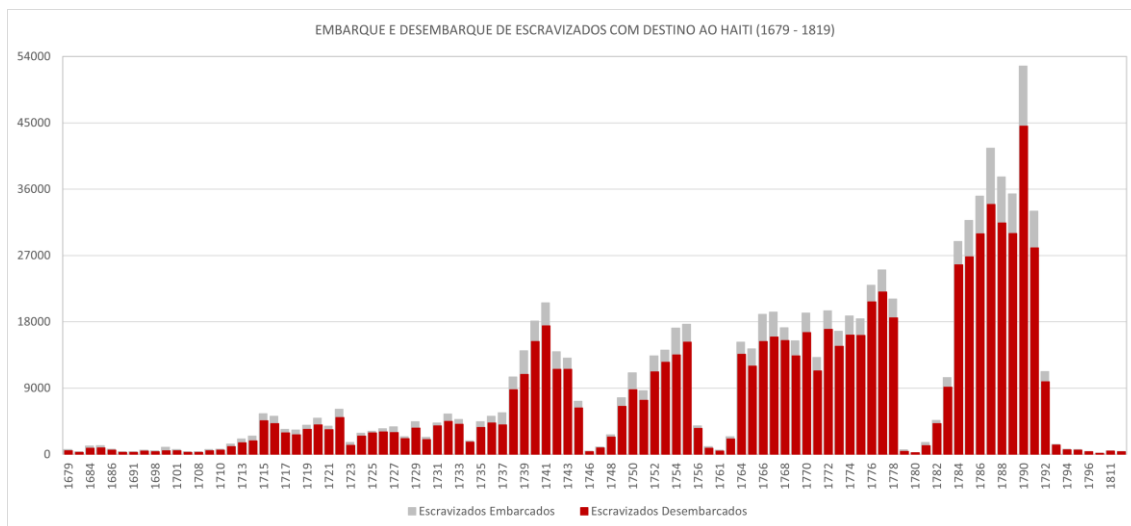
De acordo com o *slavevoyages*, o tráfico de escravos para São Domingos se inicia em 1679 e vai até 1797. Nesses quase 130 anos de escravidão, quase um milhão de pessoas foram desembarcadas no Haiti como cativos. Em 1793 há a abolição formal decretada pela Assembleia Constituinte na França revolucionária, que, após a virada bonapartista, tentou reestabelecer a escravidão em Haiti em 1802, sem êxito duradouro. É possível perceber o aumento exponencial do número de africanos escravizados desembarcados no momento imediatamente anterior ao período revolucionário no Haiti.

Se destacam algumas tendências dentre os números do tráfico negreiro para o Haiti: o número de escravizados no Haiti se concentra, quase que unicamente, durante o século XVIII, associado a produção de açúcar; o principal grupo escravizado até o século XVII era proveniente da rota da Guiné; os cativos vindos pela rota de Angola (42,20%) e pela rota da Mina (41,67%), formam maioria absoluta dos desembarcados no Haiti.

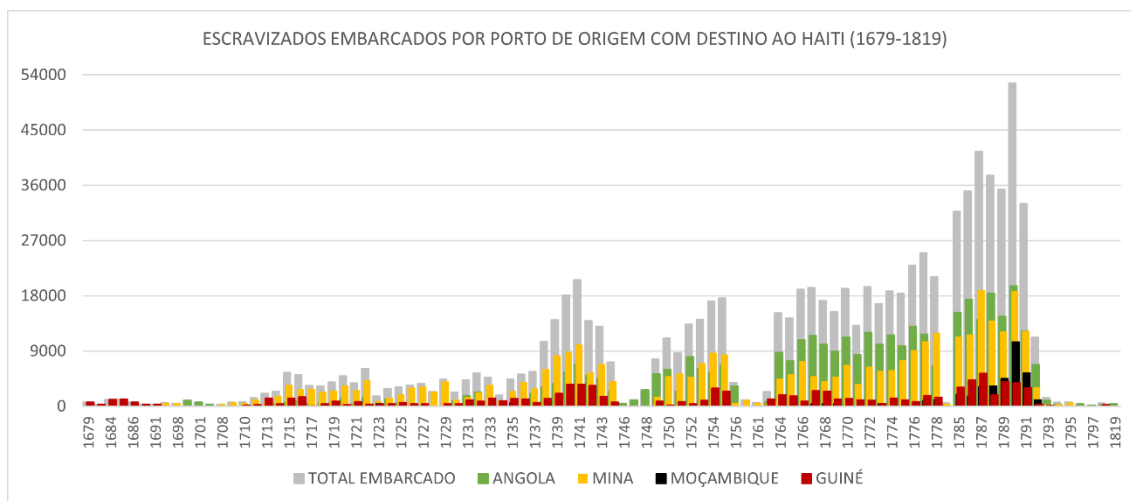
⁷⁰ Quilombos/Marrons

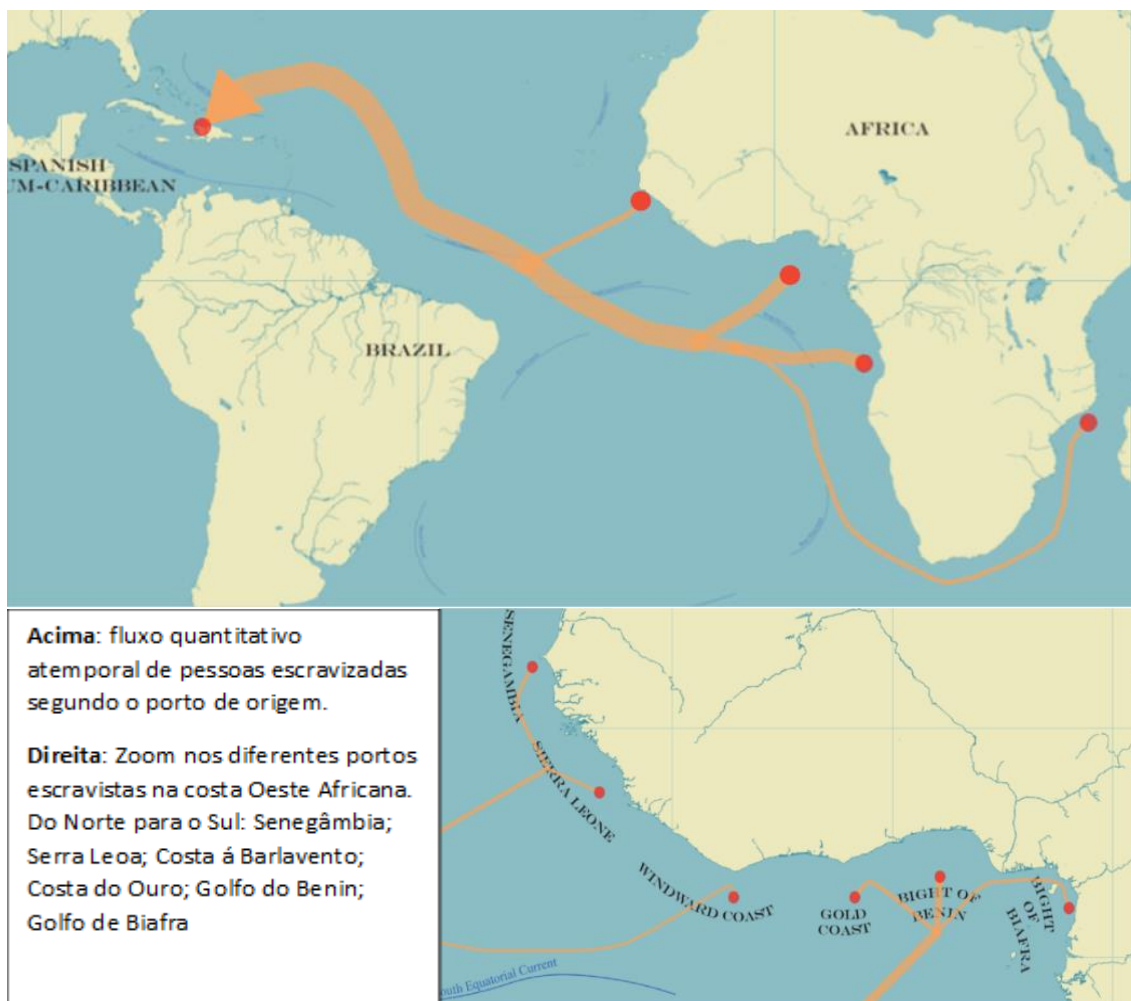
Dados gerais de embarque e desembarque de cativos para o Haiti, segundo porto de origem:

| | Senegambia and off-shore Atlantic | Sierra Leone | Windward Coast | Gold Coast | Bight of Benin | Bight of Biafra | West Central Africa and St. Helena | South-east Africa and Indian ocean islands | Totals |
|-----------|-----------------------------------|--------------|----------------|------------|----------------|-----------------|------------------------------------|--|---------|
| 1651-1700 | 10.850 | 0 | 0 | 0 | 3.530 | 1.575 | 2.845 | 0 | 18.800 |
| 1701-1750 | 29.859 | 534 | 5.336 | 27.134 | 95.085 | 3.596 | 63.882 | 1.107 | 226.533 |
| 1751-1800 | 29.970 | 26.470 | 5.399 | 68.444 | 140.553 | 46.586 | 333.982 | 36.450 | 687.854 |
| 1801-1850 | 907 | 1.392 | 0 | 202 | 0 | 6.103 | 926 | 0 | 9.530 |
| Totals | 71.586 | 28.396 | 10.735 | 95.780 | 239.168 | 57.860 | 401.635 | 37.557 | 942.717 |



Rota de Angola (África Centro-Oeste e Santa Helena), **Rota da Mina** (Costa do Ouro, Golfo do Benin e Golfo de Biafra), **Rota de Moçambique** (Sudeste Africano e Ilhas do Oceano Índico) e **Rota da Guiné** (Senegâmbia, Serra Leoa e Costa Barlavento) para o Haiti:





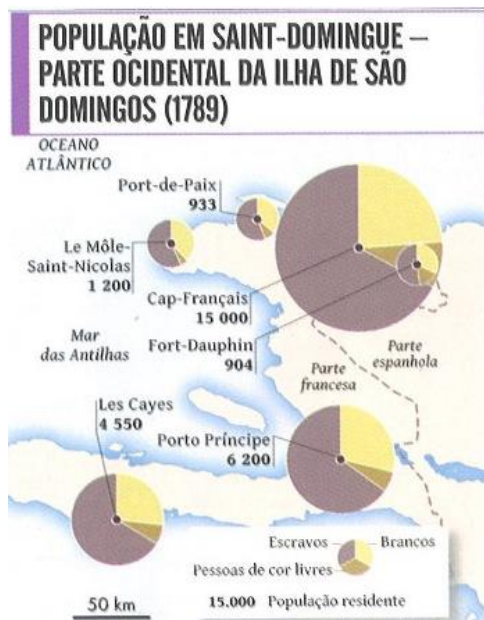
O cruzamento entre os dados do *slavevoyages* com os documentos colônias informam que as principais etnias africanas em São Domingos eram Arada, Ibo, Mandinga, Congo, Chamba, Jalofo e Ioruba⁷¹.



Principia etnias africanas no Caribe (Séc. XV a XIX. In: HALL, Gwendolyn Midlo. *Escravidão e etnias africanas nas Américas: restaurando eles*. 2017

⁷¹ In HILL, G. M. *Escravidão e Etnias Africanas nas Américas: restaurando os elos*. Pg. 65

Como base de comparação para a formação racial do Haiti, o mapa e gráficos ao lado⁷² mostra a proporção entre brancos, negros livres e cativos na região onde hoje corresponde ao Haiti. Nota-se que em todos os distritos a quantidade de negros cativos supera numericamente a de pessoas (brancas ou não) livres.



No Brasil foram registrados chegada de embarcações escravistas entre os anos de 1561 e 1856, mesmo seis anos após a proibição legal do tráfico negreiro a partir da Lei Eusébio de Queirós, em 1850. Importante situar que o Brasil manteve a legalidade da escravidão até 1888, data da Lei Áurea, fazendo com que fosse o último país das Américas a realizar a abolição formal.

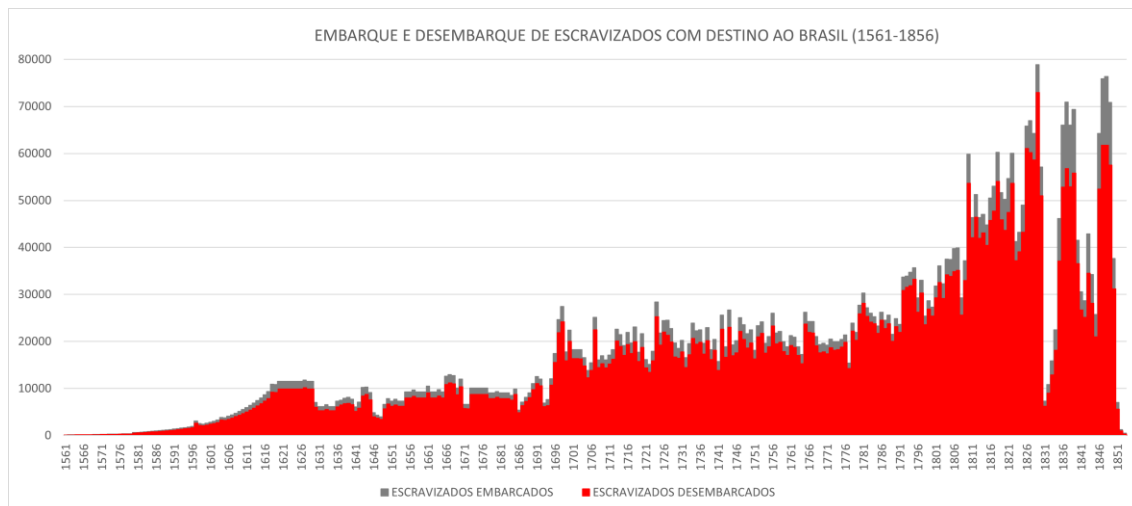
Em números gerais o Brasil é, seguramente, o maior país escravista da história moderna, somando mais de 5,5 milhões de pessoas escravizadas vindas da África o que, individualmente, representa 44,18% de todo tráfico negreiro. Os desembarques dessas pessoas foram feitos nos portos do Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro.

Destaco algumas características para o tráfico negreiro para o Brasil: o *boom* escravista na primeira metade do século XIX, momento em que se desembarcava quase que 50 mil cativos por ano no Brasil; a presença de 69,85% dos cativos oriundos da Rota de Angola, que foram maioria desde o século XVI até o século XIX; a maioria dos desembarques no Brasil ocorreu em Pernambuco no século XVI, na Bahia no século XVII até a metade do século XVIII, no Rio de Janeiro da metade do século XVIII até o XIX, sendo esse, na totalidade, o porto com maior número de desembarcados (47,15%) do Brasil.

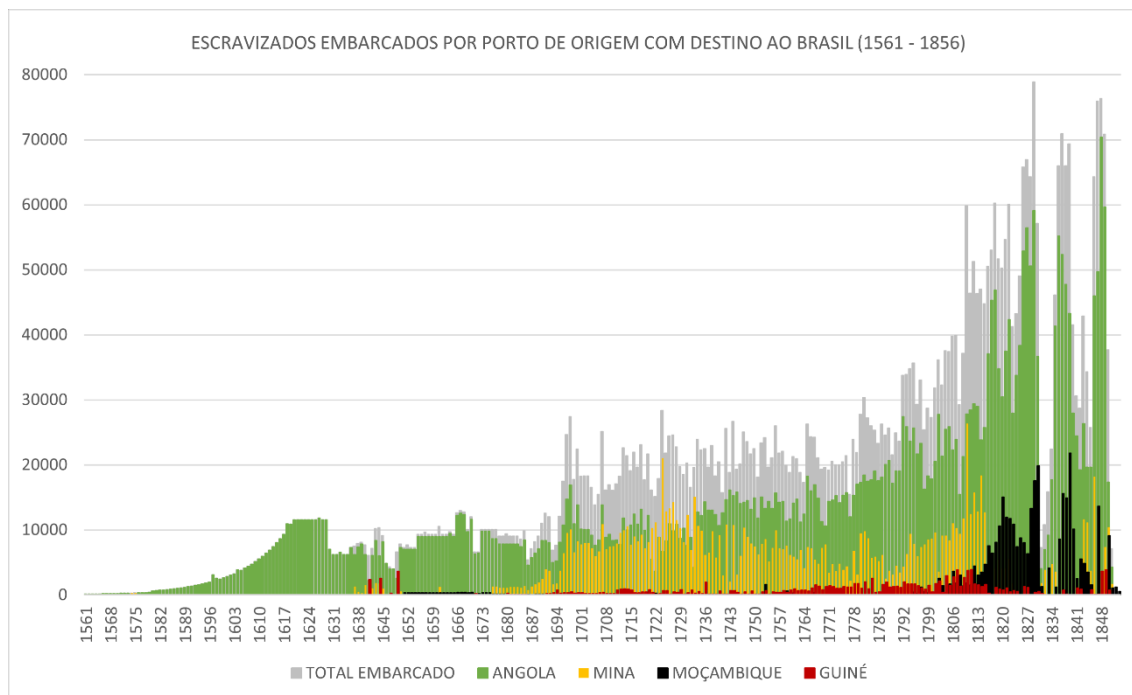
⁷² In: DORIGNY, M.; GAINOT, B. Atlas da escravidão: da Antiguidade aos dias atuais. Pg. 49

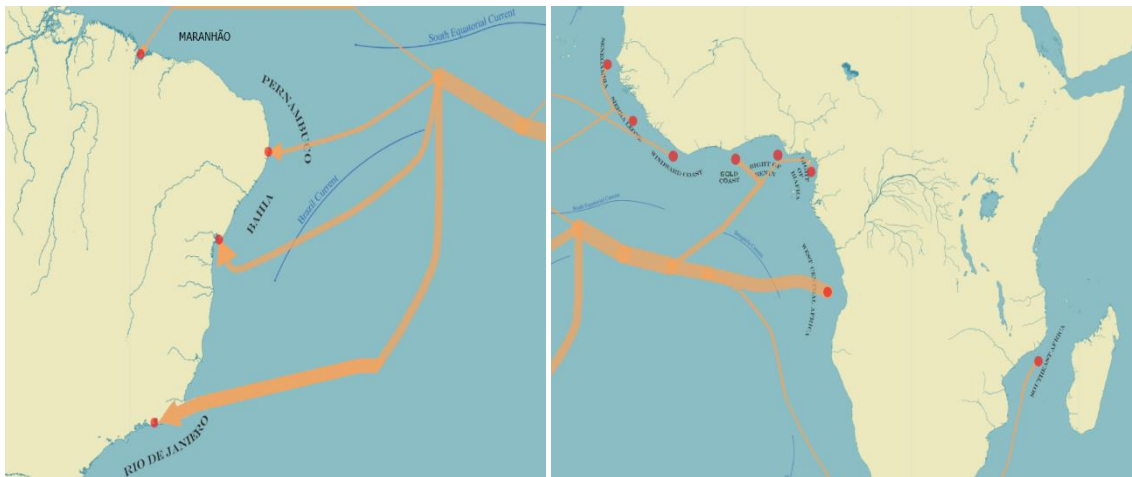
Dados Gerais de embarque e desembarque de cativos para o Brasil, segundo porto de origem:

| | Senegambia and off-shore Atlantic | Sierra Leone | Windward Coast | Gold Coast | Bight of Benin | Bight of Biafra | West Central Africa and St. Helena | South-east Africa and Indian ocean islands | Totals |
|-----------|-----------------------------------|--------------|----------------|------------|----------------|-----------------|------------------------------------|--|-----------|
| 1551-1600 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 573 | 34.113 | 0 | 34.686 |
| 1601-1650 | 8.808 | 0 | 0 | 755 | 4.858 | 6.230 | 356.998 | 0 | 377.649 |
| 1651-1700 | 3.022 | 0 | 999 | 10.725 | 55.835 | 11.198 | 441.814 | 9.120 | 532.713 |
| 1701-1750 | 14.551 | 542 | 5.885 | 54.447 | 363.456 | 30.738 | 541.031 | 1.471 | 1.012.121 |
| 1751-1800 | 54.186 | 45 | 0 | 942 | 296.591 | 9.691 | 830.489 | 6.868 | 1.198.812 |
| 1801-1850 | 44.941 | 9.450 | 0 | 4.483 | 252.480 | 83.393 | 1.655.986 | 316.595 | 2.367.328 |
| 1851-1900 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1.713 | 0 | 4.257 | 2.842 | 8.812 |
| Totals | 125.508 | 10.037 | 6.884 | 71.352 | 974.933 | 141.823 | 3.864.688 | 336.896 | 5.532.121 |



Rota de Angola (África Centro-Oeste e Santa Helena), **Rota da Mina** (Costa do Ouro, Golfo do Benin e Golfo de Biafra), **Rota de Moçambique** (Sudeste Africano e Ilhas do Oceano Índico) e **Rota da Guiné** (Senegâmbia, Serra Leoa e Costa Barlavento) para o **Brasil**:

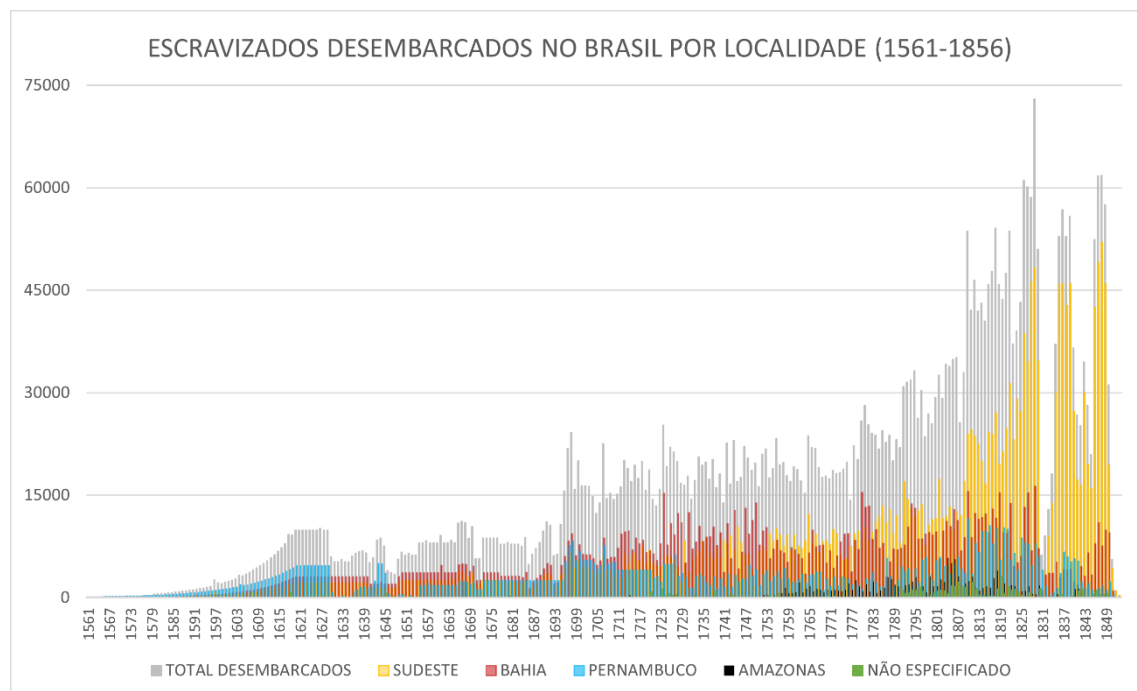




Fluxo quantitativo atemporal de saídas e chegadas entre os diferentes portos do Brasil e da África

Dados dos desembarque segundo portos específicos no Brasil:

| | Brazil | | | | | Totals |
|-----------|----------|-----------|------------|-------------------|--------------------|-----------|
| | Amazonia | Bahia | Pernambuco | South-east Brazil | Brazil unspecified | |
| 1551-1600 | 0 | 6.644 | 22.108 | 5.600 | 334 | 34.686 |
| 1601-1650 | 0 | 135.967 | 144.199 | 94.948 | 2.535 | 377.649 |
| 1651-1700 | 2.044 | 229.565 | 138.102 | 162.834 | 167 | 532.712 |
| 1701-1750 | 8.806 | 473.585 | 202.294 | 320.210 | 7.224 | 1.012.119 |
| 1751-1800 | 73.979 | 431.482 | 156.758 | 525.741 | 10.852 | 1.198.812 |
| 1801-1850 | 77.872 | 457.919 | 296.576 | 1.492.012 | 42.950 | 2.367.329 |
| 1851-1900 | 0 | 1.146 | 438 | 7.228 | 0 | 8.812 |
| Totals | 162.701 | 1.736.308 | 960.475 | 2.608.573 | 64.062 | 5.532.119 |

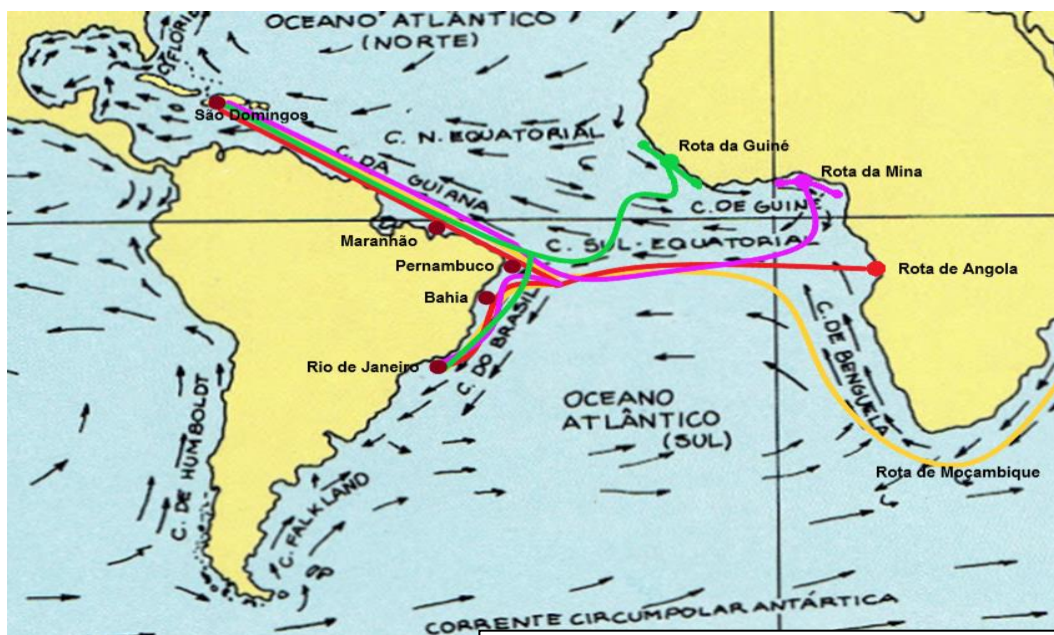


O cruzamento entre os dados do *slavevoyages* com os documentos colônias informam que as principais etnias africanas no Brasil eram Mina, Angola e Moçambique no sudeste e sul do Brasil, Hauça, Fon e Iorubá na Bahia e Angola e Alta Guiné no Pernambuco⁷³. O primeiro censo do Brasil, em 1872, ainda no período escravista, detalhou os grupos raciais constituintes da população brasileira. Segundo o censo, a população total era de 9.930.478 pessoas, sendo que: a parcela cativa representava 15,2% da população; a população brasileira que era composta por 38,3% de pardos, 38,1% de brancos, 19,7% de pretos e 3,9% de nativos americanos; 3,8% da população brasileira era estrangeira, da qual, os de origem africana constituíam a maioria (46%).



⁷³ In HILL, G. M. *Escravidão e Etnias Africanas nas Américas: restaurando os elos*. Pg. 66

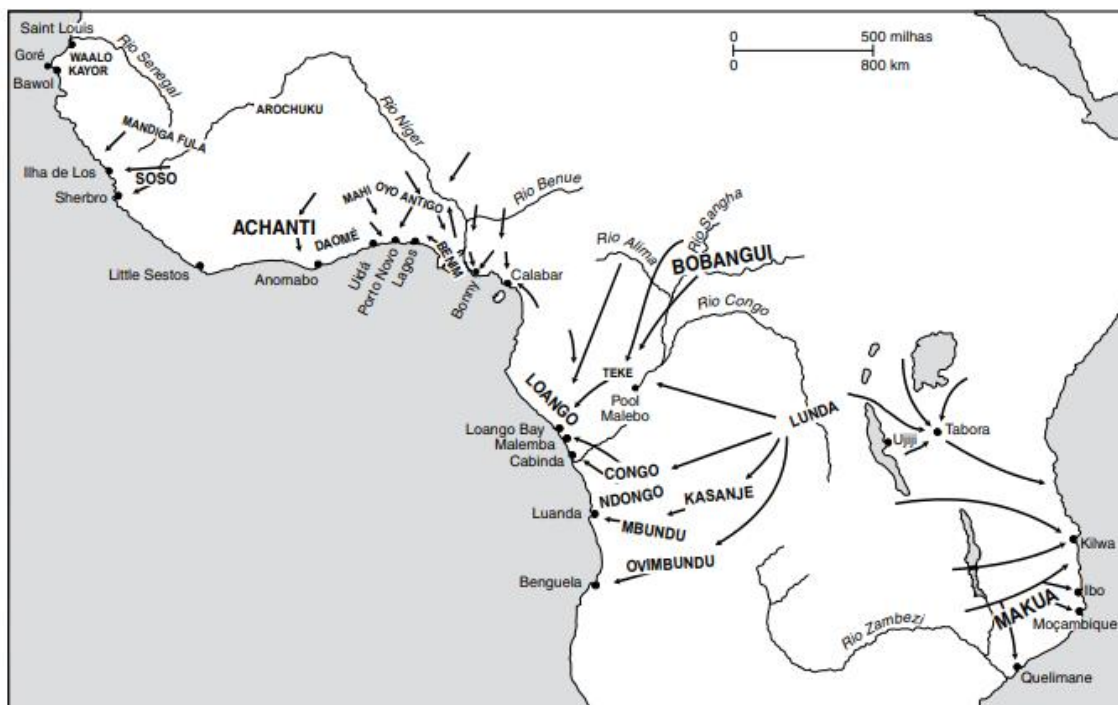
Correntes Marítimas e Rotas Atlânticas (XVI-XIX)



- Rota da Guiné
- Rota da Mina
- Rota de Moçambique
- Rota de Angola
- Principais portos de desembarque

O mapa base “Correntes Marítimas” de autoria do prof. Rubens Junqueira Vilela para o *blogspot* Aruanã, foi adaptado pelo próprio pesquisador.

Estados africanos e abastecimento do tráfico transatlântico (XVI-XIX)



Mapa segundo J. E. Inikori. In: História Geral da África, volume V. UNESCO: Paris, 2021

Capítulo 3: O corpo e o conhecimento em diáspora.

“O narrador figura entre os mestres e os sábios. Pode recorrer ao acervo de toda uma vida - uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. Assim, o narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer.” (In: BENJAMIN, W. *Magia e técnica, Arte e Política*. pg. 221)

“A palavra não tem um valor ou peso por si mesmas, ela tem valor enquanto um ritmo, enquanto marcação, enquanto cadência. Ela não se manifesta enquanto sabedoria, mas enquanto música, enquanto melodia. É por isso que ela é capaz de convencer. Por isso ela tem a força de repor nos homens a energia que se vinha abatendo” (In: no princípio era o ritmo: as raízes xamânicas das narrativas – Nicolau Svecenko pg. 127)

A narrativa que será perfilada é fruto das vivências compartilhadas nos encontros proporcionados pela disciplina ativista⁷⁴ na sede da Cia. de Teatro Pessoal do Faroeste, na região da Luz. A companhia possui mais de 20 anos de pesquisa da vida social e política do povo brasileiro por meio da cultura e do imaginário popular, amplamente premiada pelas ações de estímulo à prática da cidadania e dos Direitos Humanos.

O deslocamento espacial do grupo de estudantes da pós-graduação do programa “Humanidades, Direitos e outras Legitimidades” teve como objetivo um deslocamento epistemológico e estético que buscasse a integração do conhecimento científico com a comunidade em fluxo da região da Luz em um espaço que abrigasse as diversidades.

As provocações e inquietações a respeito da produção de conhecimento puderam ser reelaboradas a partir da corporificação experimentada na performance Exu, o Senhor de Mil Faces. Sinto que, pelos caminhos que percorri, a prática corporal não havia verdadeiramente desafiado a produção de conhecimento jogando dentro do palácio da razão. Estudo racional sobre o

⁷⁴ Disciplina “O Lugar das Performances: Produção Partilhada do Conhecimento” – Programa de Pós-Graduação do DIVERSITAS\USP

corpo sim, corporificação no estudo, não. Nesse barco me guiaram Marcio Rodrigo de Souza *Dan* e Renato Santos *Aguessy*.



Esquerda: vela, ponto riscado, pão e invocação de Exu com Renato Aguessy; **Centro:** o toque do Adjá conduzindo a dança de Exu com o trecho do documentário “No pa obeyi” em que Legbara é invocado em uma manifestação contra a ocupação militar estrangeira no Haiti; **Direita:** Exu com seus paramentos por Rodrigo de Souza Dan. Imagens da performance realizada no Teatro Pessoal do Faroeste em 2019.

Escolhemos e fomos escolhidos a performar Exu em seus vários aspectos, cruzando nossos caminhos pessoais e coletivos, sagrados e terrenos, para reviver conhecimentos. *Laroye, mojuba!*⁷⁵ Nesse sentido, é parte de um aprendizado pessoal, que não se esgota e que não se finda no resultado escrito: caminhos. Está vivo, porque no corpo vive. Verdadeira amarração de sentidos em um só ponto: como tecido, costuram-se significâncias para aquecer e dinamizar a vida.

Palavra dada, palavra cantada: qual conhecimento que se faz nas encruzilhadas? Qual é a potência do corpo e da palavra para encantar conhecimentos? Qual é a epistemologia das Macumbas? Quais e como os aspectos de Exu – mitológica, arquetípica e ritualisticamente, contribuem para a construção de conhecimentos sobre os mundos?

Veja, tanto na performance como nesta narrativa, não há intenção de esmiuçar racionalmente os rituais e o culto de Exu de maneira explicativa, segundo os termos próprios da academia. O olhar científico – em seus matizes, históricos, antropológicos, sociológicos, entre outros - sobre as comunidades de

⁷⁵ Saudação para Exu utilizado nos Candomblés e Umbandas. Expressão de origem Yoruba com tradução aproximada “Exu, o mensageiro, está presente. Meu respeito a Exu”.

terreiro já se debruçou sobre o assunto. São inúmeras contribuições que neste ensaio não se pretende negar. No entanto, apesar do entrelaçamento entre história, mito e rito, não é como objeto a ser desvendado que pretendemos expressar Exu. Inversamente, a busca é por rememorar rituais que tenham a potência de despertar a razão ascética para o afeto do corpo enquanto campo de possibilidade na produção de conhecimentos. Nas palavras próprias a academia: sair da condição de objeto de estudo para provocar um método de produção e troca de saberes. Corpo, conhecimento e encruzilhada são domínios de Exu dentro das diversas religiosidades da diáspora africana, presentes no Brasil e no Haiti.

A diáspora e o encantamento das Macumbas: saberes e práticas na encruzilhada.

Embarcaram, cruzaram o Atlântico e aportaram 12,5 milhões de pessoas, marcando cicatrizes nas duas costas⁷⁶. Mas, para além da desumanização imposta pela tortura com objetivo de renúncia de si e dos seus, vividas na condição de cativos, algo mágico aconteceu: nas travessias, os corpos se reinventaram, recriando práticas e laços em novas terras. Morte, sobrevivência e reinvenção da vida, a partir de um intenso processo de trocas, ambivalências, polissemias, interpenetrações, assimilações, negociações, convergências, oposições e coexistência culturais, à despeito de mandos e diretrizes (neo)coloniais, ora assumindo a face fundamentalista cristã e inquisitória, ora assumindo a face científica e eugenista.

A travessia imposta provocou a travessura necessária: um universo de povos diferentes passou a conviver e se reconhecer mutuamente. Diferentes nações, que poderiam não se visitar em África, ou que poderiam ter sido rivais, passaram a viver no mesmo chão e sob o mesmo olhar de curas e de feitores, dividindo experiências e sonhos e criando novas identidades⁷⁷.

⁷⁶ Como base de comparação, estima-se que as populações de todas as Américas tenham juntas chegado a 64 milhões de pessoas em 1850.

⁷⁷ Durante os quatro séculos de existência do tráfico negreiro transatlântico, a demanda europeia de escravos esteve associada à oferta africana. Os países europeus financiavam e controlavam esse comércio negreiro; por sua vez, os estados africanos eram responsáveis por capturar, transportar, guardar e alimentar os escravos até o momento de seu embarque para a travessia atlântica. Exemplos disso são os casos da Federação Ashanti, do Reino do Daomé e o do Reino de Oyo, que ocupavam uma posição

As semelhanças linguísticas e culturais serviram para aglutinamento, ressignificando identidades originais. As denominações que separavam as pessoas escravizadas segundo o porto de origem e/ou a compreensão linguística para a obediência de ordens, dentro da lógica mercantil ocidental, é também a que promoveu, inesperadamente e a contra-gosto, uma possibilidade de reorganização identitária das nações africanas no Brasil: *malungos*⁷⁸.

Vindos da África Ocidental, havia os que vieram a ser denominado como Minas (Costa da). Destes, os falantes de *Gbe* passaram a ser identificados como Jejes, os falantes de *Yorubá*, como Nagôs e os de influência islâmica, como Malês; os provenientes da África Central, de cultura banta, falantes de Kikongo, Kimbundo e Umbundo, passaram a se identificar como Congos e Angolas; os da Costa Oriental, como Moçambiques. O processo descrito não é imediato e não tem intenção de apagar as inúmeras identidades originais dos povos africanos antes da escravidão, mas, explicitar que as denominações metaétnicas – ou seja, criadas e impostas fora do grupo cultural identitário de origem – favoreceram a adoção e reconfiguração de uma identidade coletiva (de nação) assumida pelos próprios africanos no Brasil. Subversão de sentidos: de peça passiva, mercadoria, à exaltação e orgulho de origem africana que, mesmo com identidades originais mortalmente feridas, se encantaram e voltaram a vida⁷⁹.

Estas novas identidades africanas, mas, também, brasileiras, podem ser observadas nas diferentes nações do Candomblé ou nas diferentes guardas presentes no folguedo das Congadas. A recriação da memória coletiva, cindida pela escravidão, subverte através dos jogos lúdicos a imposição identitária, ressignificando mitos de origem e comunidades de pertencimento. Chico Rei e a Rainha Nzinga são coroados no Brasil junto a suas cortes: simbologia que

intermediária no tráfico de escravos. Considerando que seu poderio se baseava em um armamento moderno, desencadeia-se um círculo vicioso: a guerra fornecia cativos, cuja venda servia para comprar armas. Grande parte dos cativos centro-africanos foram espólios da guerra entre o Reino do Congo, integrado com o Reino de Portugal e ao cristianismo no séc. XVI, com os demais reinos de cultura Bantu, como o Reino de Angola.

⁷⁸ Expressão proveniente da palavra *kikongo m'alumgo* “no barco”, ganhou significado de companheiro ou companheira que fez junto a travessia da *kalunga* grande (mar), e, portanto, juntos, morreram sobreviveram e se reinventaram.

⁷⁹ Não significa, em absoluto, que, ao se negarem o processo de desumanização, tenham se tornado livres do ponto de vista jurídico. Mas, ao salvaguardarem suas identidades de nação, proibidas pelo colonialismo, permaneciam simbolicamente humanos e se aglutinavam em torno dessa nova humanidade.

reestabelece práticas corporais e sociais que negam a identidade de peça, imposta pela colonização⁸⁰.

Em Acupe, distrito de Santo Amaro da Purificação/BA, o Nego Fugido incorpora memórias da escravidão em atos públicos, durante todo o mês de julho. Passado e presente se sobrepõe para denunciar a continuidade da escravidão e do colonialismo em nossa sociedade atual. Em clima tenso e violento, os caçadores aprisionam os negros, que por sua vez são obrigados a pedir dinheiro para comprar a liberdade. Uma vez que conseguem juntar uma quantia significativa, são levados até a Princesa Isabel para comprar a alforria e, na sequência, serem presos outra vez. Os guardas da princesa e do rei trajam fardas militares contemporâneas. A dor da escravidão é revivida pela comunidade e, no último domingo do mês, ocorre um levante: os negros fugidos se juntam aos caçadores, derrotam os policiais, arrancam a carta de alforria do rei, libertam a si mesmos, prendem e o leiloam o rei como escravo⁸¹.

A potência desta performance reside na rememoração, na corporificação e na reinvenção da dor da escravidão e da liberdade. Possui um sentido explícito de denúncia da continuidade da colonização e escravidão em Acupe, em uma relação passado-presente ainda não superada, com objetivo de instigar o levante contra a figura simbólica do rei, entendida como o representante do Estado.

Em paralelo e simultâneo ao processo de formação de identidades de nação singulares, as práticas de nações diferentes também se interpenetraram, se espalhando e se assentando mata à dentro, onde se encontrava também outros universos mágicos e espíritos antigos. Dentro da tradição banto há dois tipos de espíritos: os ancestrais familiares e os espíritos da terra (entendido aqui como uma singularização de lugar específico). Há quem avalie que os caboclos sejam elementos estranhos numa religião “africana”. No entanto, dentro da visão de mundo dos bantos é fundamento se aproximar das pessoas que estavam pisando nesta terra a mais tempo, para assim poder cultuar os espíritos ancestrais da terra, pegando emprestando seus rituais e conhecimentos. Nas

⁸⁰ No século XVII os Reis do Congo e de Angola já eram coroados nas Igrejas da Nossa Senhora do Rosário dos Pretos pelas irmandades negras em vários estados do Brasil, como Pernambuco, Minas Gerais e Espírito Santo.

⁸¹ Ver PINTO, Monilson dos Santos. Nego Fugido, Manifestos de Memórias Incorporadas

palavras de Pai Nagô “Ossain teve de pedir ensinamento sobre o poder das folhas que não conhecia com os caboclos da terra⁸²”.

A Jurema⁸³ liga os dois mudos sobrepostos, comunicando-os, e nos forma para compreendermos que a cruzada colonial também levou ao sertão a encruzilhada decolonial. Entre as trocas das culturas subalternizadas e a imposição colonial, entre o sagrado e o material, entre o político e o religioso. Nessa encruzilhada cultural nasceram as Macumbas.

Macumba, como nos ensina Nei Lopes, uma palavra de muitos significados, uma polissemia. Tem origem nas línguas bantas, maioria de falantes entre os escravizados no Brasil. Na boca dos samangos⁸⁴, magia negra e do mal, nome genérico para qualquer culto afro-brasileiro a ser perseguido. Mandingada na encruzilhada à luz do luar, se revela como encontro de diferentes *cumbas*⁸⁵, o som do *magombe*⁸⁶, a oferenda e o despacho. É evento, veículo e intenção. Toda encantaria é também macumba, ainda que não praticada no contexto ritualístico banto, pois é, também, encontro entre pessoas de conhecimento mágico. Na macumba, tudo, inclusive ela própria, tem mais de um sentido em existência. Uma lógica ambivalente, que se sobrepõe aos regimes de verdades únicas transformando-as: movimento.

A encruzilhada já carregava sentido na cultura banto: a *kalunga*⁸⁷ tanto separa como liga o mundo espiritual e físico⁸⁸. Cruzar é ato de mandinga de preto velho, encantamento. É amarração entre o mundo da terra e o mundo dos céus. Desde a diáspora, esse sentido agrega outro: a encruzilhada também é, simultaneamente, domínio de Exu⁸⁹. O culto, proveniente da cultura yoruba, estabelece a encruzilhada como lugar de oferenda e de troca, revelando Exu

⁸² Na vivência “Caboclo na Cultura Afrobrasileira: encontros de resistência” promovido pelo Núcleo de Artes Afrobrasileiras da USP em 2018.

⁸³ Culto sincrético que assimila conhecimentos da pajelança, das macumbas e do catolicismo popular. É simultaneamente uma planta e um chá psicotrópico que dá acesso ao mundo espiritual.

⁸⁴ Toque de bebrimbau que adverte a aproximação da polícia ou o próprio policial.

⁸⁵ Pessoas que possuem e praticam o conhecimento da encantaria, feiticeiros.

⁸⁶ Árvore matriz do instrumento musical semelhante ao reco-reco.

⁸⁷ Palavra de origem banta. Nos cultos afro-brasileiros refere-se tanto a cemitério quanto ao mar. Essa duplicidade de sentido sugere uma resignificação da morte a partir do cruzamento do Atlântico.

⁸⁸ Ver Cosmograma Bakongo em anexo

⁸⁹ Ver Itan “Exu ganha o poder sobre as encruzilhadas” em anexo

como o mensageiro entre os diferentes mundos, senhor das trocas materiais e imateriais.

Nos fundamentos trazidos na diáspora ao Brasil pelos antigos, Exu sempre manifesta suas múltiplas faces, é diverso e incompreensível em sua metamorfose continua. É a parte quente de nosso corpo, que deseja⁹⁰, a fertilidade. Chama viva da existência, nos desperta para vida em movimento. Devido a sua multiplicidade, há vários significados e formas que são destacadas ao cultuá-lo. Esta diversidade está expressa nos Itan⁹¹, títulos (manifestações/aspectos) e representações materiais correspondentes.

Destaca-se alguns caminhos e sentidos de Exu que se relacionam diretamente na maneira como se compreende a produção do conhecimento dentro dos cultos da diáspora:

Exu é Iyangí, princípio de tudo que existe e do que virá a existir no mundo. Síntese entre os elementos primordiais da natureza, é no barro (Laterita) que é materializado como primeira criação individual de Olodumare⁹². Seu posterior despedaçamento⁹³ multiplicação conferem a Exu o caráter dual entre a individualização e o universalismo da(s) criação(ões).

Exu é também Elegbara, o Senhor do Poder Mágico, princípio e potência de imprevisibilidade, transformação e possibilidades, já que é incontrolável e inacabado. Assim, infere dinamismo para toda e qualquer possibilidade de criação, revelando-a imprevisível. Oxalá, filho pródigo de Olodumare, sai para criar o mundo, mas não espera encontrar Exu no caminho, que o faz dormir depois de beber vinho de palma e perder a criação⁹⁴. Esse Itan demonstra que há um espaço entre a idealização e a materialização, ocorrendo, intencionalmente ou não, a transgressão do que havia sido planejado.

Outro título que define a maneira de compreender o conhecimento presente na mitologia viva de Exu, é o título de Igba Keta, O Senhor da Terceira Cabaça. Ao misturar os conteúdos das cabaças que possuíam elementos

⁹⁰ Ogó, o falo, é também símbolo e ferramenta de Exu

⁹¹ Conjunto de mitos provenientes da cultura Yoruba

⁹² Deus supremo e criador, segundo a tradição Yoruba

⁹³ Ver Itan Elegbara devora a própria mãe em anexo

⁹⁴ Ver Itan "Obatala cria o homem" em anexo

opostos, Exu tem o poder de lançar dúvidas, ofuscando determinados regimes de verdade totalitárias e dicotomias formais. Como peripécia transgressora, funde elementos, gerando criações novas e ambivalentes⁹⁵. Bem e mal são sobrepostos, impossibilitando a separação formal entre os dois.

Enquanto Enugbarijó, O Senhor da Boca Coletiva, Exu devora toda a matéria do mundo, devolvendo-a transfigurada, repleta de axé e novas possibilidades. Ifá ensina que Exu é aquele que fuma o cachimbo e toca a flauta. Ele fuma o cachimbo como metáfora da absorção das oferendas e toca a flauta como ato de restituição do axé, energia vital. Absorção, ingestão, doação, e restituição são funções primordiais de Exu. Tudo é passível de ser reelaborado pelos encantamentos de Exu, que tem o poder de transformar o maldito em benção.

Ainda, Exu é princípio de discórdia, demonstrando que há sempre mais de um ponto de vista sobre os fatos: afinal, o barrete de Exu é de que cor⁹⁶? Exu explora a dimensão de que o ponto de vista é sempre a vista de um ponto específico para realizar seus desígnios. Essa passagem nos alerta para o feito de que os conhecimentos pautados nos pontos de vista individuais serão sempre incompletos em relação a totalidade dos fenômenos e que a insistência em uma verdade parcial pode levar a conflitos e a violência.

Por fim, Exu também é Bara, O Senhor do Corpo. Princípio de individualização e multiplicação é encarnado no corpo, conferindo um caráter primordial do corpo na criação e assentamento dos conhecimentos. Todos possuímos um Exu, senhor do nosso corpo e caminhos. O culto de Exu nos ensina que o dinamismo, a mobilidade, a comunicação e toda e qualquer forma de produção de linguagem e conhecimento só existe se for praticada e fundamentada no corpo. Há, portanto, a impossibilidade de saber não praticado, saberes neutros ou desvinculados de afetos e emoções corporais.

Entre todas as divindades dos diferentes panteões afro diaspóricos, Exu é, sem dúvidas, a que mais foi atacada pelo cristianismo. Mas, a demonização de Exu por parte do fundamentalismo cristão foi, simultaneamente, a reinvenção

⁹⁵ Ver Itan “Igba Keta” em anexo

⁹⁶ Ver Itan “Exu leva dois amigos a uma luta de morte” em anexo

do demônio dentro das comunidades de terreiros. Na Umbanda, onde a Macumba se cruzou com o espiritismo kardecista, Belzebu e Lucifer viraram Exus, responsáveis por aplicar a lei de *Nzambi*⁹⁷ no mundo de lá e cá. Há uma outra interpenetração inesperada: a identidade própria do demônio, mesmo do ponto de vista cristão, se adaptou, proporcionando uma exumanização de Satanás⁹⁸. Da catequese colonial ao show da fé neocolonial, Exu está presente, sob diferentes faces, no cristianismo. A escolha de Exu como personificação do mal pela ação colonial não é sem sentido: troca e corpo são potências temidas para a transgressão dos dogmas e dos conhecimentos proibidos pelo index inquisitório.

Dispersos em diferentes terreiros da América, Legba, Vodun⁹⁹ antigo proveniente da região do antigo reino do Daomé, também é interpenetrado por Exu. Os colonialistas escravocratas temerão eternamente a revolta haitiana, iniciada na cerimônia de *Bwa Kayiman*, que culminou no fim da escravidão e colonialismo no país. Apesar da principal oferenda ter sido dedicada a outro Lwa¹⁰⁰, Azili Dantor¹⁰¹, Legbá é sempre o primeiro a ser cultuado numa cerimônia de Vodun, tal como Exu. Separadas pelo tempo, mas unidas pela memória, rito e transgressão, se firmam no mesmo ponto¹⁰² contra a ocupação estrangeira no Haiti, sob gritos de “Nou pa obeyi¹⁰³”.

Assim como Exu, Legba tem o poder de ser simultaneamente bom e mal. É dizer: pode fazer o bem através de ações individualmente considerada más e pode fazer o mal através de ações individualmente considerada como boas. Os fundamentos da contraofensiva negra já haviam sido lançados por Mackandal¹⁰⁴, mesmo após a sua desaparecimento trinta e três anos antes da eclosão da revolução

⁹⁷ Divindade suprema nos cultos afro-brasileiros de raiz banto

⁹⁸ Processo resgatado por Wagner Gonçalves da Silva

⁹⁹ Originário da língua Fon, espíritos ancestrais. Vunduns são cultuados em alguns lugares da América, como no Haiti, Luisiana (EUA) e no Brasil (Candomblé Jeje)

¹⁰⁰ Em *créole* “espíritos”.

¹⁰¹ A representação mais utilizada de Azili Dantor é a Nossa Senhora de Częstochowa, padroeira da Polônia e que chegou ao Haiti por soldados poloneses que lutaram na Revolução Haitiana em 1802. Ver imagem em anexo

¹⁰² O ponto riscado é feito com intenção de abrir a comunicação entre os dois mundos, como um portal multidimensional. Ver imagem em anexo

¹⁰³ Em *créole* “Não vamos obedecer”. Documentário homônimo, direção de Daniel Lima.

¹⁰⁴ Proveniente de Makanda, em Loango, antigo Reino do Congo.

haitiana. Sacerdote do Vodou, promoveu, a partir dos conhecimentos religiosos sobre as folhas, a morte de mais de seis mil franceses por envenenamento. Profetizou a sua volta como peste, que se confirmou na forma de um surto de malária que levou, posteriormente, mais de trinta mil franceses residentes na ilha, que não eram imunes a doença como a maior parte dos africanos escravizados.

Para o bem e para o mal, o Vodou e a política estão sempre ligados no Haiti. A ditadura pró - EUA de Françoise Duvalier (1957-1971) vigorou através de um grupo paramilitar de extermínio de opositores, os Tonton Macoute¹⁰⁵, que invocavam simbolicamente a força do Vodun Ogou¹⁰⁶, divindade da metalurgia e dos instrumentos de guerra. Ogou Ferrey (vermelho) e Azil Dantor (azul) se juntam para dar cores a bandeira do Haiti¹⁰⁷, promovendo uma visão sagrada que dá significância ao processo histórico de fundação do país, desde o princípio, entrelaçado com o Vodou.

Seja por ocupação direta ou interferência indireta nas eleições “democráticas”, os EUA jogam um papel fundamental para a tragédia social que tem como objetivo manter o Haiti no lugar da subalternidade colonial. Os protestos iniciados em 2019 no Haiti, que exigem a renúncia do presidente Jovenel Moïse, trazem a denúncia contra as petroleiras transnacionais que, através do bloqueio e embargo dos EUA à República Bolivariana da Venezuela, impedem a comercialização do petróleo venezuelano no Haiti. A relação entre Haiti e Venezuela, combatida pelos EUA, tem raízes no projeto de libertação dos estados americanos proposto Simón Bolívar, que obteve apoio material e de tropas haitianas¹⁰⁸.

Do Haiti à Salvador, a Revolta dos Malês se nutriu para ebulição mediada por encontros litúrgicos dentro dos terreiros, onde nações diferentes já haviam

¹⁰⁵ Em *créole* haitiano “bicho papão”

¹⁰⁶ Semelhante a Ogum no Candomblé Ketu e na Umbanda

¹⁰⁷ De acordo com Joseph Handerson, a bandeira haitiana “é a primeira bandeira nacional costurada pelas mãos de uma mulher negra e erguida por pessoas negras. Por meio dela, a negritude se hasteou diante do mundo, olhando o colonialismo horizontalmente e de cabeça erguida, dando uma lição de humanidade, reivindicando a libertação dos povos negros sob o jugo colonial” (HANDERON, 2021).

¹⁰⁸ Alejandro Pétiou, governante haitiano após Dessalines, apoiou militarmente Simón Bolívar na proclamação da Terceira República na Venezuela em 1816. Em troca do apoio haitiano, a escravidão deveria ser abolida nos territórios pós-coloniais.

se reconhecido. Com os agitadores, que se tornariam mártires ao entregar a vida pelo fim da escravidão, foram encontrados diversos patuás¹⁰⁹, fios de contas e de búzios, versos do Corão, cruzadas por diferentes divindades. Separados em África pela *jihad*¹¹⁰, unidos na Bahia pela liberdade. Afinal, na dialógica de Gil e Caetano, que encruzilham tempo e espaço, canção e transgressão, “o Haiti é aqui e o Haiti não é aqui”¹¹¹. Enquanto a memória coletiva persistir, os mártires estarão encantados, já que, dentro o culto, a morte física não significa inexistência.

Nesta mesma dialógica, o terreiro, lugar encantado onde se a encontram e praticam os fundamentos do axé, pode ser compreendido, simultaneamente, como o corpo do praticante em movimento sincrônico com o axé, entendido também como uma comunidade familiar. Os filhos estão todos ligados entre si e com a casa. Corrente, fio de contas e firmeza. O processo de assentamento em uma casa é o processo de sacralização do corpo, afinal, o corpo é morada de divindades que possibilitam a abertura dos caminhos da vida individual e coletiva. O encontro com as divindades traz à tona memórias profundas, de além vida. O corpo sacralizado se desperta para receber o axé, reconstruindo relações de afeto e acolhimento: nova identidade, novo pertencimento, nova família, nova nação.

O terreiro é espaço e o momento em que ocorre o despertar e reinventar dos conhecimentos. É o momento em que os mais experientes partilham conhecimentos com os que chegaram depois, é lugar de formação e de assentamento. No terreiro, muito se observa e pouco se pergunta: aprendizagem que brota no corpo, se nutrindo de sensações. Como disse Mestre Pinguim¹¹², “na cultura se nasce língua grossa”. Nesse sentido, primeiro aprendemos a aprender, para depois aprendemos a falar. E, como aprendizado se dá pela experiência, não adianta professá-lo com eloquência, é necessário vivê-lo encarnado. Em outras palavras, de nada adianta compreender um toque de

¹⁰⁹ Amuleto; objeto cruzado e sagrado

¹¹⁰ Em árabe “guerra santa”

¹¹¹ Haiti, de Gilberto Gil e Caetano Veloso

¹¹² Zelador do Núcleo de Artes Afrobrasileiras da USP

berimbau se seu dedo mindinho da mão esquerda não estiver preparado para equilibrá-lo, sustentando a biriba e a cabaça. Sem corpo não há música.

A música, aliás, tem um papel fundamental para despertar o corpo para o conhecimento. O conhecimento de *luthieria* dos tambores e o processo de trocas e fusões culturais também é vivido na curimba¹¹³. A polirritmia dos atabaques sagrados, invocam o transe a partir da sobreposição de frases diferentes, que juntas, se tornam uma frase nova: *Le, Rumpi e Rum*¹¹⁴. O maior atabaque, que opera nas frequências graves, é responsável pelas frases “inesperadas”¹¹⁵, é que, pelo “floreio”, firmando e tirando o pé e o contrapé, sobrecarregam a racionalidade, desligando-a momentaneamente. Somente durante esse estado de espírito, invocado pela musicalidade dos ogãs¹¹⁶, é que alguns conhecimentos podem ser acessados, preparando as/os iaôs¹¹⁷ a reviver a mitologia encantada, o xirê¹¹⁸. O xirê reconta as histórias dos antigos em cerimônia aberta para a comunidade, em uma noção de tempo cíclica: tem começo, meio, mas não tem fim.

Durante o processo de aprendizagem nos terreiros, condição do não saber não se apresenta como empecilho para deixar de praticar. Como o conhecimento não é medido apenas pelo acúmulo de informação, mas pela experiência e corporificação, só se experiencia experimentando. Se é durante a experiência e lidando com o imprevisto que se encarna o conhecimento, a condição de ignorância é uma condição tática de aprendizagem contínua. Como não iniciados, ou, durante o processo de iniciação, somos convidados a nos portar como cambones¹¹⁹.

¹¹³ Palavra de origem banto, designa o conjunto de Ogãs nos terreiros de Umbanda

¹¹⁴ Apesar da origem dos nomes remeter ao Candomblé da nação Jeje, os nomes também são utilizados nas demais nações do Camomblé e na Umbanda.

¹¹⁵ A palavra “inesperada” não tem contexto de significância “aleatória”. Com muita experiência é possível reconhecer os diferentes toques e sua ligação com as passagens da mitologia revivida nos cantos e danças que ocorrem no xirê.

¹¹⁶ Palavra de origem Yoruba que significa “chefe”. No Candomblé é utilizado para diversos cargos masculinos, inclusive o de Alabê – responsável pelos toques de atabaque. Na Umbanda, onde mulheres não estão proibidas de assumir cargos de tocadoras, o termo é utilizado para designar somente as pessoas responsáveis pela curimba.

¹¹⁷ Palavra de origem Yoruba que designa os “filhos de santo”, já iniciados nos mistérios do Orixá.

¹¹⁸ Palavra de origem Yoruba que significa roda de dança, onde são incorporadas as divindades, segundo os fundamentos de cada nação.

¹¹⁹ Cargo da Umbanda, também conhecido em outras variações, tais como Rambone, Rambonae Cambona(o)

Cambonar é um fazer aberto. Todas as funções de uma casa – da manutenção da “roça” à sustentação dos pontos cantados, da organização da assistência à tradução das entidades incorporadas e registro do atendimento – que não possuem um cargo específico, são responsabilidades dos cambones. Cambone é aquele que tem permissão de olhar e escutar de perto, se colocando em função do outro em princípio de alteridade, negando todas as certezas que dificultam o acesso a novas possibilidades de aprendizado. Multitarefa, o cambone é transdisciplinar até encontrar o seu caminho de iniciação.

Anexos

⁶⁷ O cosmograma bakongo é uma representação da mandala da vida. A divisão do tempo acompanha o movimento do sol, dividindo o ciclo em quatro partes: Musoni (concepção); Kala (nascimento); Tukula (amadurecimento); Luvemba (morte). Entre Kala e Luvemba se divide o mundo material e mundo espiritual. A



linha do horizonte que representa o nascer e o pôr do sol é representada pela Kalunga.

⁶⁸ Exu ganha o poder sobre as encruzilhadas

“Exu não tinha riqueza, não tinha fazenda, não tinha rio, não tinha profissão, nem artes, nem missão. Exu vagabundeava pelo mundo sem paradeiro. Então um dia, Exu passou a ir à casa de Oxalá. Ia à casa de Oxalá todos os dias. Na casa de Oxalá, Exu se distraía, vendo o velho fabricando os seres humanos. Muitos e muitos também vinham visitar Oxalá, mas ali ficavam pouco, quatro dias, oito dias, e nada aprendiam. Traziam oferendas, viam o velho Orixá, apreciavam sua obra e partiam. Exu ficou na casa de Oxalá dezesseis anos. Exu prestava muita atenção na modelagem e aprendeu como Oxalá fabricava as mãos, os pés, a boca, os olhos, o pênis dos homens, a vagina das mulheres. Durante dezesseis anos ali ficou ajudando o velho orixá. Exu não perguntava. Exu observava. Exu prestava atenção. Exu aprendeu tudo. Um dia Oxalá disse a Exu para ir postar-se na encruzilhada por onde passavam os que vinham à sua casa. Para ficar ali e não deixar passar quem não trouxesse uma oferenda a Oxalá. Cada vez mais havia mais humanos para Oxalá fazer. Oxalá não queria perder tempo recolhendo os presentes que todos lhe ofereciam. Oxalá nem tinha tempo para as visitas. Exu tinha aprendido tudo e agora podia ajudar Oxalá. Exu coletava os ebós para Oxalá. Exu recebia as oferendas e as entregava a Oxalá. Exu fazia bem o seu trabalho e Oxalá decidiu recompensá-lo. Assim, quem viesse à casa de Oxalá teria que pagar também alguma coisa a

Exu. Exu mantinha-se sempre a postos guardando a casa de Oxalá. Armado de um ogó, poderoso porrete, afastava os indesejáveis e punia quem tentasse burlar sua vigilância. Exu trabalhava demais e fez ali a sua casa, ali na encruzilhada. Ganhou uma rendosa profissão, ganhou seu lugar, sua casa. Exu ficou rico e poderoso. Ninguém pode mais passar pela encruzilhada sem pagar alguma coisa a Exu”. (In: PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás, p 40-43)

⁷² **Elegbara devora a própria mãe**

“Um dia Orunmilá foi procurar Oxalá e pediu que lhe desse um filho, pois ele e sua mulher desejavam muito ter um. Chegando ao palácio de Oxalá, Orunmilá encontrou Exu langui. Exu estava sentado à esquerda da porta de entrada. “É este o meu filho?”, perguntou Orunmilá. “Ainda não é tempo da chegada de um filho”, respondeu Oxalá. Orunmilá insistiu junto a Oxalá sobre quem era o menino sentado à porta e se poderia levá-lo como filho. Oxalá lhe garantiu que não era o filho ideal, mas Orunmilá tanto insistiu que obteve a graça do velho. Tempos depois nasceu Elegbara, filho de Orunmilá. Para espanto de todos, nasceu falando e comendo tudo o que estava diante de si. Comeu tudo quanto era bicho de quatro pés, comeu todas as aves, comeu os inhames e as farofas. Engolia tudo com garrafas e garrafas de aguardente e vinho. Comeu as frutas, os potes de mel e os de azeite de palma, quantidades impensadas de pimentas e noz-de-cola. Sua fome era insaciável, tudo o que pedia, a mãe lhe dava, tudo o que lhe dava a mãe, ele comia. Já não tendo como saciar a medonha fome, Elegbara acabou por devorar a própria mãe. Ainda com fome, Exu tentou comer o pai. Mas Orunmilá pegou a espada e avançou sobre o filho para matá-lo. Exu fugiu, sendo sempre perseguido pelo pai. A perseguição foi de Orum em Orum. A cada espaço do céu, Orunmilá alcançava o filho, cortando-o em duzentos e um pedaços. Cada pedaço transformou-se num langui, um pedaço de laterita. A cada encontro o decentésimo primeiro pedaço transformava-se novamente em Exu. Correndo de um espaço sagrado a outro, terminaram por alcançar o último Orum. Como não tinha saída, resolveram entrar em acordo. Elegbara devolveu tudo que havia devorado, inclusive a mãe. Cada langui poderia ser usado por Orunmilá como sendo o verdadeira Exu. E langui trabalharia para Orunmilá, levando oferendas e mensagens enviadas pelos homens. Em troca, em qualquer ritual, Elegbara seria saudado sempre antes dos

demais. E sempre que um orixá recebesse um sacrifício, Elegbara teria o direito de comer primeiro”. (In: PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás, p 73-46)

⁷³ **Obatala cria o homem**

“Num tempo em que o mundo era apenas a imaginação de Olodumare, só existia o infinito firmamento e abaixo dele a imensidão do mar. Olorum, o Senhor do Céu, e Olocum, a Dona dos Oceanos, tinham a mesma idade e compartilhavam os segredos do que já existia e ainda existiria. Olorum e Olocum tiveram dois filhos: Orixalá, o primogênito, também chamado Obatalá, e Odudua, o mais novo. Olorum-Olodumare encarregou Obatalá, o Senhor do Pano Branco, de criar o mundo. Deu-lhe poderes para isso. Obatalá foi consultar Orunmilá, que lhe recomendou fazer oferendas para ter sucesso na missão. Mas Obatalá não levou a sério as prescrições de Orunmilá, pois acreditava somente em seus próprios poderes. Odudua observava tudo atentamente e naquele dia também consultou Orunmilá. Orunmilá assegurou a Odudua que, se ele oferecesse os sacrifícios prescritos, seria o chefe do mundo que estava para ser criado. A oferenda consistia em quatrocentas mil correntes, uma galinha com pés de cinco dedos, um pombo e um camaleão, além de quatrocentos mil búzios. Odudua fez as oferendas. Chegado o dia da criação do mundo, Obatalá se pôs a caminho até a fronteira do além, onde Exu é o guardião. Obatalá não fez as oferendas nesse lugar, como estava prescrito. Exu ficou muito magoado com a insolência e usou seus poderes para se vingar de Oxalá. Então uma grande sede começou a atormentar Obatalá. Obatalá aproximou-se de uma palmeira e tocou seu tronco com seu comprido bastão. Da palmeira jorrou vinho em abundância e Obatalá bebeu do vinho até embriagar-se. Ficou completamente bêbado e adormeceu na estrada à sombra da palmeira de dendê. Ninguém ousaria despertar Obatalá. Odudua tudo acompanhava. Quando certificou-se do sono de Oxalá, Odudua apanhou o saco da criação que fora dado a Obatalá por Olorum. Odudua foi a Olodumare e lhe contou o ocorrido. Olodumare viu o saco da criação em poder de Odudua e confiou a ele a criação do mundo. Com as quatrocentas mil correntes Odudua fez uma só e por ela desceu até a superfície de *ocum*, o mar. Sobre as águas sem fim, abriu o saco da criação e deixou cair um montículo de terra. Soltou a galinha de cinco dedos e ela voou sobre o montículo, pondo-se a ciscá-lo. A galinha espalhou a terra a superfície da água. Odudua exclamou na

sua língua “Ilè nfé!”, que é o mesmo que dizer “A Terra se expande!”, frase que depois deu nome à cidade de Ifé, cidade que está exatamente no lugar onde Odudua fez o mundo. Em seguida Odudua apanhou o camaleão e fez com que ele caminhasse naquela superfície, demonstrando assim a firmeza do lugar. Obatalá continuava adormecido. Odudua partiu para a Terra para ser seu dono. Então, Obatalá despertou e tomou conhecimento do ocorrido. Voltou a Olodumare contando sua história. Olodumare disse: “O mundo já está criado. Perdeste uma grande oportunidade”. Par castigá-lo, Olodumare proibiu Obatalá de beber vinho-de-palma para sempre, ele e todos os seus descendentes. Mas a missão não estava ainda completa e Olodumare deu outra dádiva a Obatalá: a criação de todos os seres vivos que habitariam a Terra. E assim Obatalá criou todos os seres vivos e criou o homem e criou a mulher. Obatalá modelou em barro seres humanos e o sopro de Olodumare os animou. O mundo agora se completara. E todos louvavam Obatalá. (In: PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás, p 503-506)

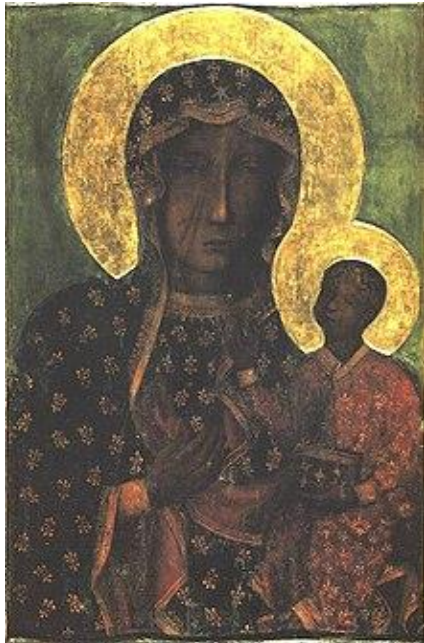
⁷⁴ “Ifá diz ainda que em certa feita Exu foi desafiado a escolher entre duas cabaças, qual delas levaria em uma viagem ao mercado de Ifé. Uma continha o bem, outra continha o mal. Uma era remédio, a outra era veneno. Uma era o corpo, a outra o espírito. Uma era o que se vê, a outra era o que não se enxerga. Uma era palavra, a outra era o que nunca será dito. Exu pediu imediatamente uma terceira cabaça. Abriu as três e misturou o pó das duas na terceira. Balançou bem. Desde esse dia, remédio pode ser veneno e veneno pode curar, o bem pode ser o mal, a alma pode ser o corpo, o visível pode ser o invisível e o que não se vê pode ser presença, o dito pode não dizer e o não dito pode fazer discursos vigorosos. (...) Assim, Exu virou Igba Ketá, o Senhor da Terceira Cabaça”. (In:SIMAS, Luiz Antônio e RUFINO, Luiz. A ciência encantada das macumbas. Morula Editorial. Rio de Janeiro, 2018)

⁷⁵ **Exu leva dois amigos a uma luta de morte**

“Dois camponeses amigos puseram-se bem cedo a trabalhar em suas roças, mas um e outro deixaram de louvar Exu. Exu, que sempre lhes havia dado chuva e boas colheitas! Exu ficou furioso. Usando um boné pontudo, de um lado branco e do outro vermelho, Exu caminhou na divisa das roças, tendo um à sua

direita e o outro à sua esquerda. Passou entre os dois amigos e os cumprimentou enfaticamente. Os camponeses entreolharam-se. Quem era o desconhecido? Quem é o estrangeiro de barrete branco?", perguntou um. Quem é o desconhecido de barrete vermelho?", questionou o outro. O barrete era branco, branco", frisou um. Não, o barrete era vermelho", garantiu o outro. Branco. Vermelho. Branco. Vermelho. Para um, o desconhecido usava um boné branco, para o outro, um boné vermelho. Começaram a discutir sobre a cor do barrete. Branco. Vermelho. Branco. Vermelho. Terminaram brigando a golpes de enxada e mataram-se mutuamente. Exu cantava e dançava. Exu estava vingado" (In: PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás, p. 48-49)

80



81



Capítulo 4: História Oral e a História de Vida

A História Oral é um método de gravação premeditada de narrativas pessoais, feitas diretamente pessoa a pessoa, em áudio ou áudio e vídeo, para a elaboração de documentos escritos. As narrativas são gravadas buscando acontecimentos não registrados por outro tipo de documentação (escrita e oficial), ou cuja documentação se quer ampliar ou contrapor. A História Oral situa-se na superação dos documentos oficiais (que para o positivismo atestaria a verdade do fato social), no registro dos fenômenos que ainda não se cristalizaram na documentação escrita, no não-conservado – e, portanto, em desaparecimento – e no subjetividades.

Ao superar os limites da documentação oficial, a História Oral permite que todos tenham reconhecimento a participação social, não mais centrada somente na figura de “grandes homens” ou na pura expressão numérica de um fenômeno. Ao contrário, as narrativas individuais se entrelaçam para recriar o cotidiano e os aspectos do vivido, igualando em conta, no aspecto da produção de documentos, heróis, anônimos e instituições.

A utilização das narrativas como documento histórico também acena para a compreensão do processo histórico como perpetuamente não-acabado, já que as narrativas se transfiguram com o passar do tempo. Estas transformações são vistas como ressignificações da memória, reorganizadas por algum motivo (social e/ou individual), conscientes ou não.

Assim, a História Oral centra-se na subjetividade das narrativas, que no conjunto das suas “deturpações” retratam aspectos invisíveis se analisados sob a ótica de objetividade dos documentos oficiais. Para além da experiência efetiva “real” dos narradores, cabe aos pesquisadores desvendar a subjetividade implícita e inerente ao discurso elaborado. Explicita-se assim, que não existe mentira no sentido moral do termo. Esta decorre de intenções do narrador que merecem ser desvendadas.

As experiências que os narradores conferiram importância de ser relatadas carregam consigo mais do que um fragmento (no sentido de individual) ou perspectiva de/sobre um fenômeno ou acontecimento, mas são entendidas

dentro do entrelaçamento de relações sociais que envolvem os narradores e sua experiência.

Individualmente a experiência é, na esfera dos sentidos, indizível. Sua tradução para signos de linguagem, que se interpõe entre o narrador e o público, não é feita senão com uma mutilação das sensações. Uma vez que exista a mediação exterior da linguagem – e, portanto, da sociedade, nada que se expressa é puramente individual.

Assim, o conceito de experiência remete a ação do sujeito, inserido em relações sociais determinantes: a formação do indivíduo-narrador se funde com a formação da sociedade em que se insere/compõe. Sua própria forma de consciência é formada coletivamente, em relação. Seu discurso é igualmente implicado – quando fala, como fala, para quem fala e de onde se fala¹²⁰.

Dessa maneira, a memória de um conjunto de pessoas deve sempre evocar a identidade do grupo que a gerou, dando-lhes princípios que orientam suas atitudes, para que se possa estabelecer diálogos entre seus aspectos individuais e coletivos.

Pode-se dizer que a narrativa nasce na memória do narrador, se projeta na sua imaginação e, depois de articular estratégias, se materializa na linguagem e representação verbal de sua experiência. No caso de não estarem falando a língua materna durante a narração, como foi o caso da presente pesquisa, ainda há a etapa da tradução mental, que desloca a intenção original de sentido, na língua materna, na busca da compreensão do interlocutor/pesquisador.

A definição de memória proposta por Aleida Assman¹²¹, converge sentido com a História Oral, relacionando-as à formação de identidades em diferentes escalas, de grupos e classes sociais a nações. De acordo com a autora, a memória coletiva é guiada por processos de recordação e esquecimentos, transmitidos por ritos e oralidades – em escala reduzida – e pela mídia, pela educação e pela ciência - em escala ampliada. Há o pressuposto de uma escolha

¹²⁰ Da mesma forma assume-se também que o pesquisador, por menos tendencioso que tente ser, também ouve (percebe, segundo seu ponto de vista) e fala (produz discursos sobre um tema) de um determinado lugar social.

¹²¹ Assman defende que a memória é uma instância das tradições culturais que ligam os indivíduos à um grupo, nação ou lugar de pertencimento.

política das memórias que se tornarão “oficiais”, em detrimento daquelas que serão silenciadas durante o processo¹²².

Os processos de recordação ocorrem espontaneamente nos indivíduos através das experiências sensoriais e corporais, que são momentos fundamentais da construção de identidades individuais e coletivas. Assim, o passado serve de validação, selecionando o que é relevante para a formação destas identidades. “Nós definimos a partir do que lembramos e esquecemos juntos, reorganizando a memória”¹²³.

A categoria de experiência foi utilizada por Boaventura de Souza Santos no sentido da defesa de um pilar emancipatório da modernidade. De acordo com o autor, a racionalidade cognitiva-instrumental, presente nas áreas de ciências e tecnologia, que promove um conhecimento utilitário e funcional, se sobrepôs aos pilares da moral e da ética e da estética no desenvolvimento da sociedade moderna. Assim, a ciência moderna totalitária, que combate o conhecimento ordinário criado pela população para dar sentido as práticas e experiências sociais que estão inseridos, considerando-os ilusórios, falsos ou irrelevantes, seria parte do problema – e não da solução – para a emancipação social.

Desta forma, um conhecimento emancipatório haveria de incorporar um certo nível de caos, não entendido como ignorância, mas como forma de conhecimento não linear, o que resultaria em um conhecimento com multiplicidade imprevisível e que não partiria exclusivamente de elite acadêmica e burocrática, como agentes de realização.

Como a ciência moderna consagrou o homem enquanto sujeito epistêmico, mas expulsou-o enquanto sujeito empírico, desumanizando o conhecimento, o processo de superação, ainda de acordo com Santos, deveria residir em um saber discursivo, que privilegiasse mais a experiência em si do que o resultado científico de prova irrefutável. Em suas próprias palavras, “o conhecimento tem de romper com o senso-comum conservador, mistificado e mistificador, não para criar uma forma de conhecimento superior, mas para

¹²² Como foi denunciado por TRUILLLOT, in SILENCIANDO O Passado, a história do Haiti e da Revolução Haitiana foi apagada como parte de um projeto político de sujeição das Américas ao escravismo, colonialismo e ao imperialismo.

¹²³ In: ASSMAN, ELEIDA. Espaços de recordação: formas de transformação da memória cultural.

transformar a si mesmo num senso comum novo e emancipatório, recriando a solidariedade, a participação e o prazer¹²⁴”.

A perspectiva individual, presentes na história de vida, alicerçada no conceito de experiência, nos permite problematizar um enfoque puramente estrutural, sistêmica ou social, recolocando os sujeitos sociais – e os relatos que constroem acerca das próprias relações vividas – nas narrativas sobre o processo de migração. Isso não significa que há um abandono pleno da noção de totalidade do fenômeno migratório, ou que os métodos quantitativos devam ser totalmente abandonados.

Neste sentido, a recuperação da percepção da migração como um fato social total, como proposto por Sayad¹²⁵, é fundamental: se por um lado a sobrevivência do imigrante está ligada à sua capacidade de criar estratégias de adaptação ao mundo do trabalho, ligado ao desenvolvimento das forças produtivas, por outro, quando em trânsito, essa adaptação está permeada de negociações entre culturas, que são valorizadas ou rejeitadas de acordo com o referencial da cultura hegemônica onde o imigrante se insere.

Torna-se explícito que, ao atravessar as fronteiras – físicas e psicológicas - na busca pelas condições materiais que assegurem a sua sobrevivência, são gerados “desencaixes” dos valores tradicionais no migrante, fazendo com que seus elos de pertencimento sejam fraturados ou rompidos e, posteriormente, reorganizados. Neste contexto, as transformações culturais vivenciadas pelos imigrantes fazem com que emergam as contradições da própria fronteira nacional enquanto categoria de reprodução social.

Assim, os relatos pessoais redimensionem subjetivamente os impactos culturais, a reconstrução das identidades próprias e a reorganização da memória decorrente do processo de imigração, restituindo aos imigrantes o papel de sujeitos na narrativa da própria história e, simultaneamente, afastando, nas palavras de Chimamanda Ngozi Adiche¹²⁶, o perigo de uma História única.

¹²⁴ In: SANTOS, BOAVENTURA DE SOUZA. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência

¹²⁵ Ver SAYAD. A. A imigração ou os paradoxos da alteridade.

¹²⁶ Livro homônimo publicado pela autora

Em oposição a uma História única, uma História de autoridade compartilhada – como sugeriu Portelli¹²⁷. A História Oral abre possibilidade para uma inversão na relação de ensino e aprendizagem que tensiona o poder inerente à pesquisa. Quem pesquisa, assumindo a condição tática do não saber, restitui o direito de escuta a quem sempre falou, mas nunca foi ouvido.

Desta forma, a História Oral pode ser compreendida como a História dos que foram silenciados, situados na tensão entre a historiografia oficial e a “história vista de baixo”, questionando os paradigmas epistemológicos quanto à objetividade e neutralidade documental que edificam a História enquanto disciplina científica oficial.

A distinção entre narrador e pesquisador fizeram parte de um desconforto que remete a separação formal entre sujeito e objeto na tradição científica. De um lado o pesquisador é guiado por seus próprios interesses ao procurar o narrador. De outro, o narrador elege a experiência que considera digna de narrar, sob pendor da sua própria valorização e desejos: enredo.

Cisão posta, a História Oral permite um tensionamento do metabolismo do poder de comando nos relatos: oficialmente não tornam os narradores em pesquisadores, não há titulação, mas a pesquisa incorpora saberes e experiências compartilhadas na constituição do conhecimento produzido, produzindo presença e restituindo, pelo menos em partes, a narrativa do migrante como parte da História da migração.

Trajetórias, encontros gravações:

Meu primeiro contato com a comunidade haitiana em São Paulo se deu através de Charles Obey. Charles era um dos músicos integrantes do grupo “África em Nós”¹²⁸, que promoveu uma performance musical no Instituto Moreira Salles, em 2019. Charles tocava bateria. Me apresentei a ele como musicista e

¹²⁷ In: PORTELLI, A. História Oral e Poder. Conferência no XXV Simpósio Nacional da ANPUH, Fortaleza, 2009. Mnemosine Vol.6, nº2, p. 2-13(2010)

¹²⁸ O projeto “África em nós” celebrava a música negra, em África e na diáspora pelas Américas, contava com músicos de Angola, República Democrática do Congo, Martinica, Haiti e Brasil.

curioso sobre as musicalidades haitianas e fui convidado por ele à apresentação seguinte, na Feira Preta¹²⁹, no Memorial da América Latina.

Lá revelei a ele que estudava a imigração haitiana para o Brasil e lhe expliquei em linhas gerais o que era a História de Vida. Conteí a ele também um pouco da minha vida e do meu envolvimento com a música e com a cultura. Apesar de não termos gravado esse dia – ainda não me/lhe sentia seguro e confortável para que pudesse propor a gravação – foi o início de nossa relação de parceria. Em encontro intimista e emocional compartilhou de coração aberto sobre sua vida, sonhos e dilemas.

Além do grupo “África em Nós”, Charles participava do grupo de kompa¹³⁰ *BigUp!*. Através da *BigUp!* fui introduzido em centros de convívio no Glicério e na Comunidade Tijolinho da Mooca¹³¹, onde a *BigUp!* promovia aulas de música e eventos culturais. Com intento de me colocar à disposição, entrei em contato com o dono da banda, Nico, também haitiano, para emprestarmos alguns equipamentos e realizarmos registros das apresentações.

Passamos a nos encontrar com alguma frequência e em algumas situações específicas: fomos juntos a um baile funk no centro¹³² e ele me apresentou o Aparelha Luzia¹³³, onde me mostrou com orgulho a bandeira haitiana que figurava no espaço, que havia sido presenteada por ele. Nesse ponto em diante, nossa relação se aprofundou e ele passou também a frequentar a minha casa.

¹²⁹ A Feira Preta é um evento anual de Afro empreendedorismo, que promove a gastronomia, moda, literatura, música, dança, literatura, design e áudio visual de pessoas negras do Brasil e do Mundo. Atualmente é considerado o maior evento de empreendedorismo negro da América Latina.

¹³⁰ Gênero musical desenvolvido no Haiti e na diáspora haitiana, sobretudo nos EUA, a partir da década de 1950. Em geral é tocada por guitarras, sintetizadores, contrabaixo, bateria e percussão.

¹³¹ Ocupação residencial na rua Barão de Jaguará, Mooca. A Comunidade tem cerca de 300 famílias, com pessoas do Brasil, Haiti, Bolívia e Venezuela In: <http://www.gazetadamooca.com/local-da-antiga-fabrica-de-lencos-e-fabbrica-5-funciona-como-moradia-de-sem-teto/>

¹³² A apresentação do Dj Rennan da Penha, que se deu logo após sair da prisão por associação ao tráfico em 2019, se tornou também uma festa-manifesto na luta contra o racismo no sistema jurídico. Segundo o artista, promotor do Baile da Gaiola no Rio de Janeiro, foi preso somente por conhecer traficantes, sem ter nenhum envolvimento criminoso.

¹³³ Centro Cultural e Quilombo Urbano em São Paulo, fundado em 2016 por Érica Manlunguinho. Eleita em 2018 como Deputada Estadual pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Érica se tornou a primeira mulher transgênero da Assembleia de São Paulo.

Sempre que nos encontrávamos conversávamos sobre as diferenças culturais entre o Brasil e o Haiti e música. Charles se sentiu confortável também para falar sobre sua herança familiar dentro do Vodou e sobre a política no Haiti. Conversávamos muito sobre as diferentes táticas de superação da fronteira e da multiplicidade de rotas para se sair (e não sair, ou, sair e poder voltar) do Haiti.

Durante esses encontros tive a dimensão, pela primeira vez, de como a mobilidade internacional faz parte do cotidiano haitiano. Inclusive, ele me demonstrou que é pela mobilidade que boa parte dos haitianos conseguem estar no Haiti. A imigração é tão intensa e responsável por uma parte tão significativa do PIB que há no Haiti 11º departamento (semelhante ao que seria um Estado no Brasil, só que desterritorializado) dedicado unicamente as pessoas em mobilidade.

Foi no contexto em que nos encontrávamos com alguma regularidade e dividíamos parte da vida social que a História de Vida do Charles foi registrada, em 2020. Charles possuía uma companheira, Sandy, que estava grávida de uma filha dele. Eles faziam o acompanhamento da gravidez no Rio Pequeno, perto de onde eu morava, e, em uma desses acompanhamentos, almoçou na minha casa e registrou sua história e vida.

Penso que quando a gravação foi realizada, já havíamos conversado muito, o que transformou a narrativa. Várias histórias, minúcias e pormenores não foram gravados, pela consciência de que eu já os conhecia. Igualmente, já que tivemos uma relação com alguma intimidade, muito foi dito fora da gravação, mas que considerei respeitoso e ético não publicar.

Com o início da pandemia e, conseqüentemente, com o isolamento social, a pesquisa teve que reorientar caminhos, considerando novas estratégias e possibilidades. Charles era meu principal contato e, face as dificuldades que a pandemia o impôs, decidiu voltar ao Haiti e tentar ir para os Estados Unidos. As atividades da *BigUp!* também haviam sido desarticuladas, dificultando ainda mais a interlocução.

Foi com a rearticulação e formação de novas redes a partir da interação em ambiente virtual que se delineou a possibilidade de retomada de uma ação social e conduziu a pesquisa (e o pesquisador) para novos espaços de convívio,

que foram fundamentais para a construção partilhada e difusão do conhecimento.

A convite do Prof. Júlio César Ferreira de Souza, professor de História da E.E. Maria Augusta Siqueira¹³⁴, houve a realização de aula compartilhada em ambiente virtual com o tema “Religiosidades de origem africana no Brasil” para o programa de Educação das Relações Étnico – Raciais (ERER/SP)¹³⁵. Essa primeira aula conjunta possibilitou novas interações com membros de outros coletivos e o convite da Profa. Guiniver dos Santos para aula compartilhada com os alunos da UNEafro¹³⁶ – Comunidade Cultural Quilombaque¹³⁷, com o tema “Cartografartes: histórias de travessias”.

A partir desses encontros, fui convidado a apresentar a pesquisa, mesmo inconclusa, para a comunidade escolar do CIEJA Perus I: inicialmente para o grupo de professores e coordenadores e, posteriormente, para os alunos que estavam acompanhando o curso de maneira remota. Passei a integrar o grupo de estudos haitianos da escola, onde compartilhamos leituras e experiências relacionadas com o Haiti e a vinda dos haitianos para o Brasil.

Somente a partir de 2022, com o término do isolamento social, pude estar presencialmente nas unidades escolares: durante as atividades do Novembro Negro na E.E. Maria Augusta Siqueira e durante todo ano letivo no CIEJA – Perus I, onde acompanhei as aulas das disciplinas das áreas de Linguagens e

¹³⁴ Vila dos Remédios, Osasco/SP.

¹³⁵ Promovida pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. A obrigatoriedade do ensino o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas de ensino Fundamental e Médio remontam a Lei de Diretrizes Básicas (LDB) da Educação nº 9.394/96. A LDB foi alterada para as leis 10639/03 e 11645/08, que atualmente regulamentam a obrigatoriedade dos ensinos de História e Cultura Afro-Brasileira e História e Cultura Indígena, respectivamente.

¹³⁶ A UNEafro é um movimento que se organiza em núcleos de atuação na educação, formação política e cultura. O trabalho mais conhecido são os cursinhos pré-vestibulares comunitários que atendem jovens e adultos oriundos de escolas públicas, prioritariamente negros/as, que sonham em ingressar no Ensino Superior e preparar-se para o ENEM ou Concursos Públicos. A UNEafro estima que nos últimos onze anos mais de quinze mil alunos e alunas foram formados em seus 31 núcleos espalhados por São Paulo e Rio de Janeiro.

¹³⁷ A Comunidade Cultural Quilombaque é uma organização sem fins lucrativos que surgiu em 2005, a partir da iniciativa de um grupo de jovens moradores de Perus. A comunidade acolhe inúmeras atividades políticas, culturais e educativas com foco na região Noroeste, dentre elas, sarau, slam e literaturas periféricas, oficinas de música, danças, capoeira e jongo, formação para elaboração de projetos e editais culturais, hip hop e circo.

Códigos e Ciências Humanas como professor assistente e ministrei aulas, como professor convidado, das aulas de Coral e Percussão.

Foi através do CIEJA Perus I que me reinseri no cotidiano na comunidade haitiana em São Paulo e, através da rede de apoio constituída, pude conhecer e gravar as histórias de vida de dois dos professores de *creole* que trabalharam na unidade escolar: Carnex Arne e Olson Oscar.

Educação de Jovens e Adultos, Direitos e o CIEJA Perus I

O acesso a educação de adultos, ainda que tenha sido considerado direito básico humano¹³⁸, foi, por muito tempo, negligenciado pelo Estado brasileiro. A pressão internacional e a necessidade de formação de mão de obra qualificada estimularam a criação dos primeiros programas públicos da alfabetização de adultos¹³⁹ no Brasil, num contexto em que mais da metade da população brasileira de quinze ou mais anos era analfabeta¹⁴⁰.

Em 1964, Paulo Freire foi encarregado de organizar e desenvolver um Programa Nacional de Alfabetização de Adultos (PNAA)¹⁴¹, com base na experiência de Angicos¹⁴², mas teve o seu projeto interrompido pelo golpe militar e a subsequente instauração da Ditadura Civil-Militar (1964-85), com gradativa suspensão de direitos através de Atos Institucionais. Considerado subversivo, o programa PNAA foi substituído pelo Mobral¹⁴³.

Em paralelo, movimentos de educação popular atuaram na alfabetização de adultos em espaços de educação não formal e de maneira independente ao Estado, assumiam a influência do método desenvolvido por Paulo Freire e foram

¹³⁸ Artigo 26 da Declaração Universal do Direito dos Homens da ONU – 1948.

¹³⁹ Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) foi criada em 1947, durante o mandato presidencial de Dutra (46-51) pela coligação Partido Social Democrático (PSD) e Partido dos Trabalhadores do Brasil (PTB).

¹⁴⁰ De acordo com o censo demográfico do IBGE o Brasil possuía 56% da população com 15 ou anos ou mais era analfabeta. Fonte: IBGE, censos demográficos, apud Anuário Estatístico/1995.

¹⁴¹ Mandato presidencial de João Goulart (61-64) que havia sido eleito vice-presidente pelo PTB. João Goulart assumiu a presidência após a renúncia de Jânio Quadros.

¹⁴² Angicos, Rio Grande do Norte. Em 1963, a experiência de Angicos se tornou um marco na luta contra o analfabetismo e pela defesa da cultura popular no Brasil. Através de princípios dialógicos e construtivistas, 200 trabalhadores rurais foram alfabetizados em apenas 40 dias, tornando a experiência mundialmente conhecida.

¹⁴³ Movimento Brasileiro de Alfabetização (68-85). Diplomou apenas 15 milhões dos 40 milhões de brasileiros que passaram pelas suas salas, diminuindo em apenas 2,7% o índice de analfabetismo no Brasil.

impulsionados pela ideia de que a educação é uma ferramenta fundamental para a transformação social.

A forma com que a educação era entendida pelos grupos da educação popular, não apenas a partir da apropriação dos códigos de escrita, mas como um processo amplo de autonomia, autoconsciência e emancipação social, contrapôs a educação popular ao Mobral, instituído pela Ditadura Civil-Militar (64-85). Em específico, a alfabetização partir da realidade cotidiana vivida e compartilhada pelos educandos, valorizando da experiência individual e coletiva do grupo, se opunha a ideia de cartilhas e temas preconcebidos.

Com o fim da Ditadura Civil-Militar e com a instituição da Constituição Federal de 1988, marco para o reconhecimento legal de direitos na sociedade brasileira, asseguram-se o direito de todos ao acesso ao ensino básico, obrigatório e gratuito e como um dever do Estado, inclusive aos jovens e adultos que não tiveram acesso aos sistemas educacionais em idade própria¹⁴⁴.

No contexto de redemocratização brasileira, movimentos de educação popular passam conseguir acessar as políticas públicas em São Paulo, sobretudo com a gestão de Paulo Freire na Secretaria Municipal de Educação (SME) da Prefeitura Municipal de São Paulo¹⁴⁵.

Em 1993¹⁴⁶, a prefeitura de São Paulo cria os Centros Municipais de Ensino Supletivo (CEMES) onde os educandos cursavam os módulos com presença não obrigatória onde, em geral, cumpriam o conteúdo programático das “unidades de estudo” em casa e realizavam avaliações que lhes proporcionavam promoção à módulos posteriores.

Em 2002¹⁴⁷, os CEMES passaram a ser denominados de Centro de Integração de Jovens e Adultos (CIEJA) e passaram a ter atendimento presencial, e o seu projeto pedagógico passou a se organizar através de áreas

¹⁴⁴ Artigo de 2008 da Constituição Federal.

¹⁴⁵ Entre 1989-91, durante o mandato de prefeita de Luísa Erundina (89-92) pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

¹⁴⁶ Gestão Paulo Maluf (93-97) pelo Partido Democrático Social (PDS), que alterou de legenda para o Partido Progressista Reformador (PPR) e, Partido Progressista Brasileiro (PPB).

¹⁴⁷ Gestão Marta Suplicy (01-05) pelo PT

de conhecimentos, itinerários formativos e com estímulo a parcerias com equipamentos públicos e culturais ao redor das unidades.

O início das atividades letivas no CIEJA – Perus I, se deu em 2016¹⁴⁸. Perus possui uma imensa demanda por reparação social e oportunização de estudos na Noroeste¹⁴⁹¹⁵⁰. Em 2020, antes da pandemia, havia 1500 alunos distribuídos em seis períodos de funcionamento. Sob uma perspectiva freiriana, o currículo foi readequado a partir da experiência dos alunos, que em grande parte eram migrantes vindo do Haiti.

Há uma grande demanda da população migrante a ter acesso às escolas no segmento de jovens e adultos, seja pela necessidade do aprendizado do português, seja para continuar e concluir os estudos iniciados no país de origem. A possibilidade do aprendizado da língua é parte fundamental na estratégia para a inserção na cidade, de ter acesso as políticas públicas e ao mercado de trabalho, de ter mais ferramentas para dialogar e interagir socialmente para além da comunidade natal em diáspora.

Em 2016 um casal haitiano foi ao CIEJA Perus I e relataram que estavam tentando se matricular nas escolas brasileiras, mas que a matrícula lhes estava sendo negada. A comunidade escolar enfrentou a burocracia estatal para a efetivação do direito de acesso aos estudos e matriculou o casal. A partir daí, a informação se espalhou pela comunidade haitiana, que se tornou maioria dos alunos nos primeiros anos. A experiência de formação a partir de um contexto multicultural, premiada pelo Instituto Tomiotake em 2018¹⁵¹, transformou o CIEJA Perus I em uma escola de referência.

O gatilho pedagógico para inserção de uma perspectiva multicultural foi a realização de duas festas com a temática da cultura haitiana e brasileira, com o compartilhamento de música, dança, comida e história para referencial mútuo. A

¹⁴⁸ Gestão Fernando Haddad (13-17) pelo PT

¹⁴⁹ Posição 26 de 31 segundo dados de IDH das subprefeituras de São Paulo em 2017. Fonte: Instituto Gonçalves e Maeda, 2017

¹⁵⁰ O pertencimento ao território Noroeste como identidade de luta está associado a demanda de reconhecimento específicos de Brasilândia, Perus, Taipas e Jaraguá, em oposição às Zonas Oeste e Nordeste, com IDH comparativamente maior. A memória da Greve dos Queixadas 62-69 realizada por trabalhadores da Fábrica de Cimento Portland Perus e luta pela Terra Indígena Guarani-Jaraguá são eixos fundamentais para a construção da memória e identidade política da Noroeste.

¹⁵¹ II Prêmio Territórios Educativos (2018) – Instituto Tomiotake

partir daí, ação ativa de todo grupo escolar para formar conhecimentos que pudessem colaborar com a relação multicultural no fazer pedagógico: o desafio da escola se educar para conseguir educar sob novas referências e perspectivas¹⁵².

Na prática, o esforço escolar criou um ambiente que possibilita a interação dos diversos grupos que formam a comunidade escolar, tendo os professores como mediadores nesse processo. Há aulas de *Creole*, oferecidas por professores haitianos; alfabetização a partir de História de Vida; aula de Escuta; Português para migrantes.

A relação de parceria entre a escola e coletivos e pontos de cultura do território é parte importante para a construção de novos referenciais para a comunidade escolar. Em especial, a participação de coletivos de sarau¹⁵³ do território, com literatura periférica e performances, de protagonismo negro e feminino.

Com o grupo de Coral e Percussão “Firmeza Permanente”¹⁵⁴, fizemos quatro apresentações públicas: na Festa da Bandeira Haitiana, organizada pela comunidade escolar do CIEJA Perus I em 2022 e 2023¹⁵⁵; na ação afirmativa em oposição ao massacre em Paraisópolis¹⁵⁶ na Comunidade Cultural Quilombaque; no teatro da UNIP, durante o II Seminário de Práticas do CIEJAs¹⁵⁷.

Apesar de haver inúmeros alunos e alunas de origem haitiana, as barreiras linguísticas dificultaram o processo de uma contação/compreensão

¹⁵² Infelizmente há uma tendência a invisibilização do trabalho dos professores e demais agentes educativos das escolas, sobretudo públicas. A chegada massiva de imigrantes haitianos na unidade escolar implicou, para um acolhimento pedagógico coerente, um aumento gigantesco de horas de trabalho, dedicadas à formação em *créole*, história e cultura haitiana.

¹⁵³ Sarau Elo da Corrente

¹⁵⁴ Lema da construção popular da greve por parte dos Queixadas

¹⁵⁵ As Festas da Bandeira Haitiana articulam temas do Haiti e Brasil, segundo a proposta da escola. Em 2022 houve um resgate da memória da Greve dos Queixadas em Perus e, em 2023, houve uma mobilização em torno da demarcação de terras Guarani no Jaraguá.

¹⁵⁶ Em 2019 nove jovens foram mortos em decorrência da violenta ação policial do 16º Batalhão da Polícia Militar do Estado de São Paulo na comunidade de Paraisópolis, durante um baile funk. Apesar de nunca terem morado em Paraisópolis, as mães dos jovens mortos, que se juntaram para exigir justiça, ficaram conhecidas como “Mães de Paraisópolis”. De acordo com a Defensoria Pública, os agentes da PM encurralaram as vítimas em um beco sem saída, conhecido como Viela do Louro. Depois passaram a agredir os jovens, provocando tumulto, pisoteamento e asfixia.

¹⁵⁷ Tema “Políticas Públicas para a permanência na EJA: garantia de Direitos”

pouco simplista das Histórias de Vida. Os relatos gravados que serão apresentados, tanto do Olsom Oscar quanto do Carnex Arne, são de pessoas que possuem ótima compreensão da língua portuguesa o que, apesar de apresentar dificuldades comparativas com um falante de português nativo, possibilitou o trabalho. Ainda, o fato de que somente homens se disponibilizam gravar suas histórias, revela pela ausência, traços da divisão sexual presente na cultura haitiana.

Para auxiliar a compreensão das histórias de vida que virão a seguir, compartilho um mapa dos distritos do Haiti, referenciado pelos lugares citados por Charles, Carnex e Olsom. Ainda, por se tratar de um espaço transnacional, segue um segundo mapa, com os países da diáspora haitiana igualmente citados.

Mapa político-administrativo do Haiti, com as rotas internas dos colaboradores:



Mapa base das divisões administrativas do Haiti disponível em www.guiageo.com/america/haiti.htm adaptadas pelo autor.

Mapa das Américas e Caribe, com a rota dos colaboradores e os lugares diretamente implicados na experiência familiar da diáspora haitiana:



Mapa das divisões territoriais nas Américas e Caribe, adaptado pelo autor para demonstrar a rota dos colaboradores e dos lugares citados como morada de seus familiares na data da gravação.

História de Vida de Charles Obas - gravada em 07/02/2021

Meu nome é Charles Obas, tenho 33 anos, e estou no Brasil há sete. Sou o caçula da minha família. Meu pai tem mais sete filhos, minha mãe só mais uma menina, minha irmã mais velha.

Eu estudei numa escola católica no Haiti. Minha mãe é professora aposentada, de crianças. Meu pai foi professor de matemática, depois foi juiz e depois prefeito da minha cidade. Ele faleceu em 2002. Eu venho de Oboy, uma cidade pequena de mais ou menos sete a oito mil habitantes. Muito pequeno, na parte norte do Haiti. Depois eu saí da minha cidade para fazer o Ensino Médio em Cabo Haitiano, que é uma cidade maior. Depois eu saí do Cabo Haitiano para estudar em uma faculdade particular, na capital, Porto Príncipe. Eu fiquei só um ano lá e comecei a estudar medicina, em 2009.

Foi lá que eu passei o terremoto (...) eu perdi muitos amigos da faculdade, colegas (...) Onde eu morava, a casa quebrou e eu tive que sair. Com um primo - que eu morava junto com ele, voltamos para Oboy. E eu passei um tempinho lá, uns dois ou três anos. Eu aproveitei esse tempo para estudar música. Fiz também um curso de encanador. Acho que foram dois anos. Em dois mil e treze eu viajei porque minha mãe (...) porque eu estava bebendo muito depois de tudo que aconteceu. Nos shows eu tinha várias bandas tocando, não tinha tempo para curtir a família e minha mãe não gostava. Minha mãe tentou entrar várias vezes nos Estados Unidos, mas não conseguia visto. Por fim conseguiu um visto humanitário do Brasil e me falou que conseguiria achar um visto para mim, para eu vir para o Brasil. Mas eu falei para a minha mãe que não seria possível: não tenho nenhum amigo brasileiro, não falo português, não tinha nenhum amigo haitiano (no Brasil). Difícil. Mas minha mãe me falou que não ia ser difícil: onde tem gente você vai conseguir viver.

E em dois mil e treze eu saí do Haiti. Eu morei na República Dominicana, fiquei lá seis meses. Depois eu saí da República Dominicana e entrei no Equador. Mas antes disso, antes de ter vindo morar no Brasil, eu estava tentando entrar pelo Equador para tirar um visto. E eu não conseguia. A primeira vez que fui entrar pelo Equador, vindo do Panamá, a migração não me liberou, não me deixou passar. Voltei para a República Dominicana e lá de novo eu não consegui

o visto brasileiro. Eu tinha uma avó, que infelizmente já faleceu, ela falou para mim que se eu não voltasse para o meu país para fazer uma cerimônia para agradecer meus ancestrais e dar comida para eles, eu não conseguiria viajar. Eu não acreditei, porque eu não cresci vendo essas coisas. Minha mãe era da igreja e era muito católica. Era meu pai que praticava Vodou. Mas só ele. Como eu era criança nessa época, eu não sabia como funcionava. Daí eu disse a ela que achava que não. Ela disse que sim, que tinha que voltar. Quando eu percebi que de verdade eu não conseguia viajar, eu voltei. Voltei para o Haiti. Eu me lembro até hoje que voltei no dia 29 de dezembro.

Eu fui lá na igreja católica da minha cidade, comprei uma flor para o santo da igreja e depois eu fui na *bitassion*, como se fosse o terreiro aqui do Brasil, e dei café, cachaça e comida. Depois, no dia trinta, voltei para a República Dominicana. No dia trinta e um de dezembro eu consegui viajar. (Sorriso) Eram só eles mesmo que não queriam. No dia trinta e um de dezembro de 2014 eu entrei no Equador. Nesse mesmo ano eu consegui tirar o visto do Brasil no Equador e vim para o Brasil. Não fiquei muito tempo no Equador, acho que fiquei dois ou três meses, só para esperar o visto brasileiro e minha mãe comprar a passagem para mim e vir para o Brasil.

Eu fiquei um mês até achar meu primeiro emprego aqui no Brasil. Meu primeiro emprego foi na construção civil, de ajudante geral. E eu fiquei três meses porque eu (...) o ambiente não era muito agradável porque as pessoas eram muito racistas e muito xenofóbicas. Entendeu? Me xingavam muito de macaco, me mandavam voltar para o meu país. Eu fiquei nesse emprego só três meses. E depois, como tinha dito antes, fiz um curso de encanador e arrumei um emprego em uma empresa que presta serviço para a SABESP. Eu fiquei seis meses nesse emprego como encanador, trabalhando com encanamento nos reservatórios da SABESP, quando tinha que fazer manutenção, quando tinha que arrumar, essas coisas. Depois de seis meses eu saí porque eu trabalhava muito longe e eu tinha que estudar. Consegui uma bolsa na Faculdade Zumbi dos Palmares, mas para estudar eu tive que sair desse emprego.

Quando o Haddad era prefeito dessa cidade, ele fez um projeto para pessoas que estavam desempregadas para trabalhar no CRAS (Centro de

Referência em Assistência Social) seis horas, você podia escolher manhã ou a tarde e estudar, como se fosse uma bolsa, acho que era de um salário mínimo na época. Dois mil e quinze, dois mil e dezesseis. Eu arrumei esse emprego no CRAS no Centro para traduzir para os estrangeiros, os imigrantes, que precisam, que não falavam bem o português, para eu traduzir para a assistência social que só falava português, para ajudar as pessoas que falavam inglês, espanhol, francês e crioulo. Era um contrato de um ano. Eu fiquei um ano lá, era um emprego muito legal. Eu ajudei muito os imigrantes que precisavam fazer o cadastro único para fazer ENEM – porque para você não pagar a taxa de inscrição você tem que fazer esse cadastro único no CRAS – e os estrangeiros não sabiam como tirar, eu ajudei muitos. Era um trabalho muito legal.

Quando completou um ano, meu chefe, que até hoje é meu amigo, me indicou para trabalhar na UNIBIS, uma empresa judaica. Eu fiquei para trabalhar com idoso, no sócio educativo. Eu ajudava a dar banho, quando precisava ir no médico, eu acompanhava. Eu fiquei dezenove meses nesse emprego e saí porque precisava ir ao Haiti para ver minha mãe.

Nessa época minha mãe já morava nos Estados Unidos, mas como eu não tinha visto, a gente precisava se encontrar no Haiti. Eu comprei uma passagem para a gente e fiquei lá dois meses no Haiti, depois voltei para o Brasil desempregado. Eu fui para o Haiti em dois mil e dezoito. Eu fiquei o ano de dois mil e dezoito até o final do ano de dois mil e dezenove desempregado, só fazendo bico de música mesmo: tocando quando tinha show, tocando com as bandas haitianas das pessoas que estão aqui e também em um projeto que se chama Migraflix. Na plataforma da Migraflix eu tenho um projeto que se chama “O Haiti está aqui”.

Tipo, os haitianos que estão aqui no Brasil não vem para ficar, é uma situação que está acontecendo. Eles precisam migrar para outros países, mas como para o Brasil era mais fácil porque tem um acordo com o visto humanitário. Nessa plataforma a gente tocava música haitiana, da comunidade haitiana e contava a história do Haiti para os brasileiros. Porque a maioria dos brasileiros sabiam muito das partes ruins do Haiti, mas não sabiam muito da parte boa. Como por exemplo, que foi o primeiro país que acabou com a escravidão,

primeiro país negro do mundo que foi independente. Um país que tem muitas praias, uma natureza muito bonita, entendeu? Esse projeto me ajudou muito porque eu estava desempregado.

Outro projeto dessa época foi o “África é Nois”, uma banda com várias nacionalidades. Foi nessa época que eu e você nos encontramos. E consegui um dinheiro para pagar aluguel, pagar as contas.

Nesse projeto que se chama “O Haiti está aqui” encontrei uma amiga que se chama Camila, que é minha mentora, ela me ajudou a montar um projeto e um dia eu conversei com ela que a situação estava um pouco difícil, que não era todo dia ou todo mês que tem show, que estava desempregado (...) Depois de um tempinho, um tempo bem curto, ela me indicou para trabalhar na Linha 4 e 5 do metrô. Já fazem um ano e três meses já nesse emprego e atualmente trabalho na sustentabilidade, fazendo projeto social, exposição, (campanha da) vacina. Um trabalho que gosto muito.

Sobre a parte da migração dos Haitianos, acho que a gente começou a migrar depois do terremoto, que aconteceu em dois mil e dez. Eu, por exemplo, vim depois do terremoto. A maioria dos haitianos que estão aqui vieram depois do terremoto. E do acordo entre os países, Brasil e Haiti. Conseguir o visto humanitário não tem tantas burocracias entendeu? Mas acho que hoje estão morando menos haitianos no Brasil. A maioria conseguiu ir para Chile para ir para o México e de lá para os Estados Unidos. Eu acho que o número (de imigrantes) está diminuindo.

Antes, eu não sabia muitas coisas sobre o Brasil. Eu sabia mais era sobre o Carnaval e o Futebol. Quando eu decidi vir para o Brasil, eu estava no Equador, eu comecei a pesquisar. Eu vi que era um povo muito acolhedor e receptivo, mas eu não sabia, não sei se posso falar dessas coisas, mas eu não sabia que o Brasil era um país tão racista, entendeu? Eu vi que tinha mais de cinquenta e três por cento de negros então imaginei que ia ser um país tranquilo, porque tem muitos pretos. Mas eu fiquei um pouquinho (...) é diferente. Até com os negros mesmo que são brasileiros, as vezes são xenofóbicos. Eles não poderiam ser racistas, porque também são negros, mas são xenofóbicos. De falar que nós viemos aqui para roubar os empregos deles (...) até a gente pode ser preto igual

a eles, mas a gente não é brasileiro – isso é fato ne? Mas eu não achava que isso seria um problema. Mas apesar de tudo, o Brasil é um país legal, um país bonito que dá para viver.

Tem coisas que eu só passei e comecei a conhecer no Brasil. **Racismo e xenofobia**, essas coisas, **eu comecei a conhecer foi no Brasil**. Como o Haiti é um país onde noventa e sete por cento da população são negros (...) tem outros problemas, de classe social, de onde você estuda, onde eu não estudo. Quem é sua família. Tem essas coisas. Racial não tem muito, porque a maioria de nós são pretos. Acho que noventa e sete ou noventa e oito. Os mulatos que têm lá moram nos lugares deles, por exemplo na capital. Na capital tem um lugar que eles moram que se chama Petion Ville. Pettion Ville é o nome de um soldado do exército indígena na época da escravidão no Haiti, ele era mulato, e construiu uma cidade com o nome dele. A maioria das pessoas lá são mulatos brancos. Na minha cidade quase todo mundo era preto. Tipo, todo mundo mesmo. O Haiti tem mais problema social, escola pública, escola particular, escola católica, mas não era racial porque todo mundo era preto.

Na constituição de mil novecentos e oitenta e sete fala que as pessoas que estavam fora do país, se você tem mais que cinco anos que está fora do país, você não pode se envolver na vida política do Haiti. Você não pode ser candidato a deputado, senador e presidente. Então agora tem uma palavra que é o décimo primeiro departamento, das pessoas que são haitianos vivendo fora do Haiti. Porque o Haiti está sobrevivendo com essas pessoas. São essas pessoas que mandam dinheiro para os pais e para os filhos. Tem muitas pessoas, que eu sei, que mandam dinheiro toda semana para sua família. Essas pessoas dependem de nós que moramos no Brasil, que moramos no Chile, que moramos nos Estados Unidos. E essas pessoas querem se envolver na política para ver se conseguem dar uma vida melhor para a população porque o (atual) governo, os prefeitos, os senadores, os deputados (...) (se depender dessas pessoas) o país fica do mesmo jeito. Então as pessoas querem ajudar mais, querem se envolver, eles pelo menos conseguem ver como um povo tem que viver. Por exemplo um transporte público, saúde, educação – ainda que eu ache que a educação lá é um pouquinho sólida, mas que tem ainda que desenvolver na área da tecnologia, computadores.

Tem uma comunidade nos Estados Unidos, em Miami, que é muito forte. Em dezembro ou em julho, que é mês de férias no Haiti - não tem escola e a maioria das pessoas que trabalham tiram férias - as bandas mais famosas de haitianos que moraram nos Estados Unidos vem para o Haiti para tocar para as pessoas. Vem e fazem *tourne*, ficam indo de cidade em cidade, um mês dois meses tocando. Eles se envolvem muito. As bandas mais famosas do Haiti ficam nos Estados Unidos. Mas tem algumas das mais famosas que ficam no Haiti: na capital, na minha cidade, no Cabo Haitiano. Mas a maioria das bandas mais famosas estão foram do Haiti.

Tudo que está acontecendo no Haiti, que seja economicamente, politicamente, tudo, os Estados Unidos tem um dedo. Eu acho que os haitianos, muitas vezes se sentem mais americanos do que africanos. Não sei se é porque geograficamente os Estados Unidos está muito muito perto do Haiti.

(O telefone toca com um ringtone de *kompas* de melodia romântica. É a Sandy)

Eu acho que os Estados Unidos está influenciando muito os haitianos. Politicamente, eu acho que é o Estados Unidos que está mandando lá. O que os Estados Unidos querem, é o que vai acontecer. O presidente, os senadores, tudo.

As pessoas estão insatisfeitas com o governo do Haiti e como os Estados Unidos estão apoiando agora esse governo (...) Duas vezes as manifestações já foram até a embaixada dos Estados Unidos para fazer protesto. Pedem para parar de apoiar os governos corruptos, que não faz nada para a população, entendeu? Eles estão muito chateados e muito bravos com tudo que está acontecendo com esse governo e isso acabou influenciando tudo que está envolvido, o próprio Estados Unidos.

A cultura dos Estados Unidos circula bastante no Haiti, por exemplo os vestidos. Eles se vestem muito como se fossem americanos, escutam muitas músicas americanas. Influencia muito. Tem rádio que passa muito as músicas americanas, acho que mais do que o Brasil.

Minhas expectativas para o futuro é estudar mais. Fazer uma pós-graduação na área de gestão de pessoas, ou fazer um curso de Psicologia. Eu

queria morar em outro país, os Estados Unidos, para ficar mais perto da minha família. Atualmente minha mãe e todas as minhas irmãs moram lá. É isso, eu queria ficar mais próximo da minha família. E ganhar mais e ter uma vida melhor (risos). Porque eu quero voltar pro meu país, para o Haiti. Mas para voltar para o Haiti eu tenho que ter o mínimo de dinheiro. Na minha cabeça, se eu conseguir entrar nos Estados Unidos eu conseguia ganhar mais e guardar mais dinheiro eu posso voltar no futuro. Eu queria trabalhar uns vinte anos mais pra juntar um dinheiro e montar um negócio no Haiti para viver tranquilo. Comprar uma casa, entendeu? Se eu quiser eu posso vir visitar o Brasil – que é um país que eu gosto - visitar a República Dominicana, visitar Cuba, visitar os Estados Unidos. Mas não é para morar. Eu quero viajar para aprender uma coisa melhor, conhecer e descobrir outros lugares, passar uma semana ou quinze dias, e depois voltar para o meu país. Afinal o nosso país é o nosso país, a gente nunca vai esquecer.

Da minha família está no Haiti a minha avó, mãe da minha mãe. Não é a minha avó, mãe do meu pai, que me pediu para eu fazer aquelas coisas. A maioria dos haitianos falam que são católicos ou protestantes, mas na hora que precisam, sabem bem aonde eles tem que ir (risos). Acho que noventa e nove por cento dos haitianos, na vida, mesmo que seja em um único momento na vida, já praticaram o Vodou. Mesmo que uma vez na vida. Por exemplo, eles vão precisar de um visto para entrar nos Estados Unidos. Eles falam que são católicos, sei lá. Mas, como te falei, eles vão na *bitassion*, nos terreiros, para fazer oferenda, dar comida, para conseguir pegar mais sorte, pegar energia boa, para conseguir esse visto. Quando precisa de um emprego, entendeu?

Eu acho que o Vodou e o Créole são uma contribuição do Haiti para a humanidade. Eu acho que o Haiti está nessa situação porque nós esquecemos quem somos. O haitiano tem mais orgulho de falar que ele é americano do que africano. Não estou falando de americano pensando no continente, digo, como estadunidense. Os haitianos gostam mais de Jesus Cristo do que de Dessalines, que é o pai da pátria e acabou com a escravidão. Sentem mais vontade de falar sobre Jesus Cristo - que são de Santa Maria, de Santa Cecília, essas coisas, Nossa Senhora - do que dos dos Lwas, que são Azili Dantor, Ogou, Frieda, Papa Dambala. Como a gente vai esquecendo dessas energias, elas também vão se esquecendo de nós. E o país vai acabar se enfraquecendo e entrando nessas

coisas ruins. As melhores escolas da Haiti são as escolas católicas, mas eles só falam de europeus, eles não falam sobre o Vodou, não falam sobre a África. E tem muitos haitianos que dão mais valor para as coisas dos europeus do que da África, do próprio povo Haitiano. A gente vai perder essas coisas e o país vai indo cada vez pior, culturalmente e intelectualmente.

Você sabe né? Minha avó já me avisou: ainda estou devendo uma coisa para Ogou.

Nota pós gravação

Essa foi, infelizmente, a última vez que nos encontramos presencialmente. Poucos dias depois Sandy teve contrações e veio para a Santa Casa de São Paulo onde ela estava fazendo o pré-natal. Ao chegar no hospital, mesmo com contrações e com dilatação de 5 cm, foi orientada a voltar para casa e aguardar a dilatação desejada para voltar para o hospital para fazer o parto. No caminho de volta para casa, em um vagão do trem da CPTM, a bolsa se rompeu e Sandy deu à luz a uma menina. O parto foi auxiliado por policiais e seguranças em serviço: Koanne Estrella D' Tamanda Obas. Estrella em homenagem a uma das policiais femininas que auxiliou o parto e D'Tamanda em relação ao Tamanduateí, onde Koanne nasceu. História documentada pelo Domingo Espetacular da Rede Record¹⁵⁸

Charles avaliou que mesmo após 7 anos no Brasil não havia conseguido “construir” nada, que não havia conseguido juntar uma quantidade de dinheiro que garantisse segurança material e voltou para o Haiti. Pouco tempo depois me mandou uma mensagem de um número novo: havia, por fim, cruzado aos Estados Unidos.

¹⁵⁸ Link da reportagem: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/03/06/mulher-da-a-luz-em-estacao-de-trem-da-cptm.ghtml>

Histórias de Vida: Carnex Arne

Posso começar a gravação com uma poesia que escrevi? Vou tentar fazer a tradução para não mudar muito o sentido:

“Mamãe sua existência é ouro!

Mamãe quando você não está, a casa fica de cabeça para baixo.

As crianças estão em desagrado porque eles a veem em mal estado

E isso faz com que nós tenhamos esperança.

Você é considerada uma criadora de alegria

Mãe, você sempre está lá para poder participar

Ainda é possível trazer soluções

Você considera isso uma missão

Isso é o que faz seu sangue e sua desolação

Mãe, você nunca se diverte

Veja quantos de seus filhos estão sofrendo

Você é escolhida por Deus para gerar a vida por nove meses

Seu amor que nos impediu morrer

É graças a você que podemos celebrar a vida

Nossas lendas sobre as boas mães haitianas nunca param de andar

Pé sujo e bronzeado são gotas de chuva e roupas no varal

Você nunca tem medo de outras calamidades

Para o bem de seus filhos, para poderem levantar melhor

Mãe, eu nunca fui ao mar

Mamãe não tem medo de atravessar o mar

Ainda que seu coração esteja dilacerado em busca de uma vida melhor

Porque você nunca gosta que digam que você está enredada.

Por todas essas coisas e o que ainda nos falta

Mãe, sua existência é ouro!”

Agora eu estou entrando no Brasil a área que mais gostei é a Imigração, sobretudo a imigração haitiana. Eu estou por aí pesquisando: aqui tem. A imigração haitiana, antes do Mundial (da Fifa, 2014) ... Eu tenho um amigo, que trabalhava no Corinthians. Ele entrou aqui e trabalhava e tinha outros amigos também que trabalhavam lá. Não sei se construiu, se era novo, ou se era uma renovação. Era uma construção nova né? Tiveram muitos haitianos que trabalharam aqui nas obras tanto na Copa do Mundo quanto nos Jogos Olímpicos. Então a gente tem que estar do lado.

A melhor maneira é estudar a imigração haitiana a partir da experiência. Você é imigrante, mas interno. Eu falo sobre isso na introdução e no capítulo um do meu livro: depois de tomar a independência as pessoas começaram a migrar de maneira interna: as pessoas que estão no Sul não estão bem querem ir para o Centro, ou para Oeste. A mesma coisa que acontece aqui. Dentro do segundo poema que escrevi em agosto de 2004, no final falo que Porto Príncipe é o sonho dos EUA dentro do Haiti. As pessoas saem de todos os Departamentos e chegam em Porto Príncipe. Por isso Porto Príncipe tem mais de três milhões de pessoas. A população total do Haiti tem nove a dez milhões de pessoas. Quase quarenta por cento da população se concentra lá, os escritórios públicos. Até o governo do Jovenel Moïse, esse presidente que a gente matou, a gente tinha que ir até lá para fazer o passaporte. Com ele todas essas coisas se descentralizaram.

Eu tenho trinta e cinco anos, nasci em 1986 em Porto de Paz (*Port-de-Paix*), no Haiti. (me mostra no mapa, no livro de sua própria autoria) Aqui esse e outro livro que escrevi, que trata do turismo. O prefácio foi escrito por um outro amigo meu, que está fazendo doutorado na França. Aqui eu falo sobre o departamento no Oeste, de Porto de Paz, conto a história, como foi feito. Como a gente focaliza no turismo tem umas palavras para ajudar na comunicação, informações. Nessa parte tem um artigo que está escrito sobre o departamento, sobre a quantidade de turismo que está na área, entre República Dominicana e Haiti. Todas essas coisas. Porto de Paz está aqui, aqui está a Ilha de Tortuga, aqui o Cabo Haitiano. Para sul temos a capital, Porto Príncipe e Jacmel, a sudeste. Aqui é onde teve o terremoto no ano passado: Jeremy, Kay e Nip foram arrasados.

Nasci no grande norte e minha família toda vem de lá. Meu pai estava na mesma escola que minha mãe. Meu pai foi diretor de uma escola congregalista, católica, por 40 anos. Minha mãe foi enfermeira. O hospital que ela trabalhava era de uma congregação batista, e lá não queriam empregar pessoas que não eram da batista. Como meu pai foi diretor da escola e sacristão, minha mãe não quis quebrar o laço familiar, daí deixou de trabalhar no hospital. Daí que ela passou a comprar mercadorias na capital e levar para Porto de Paz para vender. Ela e meu pai moram lá. Meu pai viveu quatro anos nos EUA, com a minha mãe. Depois que foi, voltou, não querem ficar lá. Ela tem visto e não vai ficar lá. Meu pai tem problema no pé, não pode caminhar. Meu irmão, que é médico, quer entrar para ficar. Lá as pessoas têm paz. Ainda que no país tenha problemas, na capital, Cabo Haitiano, Kay. Porto de Paz é o nome, tem paz lá. Qualquer pessoa que vem pra fazer alguma coisa (...) você vai morrer. A população vai matar você, porque é a paz que está lá, e nós estamos em paz.

Eu acho que eles, a gente, tem três casas lá. Tem uma que tem o negócio de minha mãe e encima está alugado. Tem outra casa que era no mesmo espaço da casa da minha vó, meu irmão que é economista e estuda Direito também, ele se casou em julho e vai morar nessa casa. E a outra casa que é a maior que a gente tem, tem três dormitórios, cozinha e uma sala. Essa casa tem mais de dois mil metros quadrados. Agora só a minha mãe e meu pai que estão lá. Somos nove em total na família, dois estão nos EUA, oito filhos da mesma mãe. Meu pai tem um filho de uma relação fora do casamento. O irmão que é de outra mãe foi criado junto com a gente. A mãe dele sabia que meus pais estavam juntos em uma relação de oito anos de casamento. Se você sabia, foi colega de classe, você não devia entrar. A mãe fez com consciência. Então você vem fazer o filho, mas não vai casar com ele. Se a pessoa tinha oito anos de namorado você não pode fazer isso. Então é por isso e até agora. Ele tomou a criança e criou com a gente. Até hoje ele chama a minha mãe de mãe e a mãe dele ele chama pelo nome, normal.

Dois estão nos EUA, dois estão no Haiti e o resto está estudando na República Dominicana. Dos que estão no Haiti, um é o que se casou e o outro é sacerdote. Está em Porto Príncipe estudando para ser sacerdote, no último ano. Só o maior que não é filho de minha mãe. Todos fomos criados na católica. Eu

fui uma dessas pessoas que acompanham o padre (coroinha). Todos nós passamos por isso. Eu fui músico tocava tambor na igreja, meu irmão que é médico tocava guitarra e piano, o primeiro, o mais velho, tocava tambor e bateria. Os outros, todos sabem tocar tambor. Dentro da Igreja só tem dois tipos tambor. Tambor Renoot e o Ibo. O Ibo é um ritmo que a gente pode falar que é África. Tem muita gente que escuta e acha que é outro ritmo, mas para a gente é Ibo. Os nossos ritmos quase todos vieram da África, porque nós somos descendentes de África.

Um dos meus irmãos está em Porto de Paz, estudou Direito lá, estudou Economia lá. Nunca saiu para trabalhar. Ele saiu para fazer uns cursos de tecnologia em Porto Príncipe. Meu irmão que é sacerdote deixou nossa casa pequenininho, acho que com nove anos, entrando no seminário pequeno, está até chegar no seminário sênior. O meu outro irmão estudava medicina na República Dominicana e o mais velho estuda Turismo, também na República Dominicana. Esse trabalhou no embarcado, acho que por seis anos. Depois nós queríamos mandar ele para trabalhar na Ásia, porque ele estava fazendo um ano de Europa, nunca veio na América durante um ano, ele não gostava, mas fazia. Você está trabalhando em um barco do turismo. Antes ele fazia só América Latina e Caribe. Então a cada quinta feira ele estava no Haiti em um posto, em Labadi, que é muito lindo. Depois de dois anos, a gente mandou ele de barco para a Europa. Mas ele foi porque não sabia como funcionava. Depois de dez meses ele passou dois meses de férias entre o Haiti e Estados Unidos. Ele conheceu os países da Europa, mas não quis ficar longe de sua família.

O resto dos meus irmãos, quatro, estão na República Dominicana. Eu morei sete anos lá, saí de lá a dezesseis anos atrás, então foi em dois mil e dois. Eu deixei Porto de Paz para terminar meu ensino secundário e médio em Porto Príncipe. Eu deixei Porto Príncipe em dois mil e cinco. Entrei em dois mil e dois, voltei em Porto de Paz que havia terminado e voltei, passou um tempo, porque nessa época estava com dezenove anos. A gente precisava de uma pessoa que dirige e fala francês, para ser motorista e tradutor para um grupo de canadenses que vão entrar em Haiti como observador das eleições. Então a gente conseguiu esse emprego, começou em dezembro e terminei em março. Me pagou duzentos

dólares por semana, que era pouco na época. E pagou quinze dólares por dia para provisões e comer. Entrei no fim de 2005 e fiquei até 2006.

Daí depois desse contrato eu fui para Cabo Haitiano com um amigo e comprava algumas coisas, por exemplo, tem uma bebida que chamava (...) eu comprava em cabo haitiano e trazia de volta para fazer negócio. As coisas entram entregadas de barco. Então ia de carro e chegava antes do barco e recebia as mercadorias que depois ia vender. Depois as pessoas me falaram de um negócio que havia entre o Haiti e Ken Caicos. Eu comprava lá de barco e trazia para o Haiti. Era mais comida, inhame e fogo. Lá não é a gás, é com carvão. E bebidas, como refrescantes. Essas coisas não eram produzidas na ilha. Quando a gente voltava pra o Cabo Haitiano a gente comprava material de construção, madeira pra levar para lá.

Depois disso meu pai me falou: você não vai estudar mais? Eu falei que sim, vou estudar. Porque meu irmão que é médico estava lá. E falei pra ele: vou quando você quiser. Quando entrei em República Dominicana em vinte um de junho de dois mil e seis eu entrei em Ioba, para focar mais no espanhol, na Universidade de Rape. Eu fiz um ano, entre julho de dois mil e seis e julho de dois mil e sete e depois eu comecei um curso de informática em um centro técnico que se chama *Bonnapec*. Eu fiz desenho gráfico, informática e um curso de contabilidade informatizado. Depois eu entrei na universidade em dois mil e oito, pra fazer carreira. Aí eu já estava com um nível intermediário do idioma.

Quando aconteceu o terremoto eu estava lá, em Porto Príncipe. Eu tinha voltado para renovar meu passaporte. Quando você voltava tinha que ter o contato com uma pessoa da migração encarregado de fazer um novo passaporte você pode conseguir o passaporte em dois ou três dias. Se você vai fazer esse passaporte pela missão consular que está lá na República Dominicana, pode durar três meses, sem passaporte. Então eu estava em Porto Príncipe quando aconteceu o terremoto em dois mil e dez.

Eu perdi duas sessões da universidade por isso, oito meses eu perdi. Em janeiro já tinha feito a inscrição para entrar, por essa coisa que passei (o terremoto). Eu estava com problema. Depois, em setembro, eu fiquei mais quatro meses para ajudar. Porque tinham várias pessoas que queriam ir para o Haiti

para ajudar, com tradução e todas essas coisas. É a única maneira que eu podia para ajudar. Eu fiquei lá, ainda que a família tenha ficado brava comigo. “não, você tem suas coisas (...) Não: estou fazendo isso para que amanhã possa voltar. Essas pessoas que estou ajudando agora não quero nada de mal deles, só que eu acho que meu Deus vai me abençoar.

Então fiquei lá esse tempo, voltei e abri a carreira e terminei em abril de dois mil e treze. Terminei com as matérias e só faltava fazer a tese. Na universidade você tem que fazer um pré-projeto. Depois de aprovar o pré-projeto você faz a tese. Começando a fazer a tese o meu passaporte se perdeu e eu estava no Haiti. Quando seu passaporte está perdido no Haiti você vai passar três meses só para fazer a investigação. Isso porque não pode subir para a República Dominicana. Em dois mil e treze não tinha tanta tecnologia, nem zoom nem nada, para falar com meu assessor da tese.

Daí eu entrei no negócio de tecnologia e rastreamento e a gente ficou tudo parado, em dezembro ou outubro de dois mil e treze, antes de sair do país. Porque a gente foi muito perseguido. Muita perseguição. Na nossa área de tecnologia, muitas pessoas que roubam carros, muitos veículos que custam muito dinheiro. Tem Hylux, Mazda, B-50. Veículos do ano. Roubam esses veículos e passam pela República Dominicana, ou desmontam e mandam as peças para a Ásia. Quando chegamos com essa solução, éramos seis jovens que haviam estudado na República Dominicana, ninguém nos conhecia, as pessoas que têm dinheiro não nos conheciam. Nos só fazíamos propaganda pelo *Facebook*.

Depois de um tempo encontramos com uma pessoa que trabalhava na Texaco para controlar os veículos que estão no controle dele, para controlar os motoristas. Oferecemos o serviço para ele e ele gostou. “É safado, eu estou aqui desde dois mil e treze. Você está falando que você estava aqui em dois mil e dez, eu não sabia de nada. Daí eu falei com ele, o diretor da operação. Não tem problema. Nós somos de Porto Príncipe, não somos nós que temos dinheiro. Só temos conhecimento e o sistema. Precisamos de pessoas que sabem onde tocar pro país. Nós construímos esse sistema no Haiti, desenvolvemos na tecnologia. A tecnologia é que constrói uma casa, compra um carro, controla arma secreta,

ajuda minha família, tudo. Isso em Porto Príncipe. Eu fiquei lá seis anos, até dos mil e dezenove.

A perseguição foi dos bandidos primeiro. O nosso escritório era *em Petion Ville*, na zona alta, na burguesia, ficou caro demais. Aí deixamos *Petion Ville* e fomos para uma zona média, *Derba*. A zona tem um bandido que controla essa zona, um grupo, e tem que pagar para o grupo de bandidos, todo mês. É uma pessoa que você não sabe quem é, não trabalha pra você. Então você tem que pagar. Ainda que você esteja pagando imposto ao Estado, você tem que pagar para ele. E essa pessoa é mais perigosa do que o Estado. O Estado você vai mandar uma ocorrência e você tem que passar lá no escritório com um advogado. Essas pessoas (...) então tem que pagar. Mas o problema maior não é quando tem que pagar, é quando um grupo de pessoas, quando você ainda é pequeno e está fazendo uma coisa que tem futuro, as pessoas vem até você para dizer que o serviço está bom e blablabá, e depois vai te pedir sociedade. E se você disser não, já é um problema. Vai fazer todo o possível para que você deixe. E pior problema. Querem entrar porque tem poder. Tem poder dinheiro, tem político e tem bandido. Tem essas três pessoas. E essas pessoas ameaçando a nós.

Nos encontramos com ele quatro vezes, com ele, que estava esperando uma resposta de nós para entrar (no grupo), na sociedade. Aí a gente virou Sociedade Anônima. É uma pessoa, tem muito poder. Está com um grupo de rádio e televisão. Não sei o nome da empresa, que é física. Ele controla. E essas empresas estão com nome sujo, são corruptos. No começo ele vinha conversar com o nosso advogado. Mas nosso advogado nos chamou e disse para não continuar negociando com eles, que se não depois eles vão entrar e pressionar você: “olha, eu quero agora cinquenta por cento” e se você não der cinquenta, vai poder fazer todo o possível, oferecer dinheiro. Depois que ele conseguir os cinquenta, qualquer coisa você pode estar fora da coisa que você mesmo construiu.

A gente começou a receber ameaças em dois mis de dezoito. O país estava todo em guerra. Eu falei com o meu amigo, o Jean Marc, que estava voltando do Brasil para ver sua família, quando ele me falou: porque você não

vai para o Brasil meu irmão, lá você vai ficar na paz”. Daí eu falei com minha esposa (mostra fotos da companheira e da primeira criança do casal).

Estamos juntos a nove anos. Quatro anos de namorado e cinco anos de casado. Quando começamos eu estava na República Dominicana. Ela estava estudando enfermagem em Porto Príncipe.

O povo do norte e o povo do Sul são muito diferentes. A cultura. A gente do norte é mais cultivável, mais culto, mais trabalhador. A gente da capital e do Sul é igual o pessoal aqui de São Paulo, não quer trabalhar. Quando uma pessoa de Dubai está falando aqui é a mesma coisa. Quando você está falando com uma pessoa do Norte você sabe que são pessoas sérias. A maioria das pessoas mestiças está na capital. A maioria, e isso é até agora: a maioria das pessoas estão no Norte e as pessoas com a sua cor estão na capital.

Sim, tem gente lá mais branca que você. O presidente Batelier é mais branco que você o ex-primeiro-ministro Lamort é quase igual a você. Não sei se tem porcentagem, é menor. Pode ser que seja uns dez por cento. Sim, minha companheira é considerada negra lá. Aqui o ex-primeiro-ministro Labot agora está trabalhando na Ásia. Ele tem a Global Voice. Ele tem essa companhia, em oito países da África. Os brancos que têm lá são os que vieram da Síria, por miséria. São sírios, árabes. Labot é um multimilionário. Foi primeiro-ministro.

Antes do Juvenel Moise teve o Michel Matet. Ele foi o presidente entre 2011 e 2017. Ele é um músico. Ele é mulato. Sua esposa, ela é mais negra que a família. Eu trabalhava na companhia e a gente fez a instalação de mais de trinta veículos para ele. Ele é mais branco que você, mano. E quando ele fala crioulo você vai se assustar. Ele está falando crioulo melhor que o meu. Os filhos de Matery, Olivier, esse é o outro filho dele. Essas pessoas são mulatos, mestiços.

Esse participou do assassinato do presidente (mostra uma foto). O presidente foi assassinado porque cortou uns contratos com ele. Foram colombianos treinados pelos Estados Unidos. São pessoas treinadas nas forças armadas, foram vinte e seis. Entraram na casa dele e mataram ele dentro da própria casa, no próprio quarto. A esposa dele já não pôde fazer nada.

Não vejo muita diferença nas relações raciais no Brasil e no Haiti. As pessoas negras têm medo das pessoas brancas, como aqui no Brasil. A gente negra acha que as pessoas com cor branca são racistas, é você mesmo (as pessoas negras) que está sendo racista. Não é só porque é branco que é racista. A gente tem medo das pessoas brancas e os mulatos, as pessoas mestiças, ainda estão no negócio. Sabem tudo para roubar, para negociar e ajudar os políticos na campanha para quando eles forem eleitos (...) Os mestiços são melhor de vida, são mais ricos. Mas a maioria dos presidentes são negros. Porque o povo não quer votar em pessoas brancas.

O Matelie, que chegou a ser presidente. Você sabe por quê? Porque ele era músico, muito famoso, tinha mais de trinta anos de carreira na música. O pai dele mandou ele estudar medicina e foi estudar música, na hora de voltar chegou no aeroporto com um violão e um piano e um baixo (risos). Por isso ele deu certo na música. Até hoje ele tem muito sucesso na música, quando tem uma apresentação dele o povo paga muito dinheiro. Até depois de ser presidente ele voltou pra música. Antes ele já tinha essa simpatia. Na política já mudou umas coisas para o povo ne? Agora não. Toussaint, Cristophe e Dessalines são negros, negros, negros. São mais negros do que eu. Petion foi mulato. Com Petion o país foi dividido em dois: a parte norte que é nordeste, norte e centro, foi com Christophe.

O Norte nessa época era mais desenvolvido. Na parte Sul eles são devagar, não querem trabalhar. A mesma coisa que está acontecendo agora. Quando Cristophe foi morto, o país foi unificado com Buaie. É daí que vem essa questão política que é histórica entre o Haiti e a República Dominicana. Porque os espanhóis quiseram voltar a colonizar a República Dominicana, a história contou que os dominicanos pediram ajuda a Boyer, aí entraram no país e nessa época a força armada era muito forte, daí os espanhóis voltaram ao seu país, perderam a batalha. O Boyer dirigiu a ilha inteira durante 22 anos. A República Dominicana tinha a primeira universidade de toda a América, a São Tomás de Aquino. E o Boyer fechou essa universidade e transformou em um presídio. O problema histórico com a República Dominicana é esse. É por isso que existe esse problema até agora, e os dominicanos não nos querem lá. Ainda que os

haitianos sejam o motor da economia dominicana. É o primeiro lugar que vão, não tem fronteira.

Hoje no Haiti tem dois tipos de pessoas: as pessoas ricas demais pra ficar e as pobres demais para sair. Duas categorias. Pessoas que tem muito dinheiro, que tem contato com grupo de bandido, que está roubando o dinheiro do Estado, ganhando dinheiro com contratos, os políticos, as pessoas que são poderosas demais e sabem que não vai acontecer nada com eles. A outra categoria é das pessoas que não tem nada pra vender, pra encontrar dinheiro pra sair do país, porque desde dois mil e oito, com todas as situações que aconteceram, todas as coisas, foi muito complicado.

Na capital se concentra tudo. Porto Príncipe é a capital política e econômica. Podemos dizer que é a capital turística também. Sabe por quê? O aeroporto internacional está lá. O outro aeroporto internacional que fica em Cabo Haitiano tem menos voos. Então a maioria das pessoas que estão entrando é por lá. Os hotéis são lá. Você pode ir pras outras ilhas de barco ou de avião, mas de barco é mais caro. Não tem barcos pequenos, só iates. Tem momentos que a gente pode circular de barco. Em Cuba nunca. Dizem que é democracia, mas não pode chegar lá de barco. Se você for é preso e deportado. Antes tinha uma linha naval com a Bahamas, mas foram tantas pessoas ilegais que acabou.

Muitas pessoas que estão ilegais nos Estados Unidos passaram de barco pelas Bahamas, em iate. Essas viagens foram muito complicadas. Eu fui de Porto Príncipe para a República Dominicana. Mais barato. Sair do Haiti agora diretamente é muito caro porque só a companhia que fazia essa rota desde o começo da pandemia não faz, e não sabemos quando vai voltar a fazer. Só haitianos aqui que estão organizando voo e abrigo. Fazem aluguel de um voo, na Azul principalmente. Em catorze de novembro no ano passado foi um primo meu que fez lá.

A gente vai pagar mais de 5500 reais, só ida. Na República Dominicana você vai pagar 3500, 4000 ida e volta. Da República Dominicana para o Haiti, se você quiser *business class*, 40 dólares. Em transborde, parando e mudando de ônibus, 20 dólares. Mais vinte dólares na imigração. Minha rota com minha esposa, eu entrei de ônibus na República Dominicana. Eu peguei um voo para

Cuba, fiquei um dia lá pra ver como está antes. E depois fui de Cuba para Trinidad, depois pra Georgetown e depois um ônibus para chegar na fronteira, no estado de Roraima, Boa Vista. Cheguei lá em 2019.

O amigo que me falou do Brasil, no momento estava no Haiti. Não havia visto humanitário. Meu amigo que entrou aqui com visto humanitário entrou em 2016, depois teve muita gente entrando com visto de trabalho. As pessoas que entraram em 2013, 2014. Outras pessoas entraram com visto humanitário. E depois de 2018 fechou essa coisa de visto humanitário. Foi quando subiu esse governo autoritário. Quando subiu o governo de Bolsonaro. Eu acho que o problema também não é só o governo federal. O problema é a desorganização de lá, nas embaixadas, tem pessoas que estão subornando, haitianos tomando muito dinheiro de você que quer sair do país, como um coitote. Eles fazem essas organizações com pessoas de dentro da embaixada. Se tem 2 mil pessoas, se cada uma tem 2 mil que vai chegar e ganha 40 mil pra fazer essa averiguação, então essas pessoas estão ricas.

O visto em si e sessenta dólares. O que é caro é o suborno. Meu amigo que trabalhou como técnico comigo ele entrou aqui e pagou 900 dólares para esse visto. Tem pessoas que estão pagando agora 1700 dólares, que estão pagando por um visto humanitário, que é 60 dólares. Mas só o governo federal que pode cortar o suborno. Tem haitianos que foram na Polícia Federal e explicar o que está acontecendo. Por exemplo, meu filho tem quatro anos. Tem a reunificação familiar. Pra entrar tem um site. A gente planejou chegar os três aqui, mas a quantidade de dinheiro era muito alta e nós não tivemos dinheiro pra trazê-lo. Eu também tive que pagar o suborno. Pagamos quase 7 mil dólares até chegar em Boa Vista. São cinco voos no total pra chegar aqui em São Paulo. É uma agência que organiza essas viagens se você está desesperado pra deixar o Haiti.

O país estava em lockdown por treze dias, com problema de água, problema de luz. A gente bebia água da chuva, eu fiquei doente, em Porto Príncipe, bloqueado. Esse problema começou no dia que o Brasil se eliminou no mundial 2018. O mesmo dia o presidente queria subir o preço da gasolina. Se o Brasil tivesse ganhado isso não ia acontecer, mas o Brasil foi eliminado e o povo

ficou mais bravo, porque 90 por cento da população é fanático, é louco, louco! Pela seleção brasileira de futebol.

A gente mandou os documentos daqui para o meu filho, a mãe da minha esposa está com ele lá, enviei o passaporte fotocopiado, escanearam tudo, mandamos carta de convite e a autorização. Fomos ao cartório reconhecer firma e mandamos isso para o Haiti. Todos os documentos mais o documento dele e da mãe de minha esposa. O processo dura noventa dias, desde dois de julho, até dois de outubro. Ontem, depois de mais de noventa dias, ligaram para dizer que o nome da minha esposa está mal escrito na ata de nascimento de meu filho. Mas avisaram para mãe da minha esposa, que está no Cabo Haitiano e tem que chegar lá em Porto Príncipe, e agora não é fácil de chegar. Porque as pessoas estão em greve.

Os bandidos, onde tem as reservas de petróleo, quando o petróleo está entrando, foi controlado pelos bandidos. Os caminhões não podem entrar lá, a gasolina e o diesel são vendidos muito caro então os motoristas e o pessoal do transporte faz greve agora. Esse processo está começando, a crise política amarrado com todas as outras crises. Antes as pessoas estavam na rua pra dizer que Jovenel não resolveu nada. E isso é uma mentira.

Antes do Jovenel, para fazer um quilometro de asfalto custava na rua 1.5 milhões de dólares. Depois que ele chegou, como ele estava com a companhia de construção, e com a Agritance, ele que fez a primeira zona franca agrícola de banana: mil hectares de terras em banana. Só. vendíamos as bananas pra a Alemanha, porque a nossas bananas são orgânicas, não tem nada de química. Ele falou com as pessoas que tem companhia para abaixar o preço: “você sabem qual é o preço do quilometro de rua. Vamos fazer o seguinte então: o Estado faz o terraço, preparação da rua. Vou comprar asfalto só na mão de vocês.” Até agora o preço dele é muito baixo.

É com esse dinheiro que as pessoas pagam os bandidos e ajudam aos políticos, deputado senador, ministro. Comprar eles. É com esse dinheiro. Então não aceitaram ele. O que ele conseguiu fazer depois de dois mil e dezoito, ele estava sofrendo, até chegar em dois mil e vinte, dezenove, começou a cortar contrato. A luz estava com um grupo de mulatatos, Dimi Ivo, ele cortou o

contrato. A administração passou a ser do Estado. Porque eles estavam vendendo essa energia ao Estado pelo preço mais alto do mundo. E não tem energia suficiente. Eles cobraram doze milhões cada mês. Ele cortou essa primeira parte. Muitas manifestações, começaram a enviar notificações pela justiça, muitas pessoas. Ele saiu do país como refugiado político. Ele cortou contrato por conta do asfalto. Ele fez usinas que produz o asfalto. Ele comprou quinhentos mil galões de asfalto na Indonésia. As ramificações internacionais eram tão fortes que Indonésia voltou o dinheiro para o Estado, sem fazer negócio, não vai vender mais. Ele comprou cem mil galões com a República Dominicana que temos fronteira. O asfalto chegou na fronteira e não pôde atravessar. Então ele ligou pessoalmente para o presidente dominicano, contou o que estava acontecendo e perguntou como ele poderia ajudar. Esses cem mil galões de asfalto passaram as três da madrugada, com as forças armadas dominicanas e a polícia haitianas escoltando.

O presidente da república começou a sofrer ameaças. Essas pessoas pagam outras pessoas para irem para a rua para fazer as manifestações. Ele começou a falar agora. Ele começou já falar nome. E começou a cortar: você tem tanto de dívida com o Estado, se você não começar a pagar, vou mandar, vou fazer uma convocação pela justiça. Todas as manifestações do Haiti são pagas. Todas. Não é uma, são todas. As manifestações que estão fazendo foram pagas por Estados Unidos e Canadá. Tal mulatos tem, estão vendendo arroz ao Haiti, então é porque foi um representante americano lá, porque o arroz saiu dos Estados Unidos. É o dinheiro que está fazendo. Esse mesmo dinheiro está sendo investido, uns cem mil, uns duzentos mil, para remunerar as pessoas para estarem na rua. E o povo que está morrendo de fome cobra dois mil, três mil, cinco mil, que é menos de cem dólares para estar na rua. Daí tem bandeiras e tudo. E tem gente que vai sem cobrar. As pessoas que estão organizando sim, têm dinheiro para organizar essas manifestações.

O dinheiro vem de fora, mas está dentro. É a parte externa que está junto com a interna, em qualquer coisa que estiver acontecendo no Haiti. Sempre tem as mãos externas em qualquer coisa que estiver acontecendo no Haiti: pode ser Canadá, pode ser Estados Unidos. E os Estados Unidos é o inimigo mais forte do Haiti. As pessoas não sabem disso. As pessoas não querem aceitar isso.

A Minustah foi organizada pelos Estados Unidos. Entraram em 2004 e eu acho que saíram do país gradualmente com o governo de Jovenel Moïse, depois de começar o governo dele dezessete, dezoito. Acho que nessa época. O Brasil está no Corru. (Países Amigos do Haiti). Isso é uma mentira, meu. E o Brasil está dentro. O Brasil está entrando no jogo dos Estados Unidos, França, Haiti, todos. Todo mundo tem seu interesse. É isso. **O interesse no Haiti é porque as pessoas sabem que se o Haiti estiver unido, somos uma força. Somos uma força porque sabemos bater.** Por isso que estamos divididos, estamos divididos pela questão do dinheiro.

Oitenta por cento da força intelectual do Haiti não está no país. Os Estados Unidos tomaram uma parte, França, Canadá também. Mesmo a África. No tempo do Duvalier foram pessoas para lá que estão se formando e dando cursos nas universidades da África. Guiné, República Democrática do Congo, Nigéria, não sei nada da África do Sul. O Benin e o Haiti têm uma relação cultural muito forte, porque a gente fala que a maioria dos escravos aí tomaram o barco no Benin. Esse lugar onde a gente tomava o barco amarrado, nesse lugar agora é zona turística.

Na cultura haitiana, qualquer manifestação que está fazendo, nos Estados Unidos, há uma banda na rua. Com tambor com coisas artesanais. Instrumentos de percussão, mas artesanal haitiano. Muito forte. (mostra os tambores). O couro é pregado na madeira. Os tambores estão ligados à cultura africana, diretamente. Os tambores se tocam com a mão. Essa é uma cerimônia Vodou (mostra o vídeo, identifico um instrumento que parece um pandeiro) Se toca só com o tambor e esse que a gente toca com a madeira e o ferro. São três tambores. Tem um maior e dois pequenos. Eu toco qualquer tambor, como esse. São só os ritmos que eu toco diferente: tambor reno, ibo. Aqui é vodou, é diferente. É diferente do que a gente toca na igreja. Mas todos os ritmos vêm da África. Dentro das igrejas é um grupo de músico completo, violão, percussão, os instrumentos de sopro, tem tudo. Na Igreja Batista só que não utiliza tambor. Todos os haitianos que estão aqui não são do Vodou. As pessoas falam que são, mas não é isso, a maioria das pessoas tem no sangue o Vodou, mas não prática. Através do país tem o Vodou. Porto Príncipe é como os Estados Unidos, tem todo o tipo de Vodou lá.

O meu Haiti é aqui. Canada não é fácil, França não é fácil. Pessoas que querem ir para a Europa. Tem gente que conseguiu pegar a naturalização brasileira, a nacionalidade. Não precisa de visto para ir para a Europa, não é uma grande quantidade. A maior parte vai para os Estados Unidos, por uma rota que passa por dez países para chegar lá. Para mim essas pessoas são loucas. Passando pela selva mais perigosa do mundo, que está entre Colômbia e Panamá. A selva mais perigosa do mundo. Ali tem bandido vinte e quatro horas. O que está acontecendo lá, as pessoas que passaram e chegaram lá, passou por muitos sacrifícios. As pessoas que não morreram. Tem pessoas que estão com crianças, com marido. Você sabe o que estão fazendo os bandidos de lá? Por exemplo, você pode estar com sua esposa, faz sexo com sua esposa e de lado faz sexo com o homem. E você fica olhando que as pessoas estão vendo fazer sexo com seu marido. E tem pessoas que estão falando quando estão com crianças de 12 ou 13 anos. Você pode me violar, mas por favor não viole minhas crianças. Então eu não vou passar essa coisa.

Graças a Deus eu tenho uma esposa que conseguiu entender que não buscamos um Estados Unidos, uma França ou um Canadá. Buscamos onde somos acolhidos melhor, e o Brasil é esse país. Eu passei por Cuba. Cuba é perto da gente. Menos de uma hora. Saímos de República Dominicana em uma hora e quinze chegamos. Do meu povoado, Porto de Paz, onde Cristóvão Colombo entrou em 1405. Quando você está olhando de perto do mar, você está olhando a luz de Cuba. Quando você sai do meu povoado, você tromba diretamente com Cuba. Cuba tem um laço histórico-cultural muito forte com o Haiti. Na questão da migração, Cuba não joga. Se você não entrar com um visto você vai ficar fora. Você vai ser deportado. Essas coisas que está acontecendo lá. Chegam barco com 600, mil pessoas. Saíram de Cuba, deportaram essas pessoas.

A República Dominicana, que é vizinha, meu irmão passou oito anos lá. Eu passei sete anos lá. Meus irmãos até hoje estão morando lá, com quatro, três anos. Eu sei que pelo meu caráter eu não posso morar lá. Minha esposa falou porque, a gente estava com uma pizzeria lá, em Cabo Haitiano (me mostra um vídeo da abertura do lugar). Esse foi o pai da minha esposa, que gostava muito de mim, ele foi chefe de cozinha com quase trinta anos de experiência. Ele queria

voltar para o Haiti para viver e falou comigo, vamos montar alguma coisa. Meu amigo, se você quiser nós vamos investir juntos. Eu e minha esposa esse dia, olha a foto.

Eu estava na capital, fazendo tudo por remoto. Eu ia três vezes por mês para Cabo Haitiano. Eu ia porque comprava provisões na República Dominicana, eu comprava as coisas para fazer as pizzas, tudo, porque é mais barato. Estocava na República Dominicana para depois levar para o Haiti, de ônibus, de carro. Esse negócio estava com um problema: abrimos com catorze empregados e fechamos em doze meses, com seis. Minha esposa fazendo três trabalhos: gerente adjunto, Chef de cozinha e pessoa de limpeza. E cada um desses postos eram de uma pessoa. Porque era nosso e tínhamos que mandar empregado embora por causa dessa coisa. Se tem problema político, não posso abrir. Como vou pagar o empregado? O problema não é o empregado, o empregado quer trabalho. Se você tem um contrato de pagar por mês, então você tem que pagar.

No Cabo Haitiano, qualquer coisa que você estiver fazendo, tem que pagar para a gangue. Abrimos em 15/9/2018, fechamos em 2019. Fechamos, não podia mais. Compramos as caixas de pizza e estocamos na República Dominicana. Queimamos todas, tivemos que queimar depois. Eu tenho até hoje, no *marketplace*, dois fornos muito grandes, não foi vendido. A geladeira, a vitrine. Até agora estão no Cabo Haitiano. Um investimento de 43 mil dólares. Aqui com esse dinheiro eu poderia abrir quatro pizzarias tranquilamente. É a ideia. Por isso estou falando a experiência que passei no Haiti. Você não pode falar de Haiti com minha esposa. Ela não quer voltar. Ela pode voltar para voltar uma vez, ir pra lá fazer Ação de Graças. Ela não quer voltar de voltar para viver não.

Meu, o tempo de experiência que eu estava fazendo as pessoas que conheci no Haiti. Tem uma pessoa, nosso advogado foi secretário de segurança pública no Haiti. Tem coisas que nós passamos, as ameaças, e por isso que estou falando: meu Haiti é Aqui. Porque estou em paz. O que eu buscava era a paz. Se no Haiti não estava em paz e aqui estou em paz, o meu Haiti é aqui. Minha esposa é igual. Não fala ela de Estados Unidos. Meu filho ele está com a mãe dela, eu acho que com a Graça de Deus, se ele entrar aqui até o fim do ano, no começo do ano que vem, dependendo (...) A família dela são cinco, dois estão

nos Estados Unidos, ela está aqui e tem dois que está no Haiti. Um dos mais novos está lá, está terminando os seus estudos no Ensino Médio esse ano, acho que vai vir para cá. A mãe não quer ficar lá. E o outro a gente está fazendo o trâmite para ir para o México para estudar. No Mexico ou na República Dominicana. A mãe dele está nos Estados Unidos, com essa experiencia da pizzeria, ele não vai passar muito tempo mais lá.

Eu acho que os africanos em si têm essa mesma história, de migração. Lá em África a maioria das pessoas queriam sair de lá para ir para a França, Portugal, não sei. Para os países que falam inglês para tentar entrar na Itália. Não é fácil, mas entra. E depois constrói sua vida e volta para a África. Tem muita violência. Tem mais violência na África do que no Haiti.

Os Estados Unidos deportaram muitos brasileiros. E por isso que estou dizendo *man*, de verdade, para mim, quando você está chegando, você está olhando as oportunidades que se pode aparecer, o Brasil é um país rico, muito rico. O problema é só a repartição da riqueza. Brasil tem pra todo mundo. São quase 213 milhões de pessoas. Todo mundo consumindo. A gente só tem que criar.

Eu cheguei no Brasil como imigrante. Estou vendo que a culinária brasileira tem um tempero que é diferente do nosso. Isso é um produto novo. Estou tratando de fazer que esse produto seja um dos produtos mais vendidos aqui. Só o problema que tenho agora é que eu não sei quem é quem, como passar esse produto no mercado. É essa pessoa que eu estou buscando. Ainda, se por mês eu consiga uma empresa ou uma instituição que queira ser a imagem desse produto. Só com esse produto a gente vende dez mil, por mínimo. Aqui em São Paulo são 46 milhões de pessoas, quase. São 45 e poucos. Se a gente consegue vender dez mil por mês, a um real de lucro. No ano vai ser 120 mil. Cada pessoa vai ficar com cinquenta mil. Se está crescendo a venda, vai ter mais. Sempre terá produto que as pessoas estão consumindo, tem produtos que são mais caros, tem produtos que são mais baratos. Tem pessoa que vai comprar por 20, outras pessoas vão comprar o mesmo produto e vai pagar mais caro. Tem pessoas que vão no Pão de Açúcar, pagam mais caro, tem pessoas

que vão no Sonda. Tem pessoas que vão no Carrefour. Os mercados pequenos são para o povo.

Se hoje em dia, como eu falei para a professora Valeria, se eu encontrar uma pessoa que possa vender dois mil, três mil, quatro mil potes por mês eu vou fazer a produção. Posso fazer qualquer tipo de acordo que esteja boa para os dois lados. A parte de marketing e vendas, pode ser você. Eu vou fazer a parte de produzir o produto, porque eu sei que o meu produto é gostoso, é cheiroso e vai ser útil. Hoje nós vamos comprar um quilo do alho, 32, 34, 38. Então o tomate está caro agora, a cebola que baixou agora. O gengibre, antes eu paguei 18, agora está baixando. Então esse tempero tem todos. E você pode usar ele em qualquer tipo de carne, qualquer tipo de comida. Você tempera uma carne pode não colocar na geladeira que dura mais de um dia.

Eu de verdade quero lançar os livros. Eu quero traduzir para o português, preciso de pessoas que possam ajudar a corrigir. Eu quero de verdade que os haitianos que ficaram aqui, eu quero que eles leiam. Porque tem pessoas que estão aqui no Brasil, que não sei (...), com as oportunidades que estão dando no Brasil. Por exemplo esse tempero, eu faço em menos de cinco minutos. Eu entreguei, preenchi e de uma vez eu peguei o certificado. No terceiro dia eu fui no Banco Bradesco e abri uma conta jurídica. Muitos haitianos não sabem disso. Muitos haitianos chegam aqui e só querem trabalhar, não querem estudar nada. Eu fiz o curso de prática organizativa no Senac.

Eu acho que foi a professora Valeria ou a Professora Rosemeire, que mandou ler para escrever, com o Educação Sem Fronteiras, eu fiz esse curso, quarenta horas. Eu comecei no começo de junho e terminou em agosto. No Senai eu fiz um curso de logística e tem um outro curso que fiz, de empreendedor e outros no Senai. Então, se você está morando em um país, se ainda que você vai nos Estados Unidos, o conhecimento não limita. Quando você tem conhecimento a mente está mais aberta para integrar. Esse é o maior problema dos haitianos aqui. Chegam aqui no Brasil e acham que sem diploma, sem uma carreira técnica, sem uma carreira universitária, você vai fazer trabalho de três mil por mês. Mentira. É a mesma coisa, você vai chegar nos Estados Unidos, você vai fazer trabalho de nove dólares por hora. Então as pessoas que ganham

nove dólares por hora podem pagar uma casa e comprar comida, e só. Não vai sobrar nada. É a mesma coisa. Eu estou chegando aqui. Ainda que tenha todas essas coisas.

Eu entrei no Pão de Açúcar que está lá embaixo. A carteira foi assinada por 1188 reais. Eu trabalhei na *expedicion* antes de um mês as pessoas olham “esse tipo é inteligente e blablá”, em um mês eu passei a conferente. Menos de um mês. Não sabia nada de ser conferente, era a primeira vez que fazia esse tipo de trabalho. Quando trabalhava no Haiti ficava no escritório, como eu gostava da parte técnica, da instalação de GPS. Além de fazer a programação eu faço a instalação também. Eu trabalho mais rápido do que o técnico. Porque o técnico não tem interesse de trabalhar mais rápido. Mas eu era o dono, se eu fizer mais rápido, termino mais rápido. Eu faço tudo com o meu coração, por isso estou te dizendo que aqui é meu Haiti. Estou falando de verdade. Minha casa que tenho lá, eu quero vender para construir aqui. Comprar terra, fazer casa para aluguel. Não vou fazer edifício alto, só fazer dois ou três andares, dá seis apartamentos, daí dá pra vender. Essa pizzaria que a gente tinha lá, eu quero produzir aqui no Brasil.

Diáspora é um título para as pessoas que estão fora. Se você está fora do Haiti, você é diáspora. Tem uma categoria de pessoa. Se você não está nos Estados Unidos, no Canada, na França, você não é da diáspora. E o termo diáspora são todos as pessoas que não estão no Haiti. Se você está no Chile, na República Dominicana, você é diáspora. Então para um grupo de pessoas que tem o sonho em trânsito, você tem que estar nos Estados Unidos, na França, tem que estar nesses países grandes. A falta de conhecimentos das pessoas faz isso. O Brasil foi a sexta potência mundial econômica. E não foi por um ano, foi por muitos anos.

Tem pessoas que chegaram do Haiti em 2013, estão milionários. Tem um que se chama Cristal Loleia, tem canal de *Youtube*, tem *Facebook*, agora é o embaixador do West Union. Entrou aqui pior que eu. Ele passou pela República Dominicana, Equador, Peru, Bolívia, pra chegar até o Acre. Foi péssimo. Em 2013, não tinha como receber a gente, recebiam a gente em uma casa que não tinha parede. Todo mundo aí, mais de dois mil haitianos. Ele entrou aqui, entrou

e foi estudar. Trabalhando, abrindo seu canal do *Youtube*. Abriu uma agência para as pessoas que queriam morar aqui no Brasil, e ganhou muito dinheiro. Agora é uma das pessoas que está organizando voo fretado, com a Azul por exemplo.

Se você vai sair daqui você vai pagar 5 mil reais, se você for sair do Haiti vai pagar mais. Pode ser que seja 5500, pode ser que seja 6 mil. As companhias podem cobrar na mão deles, por exemplo 4 mil, porque foi alugado. Sobre cada pessoa faz mil, a cada voo. Na ida 176, na volta 176. Começaram a fazer voo desde 14 de novembro. Por mês faz no mínimo dois voos. Desde setembro já entrou mais de dois mil haitianos que tem visto, pessoas que pediram pra reunir a família. Essas pessoas agora estão milionárias. Tem passaporte brasileiro, vão na Europa. O Haiti dessas pessoas está aqui no Brasil. Essas pessoas não vão voltar no Haiti pra viver. Como voltar pra viver?

Tem outro que se chama Jonas Amazon. Ele que fez esse primeiro voo. Ele mora aqui em São Paulo. Ele tem seu canal de *Youtube* também. Depois dessa parte, abriu um restaurante que se chama Piklis. O Piklis é uma mescla de, quando a gente faz *fritay*, é esse acompanhamento que tem cenoura, chuchu, limão. Não sei se é no interior, mas fica aqui em São Paulo. Também tem um supermercado. A maioria tem comida haitiana. Essas pessoas são milionários. Pode ser que em dólar não, mas em reais sim. São pessoas jovens. O Jonas acho que tem 35, 36.

Não é todo mundo que vem que tem diploma. A maioria não tem um nível técnico alto de qualificação. Podem terminar seus estudos, o secundário. Podem começar uma universidade. Em Chile sim. Tem muitas pessoas graduadas que foram para o Chile. Os graduados foram para o Chile, por conta do espanhol. A maioria das pessoas graduadas falam espanhol, por conta da República Dominicana. Quando chegaram no Chile, se integraram rápido no país, o que é diferente do Brasil. O Brasil é português. Você tem que aprender. É por isso que eu quero falar português bem, eu sei que vai tomar um esforço porque agora eu não tenho tempo. Não falo português bem. Estou lutando por isso. Quando chegar meu filho, minha filha. Eu tenho uma filha que já nasceu aqui, é brasileira.

Então o menino, quando chegar, estou começando a planejar pra ele: música, esporte, tecnologia ou negócio. Se ele quiser duas dessas coisas, vou ser *coach* dele. Se ele quiser tecnologia, vou guiar ele na tecnologia. Se ele quiser música, ele vai primeiro na escola de solfejo. Depois de cinco anos que ele chegar aqui vou perguntar pra ele se ele gosta de música. Se gostar de música, quando ele for celebrar os cinco anos, se você quiser música, vou levar ele na escola de solfejo, pra ler notas. Se ele quiser esportes, vou encaminhar ele pra escola de esportes. Se ele ou ela quiserem tecnologia, se ele quer negócios, gosta, vou encaminhar ele para o negócio. Meu filho e minha filha não podem passar o que eu passei. O problema não sou eu. Eu fiz o que que tinha que fazer. O meu problema e o entorno, é o Haiti. Em qualquer lugar que eu esteja no mundo, vou dar orientação aos meus filhos. Não vou obrigar eles, a única coisa e que eles têm que ir à escola, de qualquer forma.

Pra ter sucesso tem que... Ainda que o Bill Gates não tenha terminado a universidade. O Mark Zuchenberg, que é o jovem com mais dinheiro no mundo, não terminou a carreira, dez dois anos e deixou a Ava. A Ava entregou a ele um documento (...) Doutor Honoris Causa, não sei se é isso, por gratidão. Por ele estar fazendo uma coisa para o mundo. O mundo inteiro está conectado pelo *Facebook*. E a cada dia uma pessoa está criando algo novo no *Facebook*. A cada dia. É uma nova ferramenta para a gente poder conectar melhor. Com o *Facebook* ele fez dinheiro, comprou o *Whatsapp* por 19 milhões de dólares. Que para ele não é nada. O quinto país com mais dinheiro do mundo. Ele ainda é jovem. Criou o *Facebook* para tratar de comunicar as pessoas dentro do Ava. Depois deixou o Ava. A mesma coisa a Microsoft, o Bill Gates. O Bill Gates passou muito tempo sendo a pessoa mais rica do mundo com a Microsoft. Eles são os donos do mundo. Então tem que passar por lá primeiro meu filho, esse é o caminho que vou ensinar a ele.

Meu problema é só a tese que eu tenho que terminar. Eu fiz toda a graduação e falta só a tese. Mas eu tenho que ir lá, tenho que viajar de qualquer forma. Com esses problemas todos a gente não pode viajar. Isso me dá muito problema. A primeira coisa é terminar essa parte. E não tem como, preciso ir lá e gastar um tempo. Eu estava em contato antes com a universidade. Me falaram que tenho que apresentar a tese lá de qualquer forma.

História de Vida: Olson Oscar

Eu nasci em 1982 no Haiti, em uma ilha que se chama La Gonave, que fica no departamento Oeste. Ela fica aqui (mostra no mapa). Aqui está a República Dominicana, aqui o Haiti. La Gonave fica aqui, na boca do jacaré. Eu nasci na parte do sul da ilha.

A vida lá quando eu nasci, não era uma vida boa. Eu nasci mesmo na pobreza. A condição econômica do meu pai era melhor que minha mãe, porque meu pai saiu. Meu pai nasceu em uma cidade que se chama Leogane, uma cidade do departamento do Oeste, mas mais perto de Porto Príncipe. Minha avó estava na capital fazendo negócios. Meu pai cresceu entre a capital Porto Príncipe e Leogane, ele ia e voltava. Depois nasceu o negócio dele: ele comprou um barco para fazer negócios, entre Porto Príncipe e Lagonave, onde eu nasci. Quando ele chegou lá ele conheceu a minha mãe, que era mais nova, e engravidou a minha mãe. Assim eu nasci. Não foi uma vida tão boa para minha mãe porque(...), eu não gosto muito de falar sobre isso porque me dá vontade de chorar. Minha mãe casou com meu pai porque ela estava precisando. Ela estava mesmo precisando, a vida dela não estava muito boa. A verdade é que a relação deles não era por amor. Porque meu pai já estava mais velho e faleceu.

Minha mãe precisava de dinheiro. É uma coisa que eu mesmo queria resolver lá no Haiti. Ela está viva. Eu tenho três irmãos, comigo são quatro. O mais velho está nos Estados Unidos. Eu tenho um que está no Chile. O mais novo está no Haiti com minha mãe, o último filho da minha mãe, mas não é filho do meu pai. Ele está em Leogane, vai fazer 18 anos. Ele tem vontade de sair do Haiti e eu gostaria de trazer ele pra cá, onde tem mais oportunidades para estudar. E também junto com a minha mãe: eu estou fazendo o processo para trazer eles juntos. Minha mãe faz comércio informal, mas ela não consegue sobreviver só com isso. Eu tenho que ajudar ela. Eu e minha irmã. Meu irmão que está em Nova York não é filho dela, é de outra mãe. Os meus dois irmãos que estão fora são irmãos só de pai, e o que está no Haiti é só de mãe. De mãe e pai sou eu e minha irmã, que está no Haiti também. As vezes ela viaja de Leogane para La Gonave para cuidar da minha mãe. Eu tenho outra irmã que está nos Estados Unidos que não é filha da minha mãe, mas é filha do meu pai.

Eu me separei da minha mãe quando era criança pra viver junto com a minha irmã que está nos Estados Unidos. O outro irmão mais velho que esta em Nova York estava no Porto Príncipe. Minha mãe estava em Leogane, cada um estava em um lugar. Mais próximo estava eu minha mãe e uma das minhas irmãs.

Eu acho que vivi em La Gonave até mais ou menos os dez anos, eu saí cedo, depois eu saí de lá procurando mais oportunidades, frequentar uma boa escola. Porque lá onde eu nasci, naquela época, mas até agora, a educação não está muito boa. Por isso saí muito cedo de lá, para estudar em Leogane, onde tem uma boa educação. Quando meu pai faleceu em 2005 eu me mudei para ficar em Porto Príncipe, na capital. Em Leogane a escola era boa. Lá no Haiti as escolas são laicas. Tem escolas protestantes e católicas, mas a educação é laica, igual aqui. Eu estudei na escola pública, a parte do fundamental eu estudei na escola pública. Depois a outra parte dos estudos, o que é aqui o Ensino Médio, eu fiz na escola privada, em Porto Príncipe.

Eu terminei o Ensino Médio muito tarde. O grande erro que eu tive na minha vida foi sair da escola pública porque o estado não cuida muito bem da escola pública. Eu sofri bastante. Eu saí da pública e fui para a privada, mas a gente não tinha condições para pagar por três anos, então não pude dar continuidade na escola. Por isso eu terminei muito tarde. Eu terminei em 2014, eu acho. Terminei em Porto Príncipe. Entre esse tempo eu tentei fazer várias coisas, mas não tem trabalho no Haiti. Como eu te falei, na nossa condição econômica, muitas vezes não tem de condição de pagar. Eu fiz universidade no Haiti, mas não terminei porque não consegui pagar. Eu tentei até fazer um concurso para trocar piso, mas não consegui terminar também.

Eu consegui trabalho muito tarde. Meu primeiro emprego foi a partir de 32, 34 anos, quando eu estava me formando na escola. Eu estava estudando para ser professor na capital. Enquanto eu estava estudando eu voltei para a cidade onde eu nasci depois do terremoto de 2010. Um pedaço do curso eu fiz indo e voltando porque lá na cidade onde eu nasci não tem escola para se formar, então fiz em Porto Príncipe mesmo. Lá eu dei aulas, para crianças e até pessoas de 17 anos. Eu vim para o Brasil em 2016. Eu dei aulas uns dois ou três anos lá,

essa foi minha experiência. Eu gostei de dar aulas, acho que isso eu não vou deixar por nada, essa é minha primeira profissão.

Eu decidi vir para o Brasil porque na época, mas até agora, o Haiti está piorando. Eu não conseguia meu salário. Não é como aqui, quem tem boa produção e transporte. Não é como aqui que você tem um salário, mesmo com a vida sendo dura. Mas lá é mais difícil. Muito mais difícil. Eu vim aqui porque eu queria correr atrás do meu sonho. Eu queria trabalhar, estudar e voltar para o Haiti.

Eu conheci o Brasil, na época, como um país desenvolvido. Eu comprei um jornal, eu sempre gostei de jornal, e eu vi uma notícia sobre o Brasil. Eu falei “eu vou para lá, se eu for para lá eu vou poder continuar a trabalhar e a estudar”. Mas quando eu cheguei aqui, a realidade mudou. Quem trabalha não tem horário para estudar e trabalhar junto. Pelo que eu ouço e leio nos jornais, o Brasil já foi melhor do que é agora. Mas foi por isso que eu vim. Eu estava em Porto Príncipe. Depois do terremoto eu voltei para La Gonaive. O terremoto quebrou a casa da minha família, não tinha condições de ficar. Tinha que voltar ou para Leogane ou para La Gonave. Eu consegui uma bolsa para estudar em Lagonave e voltei para estudar para ser professor, porque eu não tinha condições de pagar para me formar.

Os haitianos são um povo guerreiro, que tem coragem de enfrentar esse tipo de situações. É uma herança ancestral africana. Os haitianos estão buscando uma vida melhor, porque é uma raça, a raça negra, que foi muito maltratada. Acho que estamos buscando o fruto do nosso trabalho. A França colonizou a África, a Europa em geral, Portugal, pegou uma boa parte das pessoas e levou para o Brasil. O povo do Haiti é africano. Hoje os próprios africanos que não ficam no Brasil, vão para o Canadá, para a França. A África é um continente rico, mas eles não têm acesso à riqueza deles mesmos. Quem tem acesso é a Inglaterra, a França. Os haitianos também não têm acesso as riquezas do Haiti. Quem explora as riquezas do Haiti é os Estados Unidos, o Canadá e a França. Infelizmente, o Brasil entrou no jogo (risos). O Brasil tem que sair. Eles têm um grupo de países ricos que só eles que mandam, que tem

poder para decidir no Haiti. O povo haitiano não tem direito até da própria riqueza, por isso que eles migram para os Estados Unidos, Canadá e França.

Do ponto de vista da cultura, o povo haitiano sabe da África, sabe que a África é nossa mãe. Não podemos esquecer isso. O Haiti tem uma cultura que é muito ligada a cultura africana. Dança, comida, religião, Vodum. Somos muito ligados à África. O Haiti é uma África na América.

Você está trazendo o tambor para cá (risos). Os haitianos sabem reconhecer, mas não vão falar sobre isso. O negro que fala sobre isso sofre muito preconceito. Mas eu também acho que eles estão colonizados em relação a isso, por uma outra religião. Eles ficam escondidos. Eu ouvi falar que no Brasil vocês também passam por isso. Cristãos e Candomblé. Se fala Candomblé né? Acho que tem que resolver isso. Cada um na sua parte, tem que resolver isso, para ter uma vida mais suave. O povo africano, o povo haitiano (...) Não sei se você é cristão, você é? O Europeu... tem que olhar, se você tem um nível de conhecimento. Para colonizar, eles utilizaram a religião para levar a gente da África e nos maltratar, para desaprender, para desumanizar a gente. **Eu não tenho vergonha de falar: eu sou haitiano e sou adepto do Vodum.** Eu não sei as práticas, mas eu estou favorável, estou defendendo o Vodum.

Eu tenho um chamado para ser *Hougan*. Por isso que eu também tenho que voltar. O que eles quiserem eu faço, o que eles não quiserem eu não vou fazer. Eu tenho um aluno que está em Nova York, ele é um *Hougan*, ele fez uma consulta para mim e ele viu. Ele tem uma outra *Mambo*, que é uma mãe, ela fez um trabalho para mim, ela viu que eu tenho um chamado para ser *Hougan*. Eu errei. Assim como os haitianos que não querem falar sobre isso. Eu estava com um complexo de superioridade/inferioridade, eu acabei de resolver isso. Eu estou me preparando para ser um *Hougan* mesmo. É um chamado. Eu tenho que fazer isso lá no Haiti. Mas eu fiz um trabalho aqui também, uma mãe de santo me falou que eu tinha que ir, senão eu é que iria sofrer mais. Eles tem que falar sobre isso, porque é a cultura deles. Aqui eu vejo que quem está na igreja e não quer ouvir falar sobre o Candomblé, Umbanda, eles praticam escondido (risos).

No Haiti é como no Brasil, são cristãos, mas quando precisam resolver alguma coisa vão lá. Eu tive uma grande briga com meu patrão, ele é cristão mas fez um trabalho para mim. Eu estava emagrecendo muito, daí fui com uma amiga brasileira que convidou para ver, lá e ela me falou “Oscar, quando as coisas não estão dando certo, tem que olhar o outro lado”, “e como é?” e ela me explicou e foi lá ver que era o próprio patrão que estava prejudicando minha vida. Mas ele é cristão (risos). Ele nunca me deixa em paz. Eu trabalhei, tenho coisas para receber. Eu tenho um processo na justiça. Cada vez que eu tento dar andamento no processo da justiça ele joga alguma coisa para mim.

Quando eu cheguei no Brasil eu fui trabalhar com ele, foi meu primeiro emprego aqui. Eu trabalhei como faxineiro, emprego ruim. Mas ele contratou alguém com conhecimento. Quando eu cheguei aqui (...) cara eu errei bastante, não era para eu ter vindo pro Brasil, era pra eu ter ficado lá no Haiti. Quando eu cheguei aqui as coisas não estavam dando certo para mim e eu falei “o que estou fazendo de errado?” Então eu me vi lá no Haiti, dando aulas. Não era pra eu ter vindo, era pra ter ficado lá no Haiti. Quando eu cheguei na empresa dele só quer haitiano, que achava que haitiano não tem valor. Ele é brasileiro. Não valoriza, não paga bem. Eu estava trabalhando junto com a minha mulher grávida que estava precisando trabalhar, a gente fazia o que aparecia.

Ela começou a reclamar porque ele queria pagar só metade de um salário para ela. Eu falei pra ele que isso não estava certo, que estava errado. Eu sou uma pessoa que fica de olho. Depois disso ele demitiu minha mulher, sem estabilidade maternidade, que já é ilegal. A minha mulher foi atrás da justiça dela, foi isso. Ele estava sabendo que eu estava ajudando a minha mulher a conseguir um advogado para montar o processo porque minha mulher não sabia falar português. Eu sei falar um pouco, entendia um pouco. Eu cheguei aqui, eu sou professor, eu entendo o conceito. Eu entendo o sistema de trabalho. Eu procurei saber. Eu corri atrás dos meus Direitos. Ele não queria.

Outra coisa que piorava, em 2018, eu sou esquerdista de sangue, nas eleições eu estava em favor do Haddad. O Lula estava preso. A empresa dele não tem horário fixo, não tem diário de trabalhador, quando eu tive um compromisso para um negócio que se chamava “Lula Livre”, quando eu fui

trabalhar de manhã eu fui na manifestação “Lula Livre” para dar uma força. Eu errei porque compartilhei fotos com meus colegas, e meus colegas falaram com ele que eu estava fazendo política. Um dia ele me chamou no escritório e falou “Oscar, você está fazendo política?” Eu respondi “não, patrão”, com medo. Ele disse que não tinha problema. Mas ele não gosta. Quando chegou a eleição eu estava conversando com meus colegas para não votar no Bolsonaro e votar no Haddad, e isso me quebrou. Foi perseguição política. Até agora ele está com raiva.

Ele me demitiu por justa causa e eu fui atrás do meu direito. Eu consegui e ele não quis pagar. O processo foi arquivado, eu tentei desarquivar o processo de novo, mas até agora ele não quer pagar. Mas era todo dia jogando macumba atrás de mim. Isso é uma das partes mais importantes da minha vida. Por isso eu quero estudar aqui. Pra voltar para o Haiti, fazer política e poder mudar as coisas. Haitiano não deveria ter que sair do Haiti para procurar uma vida melhor: deveria ter tudo no Haiti. Eu acho que não foi por acaso, eu sofri bastante, mas acho que ficou uma lição, pra voltar para o Haiti. Pra falar pros haitianos da minha experiência e não só falar, entrar no jogo para mudar o jogo. Eu sei que é perigoso, o último presidente foi assassinado. Por quem foi assassinado? Pelos Estados Unidos. A CIA pagou para ele ser assassinado.

O Jovenel Moïse mudou o jogo. Rússia e China querem fazer combinação com o Haiti, mas o Estados Unidos não quer. Ele tentou passar por trás, escondido, para conversar com China e Rússia. Por isso o Estados Unidos matou ele. Quem assumiu o poder foi o primeiro-ministro, com o apoio dos Estados Unidos. Se não apoiar ele também vai morrer (risos). Ele está tentando fazer a estratégia dele, mas ele não vai conseguir sair, vai ter que fazer o serviço do patrão.

O meu ex-chefe era uma pessoa branca, mas ele sabe mais do que os negro aqui no Brasil. Ele sabe mais. Eu procurei saber e ele é um profissional na área. Tem bastante branco que pratica. No Haiti também tem (pessoas brancas no Vodum). Porque o Vodum, em geral a gente tem uma percepção um pouco errada. Tem a parte boa e tem a parte ruim. Tem a parte da ambição, para fazer riqueza. Eu vejo que os brancos usam lá para fazer riqueza, para crescer. Para

enriquecer e para dominar os outros. Quando eu cheguei na frente da empresa dele, eu já tinha o chamado para ser pai de santo, o espírito começou a falar na minha cabeça, eu não prestei atenção. Era pra entrar e sair, eu já sabia onde eu estava pisando. Eu errei. Não deveria ter ficado lá e depois eu sofri muito, muito pesado. Ele me demitiu em abril de 2019. Eu pedi para ele para fazer um acordo e ele falou “Oscar, para você não tem acordo, ou você pede demissão ou vou te demitir por justa causa”. Eu falei “patrão, eu não tenho coragem”.

Depois de 2 anos e 5 meses trabalhando, não recebi os meus direitos. Ele contou muitas mentiras. Eu entrei como faxineiro na empresa dele e ele pegou tudo que aparecia nas obras. Vai fazer limpeza na obra. Contrato para descarregar caminhão, ferros, blocos e me colocava. Eu não sou de ferro. Eu acabei doente. Quando eu fui no médico e levei o atestado para ele e ele rasgou o atestado e colocou falta injustificada. Eu não assinei e ele chamou outro para assinar no meu lugar. Eu cheguei lá e falei para a juiz e ele falou que não tinha as informações certas e por isso ia arquivar o processo. É complicado.

Eu acho que ele fez um ritual para fechar o caminho, acho que você deve saber como é. Eu me lembro quando saí da empresa dele teve uma médica que eu encontrei lá no hospital, eu estava estudando aqui mesmo (no CIEJA) eu levei a minha mulher na médica ela falou “Ah Oscar, você está conversando muito bem”. E tem haitiano que chega aqui e diz que não consegue falar. Ela pegou meu contato, ela pegou uma vaga para fazer uma prova. Eu passei na prova. Cara, na época eu não consegui ir lá para fazer a convocação. Ela me passou o endereço para ir, em Pirituba. Não sei como fala isso, de depois da prova. Foi para agente de saúde. Me chamou eu não fui porque quando eu fui procurei saber, estava tudo um pesadelo, a mulher que estava trabalhando comigo falou em julho... Até hoje eu não consegui ficar em um emprego.

Eu acabei de sair de um emprego porque... Você que não pratica não vai entender não. Quando tem um tipo assim de trabalho atrás de você, você chega em um emprego e só arruma briga, você sabe porquê? Mesmo que eu não faça nada hoje o chefe vê que tipo eu... eu já falei na entrevista que eu não posso trabalhar de manhã, só posso trabalhar a tarde porque eu estou estudando. Daí ele fala que lá ou trabalha ou a rua. Teve um outro engenheiro que quer arrumar

um horário para mim. Ele ficou sabendo que esse engenheiro ia arrumar um horário para mim e conseguir trabalhar e estudar e me demite. É isso. Isso ele fez para me prejudicar.

De manhã eu estou fazendo um técnico em administração porque aqui se a gente não estudar, só vou arrumar emprego ruim. Esse curso vai durar três anos. Eu estou no meio. Eu acho que vou voltar a trabalhar a noite. Pra mim não tem o curso de noite. Tem uma hora, mas não daria tempo para chegar do trabalho. Fica em Pirituba e eu moro em Perus.

Eu tenho uma filha. Acho que eu e minha (...) separamos a mais de ano. Tiveram dois momentos e agora ela está lá nos Estados Unidos. Ela vai para Nova York. Foi com a minha filha, que se chama Angelina.

O haitiano entende que o Vodou é uma cultura de resistência. Contra a opressão, contra a escravidão. O haitiano ainda hoje tem consciência que o que tirou eles da mão da França foi o Vodou. Lá no Haiti o Vodou é uma coisa política também. Pra entrar na política tem que ter um pai de santo ou uma mãe de santo para cuidar de você. Pra abrir caminho, para dar proteção. Eu estou em um grupo com bastante *Hougan*, eles estão no Estados Unidos, no Canadá e no Haiti. *Lakay Vodun*. *Lakay* é “de casa”. O outro é *Hougan Patray*, que significa *Hougan* sem traição. Estou conversando com eles para me conscientizar sobre o Vodou.

Agora alguns estão tendo consciência no Haiti que a gente não pode deixar isso de lado, que o Vodou é nossa força, a nossa riqueza. É tudo para nós lá no Haiti. Por isso o Estados Unidos entrou lá em 1915 e não ficou, **porque o povo haitiano cruzou o mundo pra tirar eles dali**. Agora os Estados Unidos querem transformar o Haiti em um estado pros Estados Unidos. Não conseguem. Porque quem colocou o povo lá foi o Vodou.

O Papa Doc tem uma história escondida. Eu tenho uma grande crítica contra ele porque ele utilizou o Vodou pra entrar no poder e ser presidente, mas ele não fez nada. Ele não fez nada pra comunidade e pro povo. Ele utilizou o Vodou para manipular o povo. Ele tinha conhecimento sobre o Vodou, mais do que o Baby Doc, ele sempre chamava os pais e mães de santo para fazerem uns

trabalhos para controlar o povo. Até agora. Eles têm que amarrar o povo para não se revoltar contra eles. Eu acho que é isso que não é justo. Tem que dar a eles educação e formação, saúde, lazer. *Tonton macuti* era como uma milícia para controlar o povo. Depois que os Estados Unidos saíram do Haiti, eles controlavam grupos armados no exército. Ele fez a polícia ser mais forte para ele não tomar um golpe. E também para manipular o povo. Ele não tratou bem o povo. Era para o Haiti estar mais longe, mas está na pobreza.

O Haiti já foi a primeira destinação turística do Caribe. O Haiti gerava muito dinheiro na área turística. Daí veio a mentira que o Haiti trazia doenças, o HIV. Na época os Estados Unidos diziam que o “H” era de haitiano. Todo mundo tem medo de ir lá depois dessas mentiras. O mercado de turismo era um dos que mais dava dinheiro para o Haiti. Tem coisas no Haiti que ninguém mais tem. Precisa só investir, fazer obras, ter trabalho. Desenvolver a segurança, fazer hotel, fazer reforma agrária. Até você poderia ir lá, investir, visitar.

No Haiti o povo é louco pelo Brasil, torce muito. Chega lá o futebol e o Carnaval. A partir de 2002 eu começo a ouvir sobre o Brasil no jornal, que no Brasil tinha uma vida boa. Saúde de graça, trabalho. Eu comecei a escutar sobre isso em 2002, 2003. Até 2010. Eu sempre fui um cara que quando está andando na rua, na capital, gosta de comprar jornal. Eu não gasto dinheiro para comer em restaurante, mas por semana, eu tenho que comprar três jornais. Desde 2002, 2003 deu para ter uma ideia sobre o Brasil. Não é igual aos Estados Unidos, a França ou o Canadá. Mas é uma opção para ter uma vida melhor. Mas quando eu cheguei, em 2016, foi diferente.

Na época boa eu não vim. Minha mulher falou que queria vir para o Brasil, ela conversou com minha mãe e com meus parentes. Eles conversaram comigo. Eu não queria vir. Eu queria ficar no Haiti. Porque eu queria terminar o estudo para ser professor, estava trabalhando e queria fazer dinheiro. Eu já tinha colocado a roupa para ser advogado. Cara, eu errei. E estou pagando esse preço de ter vindo para o Brasil. Acho que lá eu teria conseguido me formar, facilmente. Eu encontrei com um cara que me falou “você tem parentes muito pobres, se você conseguir terminar seus estudos, eu vou treinar uma escala na cidade (em

que eu estava estudando e era professor)”. Ele me convidou a ir conversar com ele, ele ficou impressionado. Ele me disse para ir conversar com um cara, me disse para ir vestido para ir para o tribunal, a trabalho. Falou “Oscar, vai conversar com esse cara, vai ter um concurso para entrar na universidade pública.”. Aqui esse concurso se chama vestibular. Esse cara tem parentes, ele vai ajudar você. Aqui em La Gonave você vai conseguir um emprego melhor. Antes de ir a Lagonave eu não queria ser professor. Eu queria crescer numa empresa, professor não ganha bem. Eu estava dormindo tive um sonho. Acordei. Eu falei: Deus, até o valor do transporte eu não tenho, como eu vou estudar?

Ainda tem que ir para lá, passar no concurso, conversar com a Diretora(...) Eu fui embora sem fazer o vestibular. Era pra eu ter ficado lá fazendo um dinheiro, trabalhando. Eu acho que agora, com minha idade, não vai dar. Lá o custo de vida é muito alto, não tem emprego. Não tem segurança. Agora está piorando mais. Eu quero ficar aqui. É duro, é difícil se formar aqui, mas eu tenho que ir lá fazer minhas coisas. Mas depois eu posso voltar.

O Brasil, esse país, acho que não é por acaso que eu estou aqui. Eu acho que eu tenho uma missão nesse país. O povo aqui não é bobo não. O haitiano é inteligente, mas o governo não investiu na educação. O povo haitiano tem que ter oportunidade, e o Brasil tem, tem educação, saúde. Direito de estar tendo um emprego, até moradia. Cara, se o povo haitiano tivesse isso, os haitianos voariam. Eu aprendi muita coisa. Onde eu tomei a decisão de assentar o Santo? Foi aqui mesmo. Pô, eu errei (risos). E agora? Tem dinheiro e eu quero. Antigamente eu tive complexo. Mas quando eu cheguei no Brasil vi que o bagulho dá dinheiro.

Eu aprendi muita coisa no Brasil, quando voltar para o Haiti quero ter negócios aqui também. Quero comprar uma casa. Meu irmão e minha mãe preferem outros países, Estados Unidos. Mas eu não vou deixar o Brasil não.

Quando eu estava no Haiti achava que o Brasil não tinha racismo. Quando eu cheguei foi diferente. Vi muito racismo, brasileiros racistas. Racismo com negro, com nordestino. Nunca imaginei que tinha um racismo tão grande aqui no Brasil. Existe no Haiti também. Mas o racismo no Haiti é muito diferente, porque os negros no Haiti estão em grande quantidade. Eles que estão no poder político.

Só negros. Mas estão manipulados e colados com os brancos que tem dinheiro. Os brancos têm o poder econômico. *Petion Ville*. Tem ideias de subir (ascensão social) do negro ao poder econômico.

O Papa Doc foi uma liderança. Ele queria criar uma burguesia negra, essa era a ideia dele. Ele ficou chateado porque na época o negro não tinha entendido a ideia dele. Fazer dinheiro, gastar dinheiro. Até Aristide tentou fazer isso. Eu acho que eles devem investir em educação porque o negro, acho que a colonização é tão forte dentro da cabeça dele que até não acredita em Vodou. Por isso que quando cheguei aqui eu tive aquele problema com o meu patrão, eu conversei com um colega. Aqui tem muita corrupção, favores. Trabalhador dando duro, acordando cedo e trabalhando para o patrão. Eu acho muito triste um país rico como o Brasil ter um piso de salário tão baixo.

A rota que eu fiz para chegar aqui, foi uma rota bem fácil. Eu pedi visto. Você sabe, o Brasil tem um acordo com o Haiti para dar aos haitianos um visto humanitário. Desde 2010 tem. Em 2010 eu li no jornal, mas eu não quis (risos). Eu falei “não vou para o Brasil”. Eu já vi onde eu posso crescer. Eu pedi o visto humanitário e consegui o visto. Comprei passagem e vim de lá. Direto. Porto Príncipe, Manaus. E de Manaus para São Paulo. Os haitianos vêm por todos os lugares. Você sempre vai encontrar haitianos.

A passagem foi muito cara. Eu comprei a passagem da Europa, 1400 dólares. O visto humanitário não custa muito dinheiro, mas eles fazem dinheiro encima dele. Tem uma gangue dos vistos (risos). Tem gente que vendo o carro, a casa, para comprar os vistos. O visto mesmo custa uns 50 dólares. Eu paguei 60 dólares. Na época eu não tive contato com eles, mas tem gente que fica rico, compra carrão. Mas eu fiz sozinho, preenchi papel. Eles pegam muita gente pobre, que não estudou. Quem é rico, riquíssimo, não quer vir. Tem gente que tem dinheiro até pra ter mansão nos Estados Unidos, na França. Outros tantos não têm dinheiro para sair. Nesse sentido parece com o Brasil. Aqui no Brasil também tem gente com muito dinheiro. Mas nunca é como a gente que é professor (risos). Quando eu cheguei eu fui na Faria Lima, primeira vez no Brasil, cheio de rico andando de helicóptero. Quando eu olhei os nomes nos prédios eu falei “o Brasil nunca vai ter terremoto”.

Minha filha nasceu aqui, mas ela é haitiana. Pela lei do Brasil é brasileira e pela lei do Haiti, haitiana. O haitiano, pela falta de oportunidade, está sempre se mudando. Eu não queria sair. Foi a situação política econômica que me fez sair. **Eu acho que mesmo as pessoas que estão fora querem participar da política, estão ligados no Haiti. Eu acho que é um ritual mesmo que conecta nós haitianos com a nossa terra.** Mesmo quem está fora quer participar da política. Tem que ter lei que permite votar. Eu não posso votar porque não tem urna eletrônica. Eu teria que ir lá para votar. Desde que eu vim para cá não voltei mais, porque para voltar tem que ter dinheiro. E eu não estou tendo dinheiro.

Meu sonho é deixar um legado na Terra. Eu quero revolucionar as coisas no país. Meu legado na política. Primeiro teve esse chamado para ser professor. Eu falei “Deus, não quero”. Porque eu nasci numa família pobre, sofri bastante. Eu sofri bastante na escola também para conseguir estudar. Acho que por isso Deus me chamou. Mas eu não tenho nenhuma imagem específica. Foi ameaçador. “Você tem que ser professor”. Eu fui fazer o bico, fui humilhado, maltratado. Eu fui dormir e vi um *Lwa* passando “e aí professor?”, porque eu não estava no lugar certo, fazendo esse bico, eu tinha que ir ser professor. Eu quero que o povo no Haiti tenha dinheiro para a educação, e eles não tem. Eu quero ir para o Haiti, quero entrar na política também, para mudar o jogo. Mudar o jogo, então quer dizer que eles vão ter que dar educação. Hoje eu sei que eu não vou conseguir. Mas se eu vou falar sobre sonhos (...) Eu quero também que o haitiano seja respeitado no mundo, como os brasileiros. Todo mundo respeita os brasileiros, tem um passaporte valorizado. Teve um amigo que falou pra mim que o Brasil tem mais corrupção do que o Haiti.

Hoje estou morando aqui com meu primo. Eu levei uma outra irmã, mas agora ela está em outra cidade, no interior de São Paulo. Eu falo com ela sempre.

No terremoto eu fiquei desabrigado, mas graças a Deus nenhuma pessoa da minha família morreu. Mas o terremoto acabou com tudo, acabou com as casas. Na capital mesmo... foi uma coisa terrível. Eu estava na rua, estava atrás de dinheiro para mandar para o meu sobrinho, filho do meu irmão mais velho que está em Nova York. Ele me mandou um dinheiro para dar para o filho

dele. Eu estava no transporte público quando aconteceu isso. Eu estava perto do aeroporto internacional da capital. Foi a primeira vez que vi uma coisa dessas. Vi casas se quebrando, pessoas andando na rua sendo furadas por pedras. Estava cheio de pessoas chorando. Eu vi muitas pessoas mortas. Foi muito difícil. Eu acho que muitas pessoas que serviam Lwa não morreram, pela proteção. A casa que eu estava indo, caiu tudo. Eu acordei com um corpo quebrado, desanimado (...) teve um cara que estava lá que morreu. Eu acho que eu fui protegido. Teve um *Lwa* que acabou de falar para mim “sangue”, o corpo estava imóvel, não consegui sair. Inexplicável. Só os *Lwas* para explicar. É uma história muito triste. Aqui no Brasil não tem, por causa das placas tectônicas. O Brasil está protegido. O Brasil vai ser um país melhor, dependendo da eleição (risos). É um país muito rico. Muita coisa boa.

Eu tenho que estudar sobre o Candomblé, sobre a Umbanda. Eu queria aprender. A diferença para Vodou. Oxumaré, que é Dambele. Eu fiquei feliz de saber que brasileiros começaram a falar sobre Orixá, sobre Papa Legba. Eu quero ir na universidade. Quando você pode me convidar? Você tem um corpo branco, mas você é um cara legal. Quem tem conhecimento não vai ter preconceito, não vai ter racismo. O problema que eu tive com meu patrão é por isso, ele tem ignorância. Eu não sou um grande intelectual, mas eu gosto de conversar sobre isso. Ele tem problema com isso, ele é branco. Você tem muito conhecimento, o povo haitiano tem que ter acesso à educação também.

Eu vou compartilhar isso com o meu grupo. História Oral? O Vodou é História Oral também.

Considerações Finais

O presente trabalho buscou contribuir para os estudos sobre a migração haitiana ao Brasil e refletir sobre o Brasil exposto através da migração haitiana, sem carregar a pretensão de concluir e encerrar assunto.

Durante o processo da pesquisa, os lugares condicionaram o acesso a determinados saberes, constituindo uma produção partilhada do conhecimento. Através da arte, da cultura e da educação pública tive acesso a comunidade haitiana em São Paulo. Assim, parte do conhecimento perfilado remete aos lugares onde esse encontro se deu: primeiramente, ao Núcleo de Artes Afro-brasileiras, como instância formadora para a pesquisa, em seguida, a educação pública e coletivos de arte educação reunidos no CIEJA Perus I, lugar de produção de conhecimento sobre cultura haitiana dentro de uma proposta freireana de educação.

Alguns aspectos destacam-se ao longo do trabalho e suscitam novas reflexões. De maneira breve, na amplidão das diásporas¹⁵⁹, enquanto experiência social acumulada, há potência de transformação social profunda de libertação coletiva.

Historicamente, como experiência de destruição total do universo conhecido pela imposição colonial do “Novo Mundo”, talvez a diáspora africana só tenha comparação e par com o genocídio dos povos nativos nas Américas. O processo de desterritorialização despedaça o mundo conhecido, impondo a necessidade de reinvenção de novas identidades próprias, laços de pertencimento coletivo e formas de viver, em contexto de resistência contínua a tentativa de extermínio objetivo e subjetivo necessários para o triunfo da colonização.

Nesse sentido, a diáspora haitiana carrega consigo a experiência negra de autodeterminação dos povos, que tem o seu primeiro passo decisivo na revolução haitiana (1791-1804), fazendo com que o Haiti fosse “primogênito da

¹⁵⁹ Das diversas nações africanas nas Américas, mas, simultaneamente haitiana na contemporaneidade.

África, mas também primogênito da descolonização, que outorga a esse princípio sua importância universal”¹⁶⁰.

O conceito de liberdade, tal qual foi formulado pela modernidade, só tem sentido concreto em oposição a escravidão, experiência de cisão da humanidade e a perda da autonomia. A ascensão à liberdade, nesse ponto de vista, passa pela abolição dessa cisão. Em seu sentido primeiro, a libertação se inicia com a abolição formal e com a descolonização política. Mas a verdadeira libertação, de acordo com Mbembe, só ocorre através de um jogo de forças enraizadas na matéria e na consciência, abolindo “o eu como sendo objeto de outro; onde esse eu só consegue se ver por e através de algum outro; onde só habita o nome, a voz, a face e a moradia do outro, seu trabalho, sua vida e sua linguagem”¹⁶¹. Nesse sentido, há a necessidade de uma segunda abolição, subjetiva.

O presente trabalho partiu da premissa que as experiências dos terreiros e quilombos presentes nos diversos lugares onde as populações africanas foram “assentadas” nas Américas, produziram potencialidades para a abolição subjetiva, a qual Mbembe se refere. Antes mesmo da eclosão revolucionária no Haiti, foi no processo de aquilombamento¹⁶² e desenvolvimento das religiosidades afro-diaspóricas, tais como o Vodou (Haiti) e o Candomblé (Brasil), que foram recriados os laços de humanidade e pertencimento negados pela escravidão. Estes laços de ancestralidade comum foram a base social de negação da ordem colonial onde se fundamentou grande parte das revoltas negras das Américas, tendo, na maioria dos casos, sacerdotes como articuladores dos levantes¹⁶³¹⁶⁴.

¹⁶⁰ MBEMBE, ACHILE. Sair da Grande Noite: Ensaio sobre a África descolonizada. pg.63

¹⁶¹ Ibid

¹⁶² Conhecido como *marronages* no Haiti

¹⁶³ Até o século XVII, a principal forma de resistência contra a escravidão eram as fugas para o estabelecimento de comunidades autônomas, conhecidas como quilombo no Brasil e marronage no Haiti. Após a Revolução do Haiti (1791-1804), as revoltas contra o poder central se tornaram mais comuns. Esse fenômeno ficou conhecido, pelas forças coloniais, como haitianismo.

¹⁶⁴ Ainda que não haja registros documentais extensos, há um padrão das revoltas a partir do Séc. XIX. Os dois casos mais famosos que exemplificam o padrão são a cerimônia Vodou de Bwa Kayman (1791), liderada pelo sacerdote Dutty Boukman; a revolta dos Malês (Salvador, 1835) gestada no terreiro de Candomblé Zorogodô Bogum Malê Rundó. Outros casos, que dão suporte para a padronização, são citados por João José Reis: “em todo o Brasil elementos místicos e mágicos da religiosidade de raiz africana emergiram em conexão com conspirações e revoltas escravas. Numa conspiração em Campinas (SP), em 1832, raízes protetoras preparadas por negros congos seriam usadas, segundo depoimento, “para amansar aos brancos para as armas dos negros não ofenderem a eles pretos (...) matar (os brancos) e

O resgate das relações entre as religiosidades afro-americanas e das lutas abolicionistas, o qual o trabalho pretendeu contribuir, já vem ocorrendo. De acordo com Luciana Brito “numa sociedade escravocrata em que a população africana não tinha espaço político, a religião acabou se convertendo no “poder dos fracos”. Os terreiros, como as irmandades católicas, promoviam formas de associativismo negro com capacidade de mobilização. Não por acaso, na Bahia da primeira metade do século XIX, os candomblés estiveram na origem de várias revoltas escravas. Além dessa possível dinâmica de confrontação, o terreiro recriava e perpetuava cosmovisões, saberes e hábitos que desafiavam pressupostos da sociedade dominante”. (BRITO, L. In: Dicionário da Escravidão e Liberdade. pg. 383)

Foi nesse sentido que o trabalho procurou demonstrar que a parte que falta à academia, no que diz respeito à produção de conhecimentos que tenham potência para transformar a sociedade, sempre existiu nas culturas formadas pelas diásporas, não só pelo seu conteúdo discursivo, mas também pela sua dimensão corporal e afetiva.

Há uma continuidade entre o humanismo escravista do século XVIII, desvelado por Trouillot e o humanitarismo que ocorreu no Haiti após o terremoto de 2010. De acordo com Franck Seguy, a transformação do Haiti em uma “república de ONGs”, revela o plano de realocar o país em uma posição de subalternidade, onde, mediado pelo racismo e pelo imperialismo, os cooperantes internacionais ficam com a maior parte dos recursos “humanitários” destinados à “reconstrução” do Haiti, ao mesmo tempo em que usufruem da melhor infraestrutura da ilha e promovem o fenômeno de “fuga de cérebros” dos haitianos com formação universitária para outros espaços mais centrais do desenvolvimento capitalista. Em resumo, o autor define que o humanitarismo salvaguarda o Haiti como um lugar para enriquecer e explorar, não para gastar.

“O humanitário pode até ter parceiros locais, mas ele não tem iguais. Sozinho ele conceitua as necessidades dos outros, assume a função autoral, sabe o que veio fazer e o que tem de fazer. Em campo, ele não

ficarem eles pretos todos forros” Um dos cabeças dessa conspiração era o escravo de nação rebole (do interior de Angola) chamado Pai Diogo, sendo “pai” termo usado para se referir a sacerdotes das religiões africanas. Também se chamava Pai Manuel Congo que liderou uma revolta acontecida em 1838 no distrito cafeeiro de Vassouras, na província do Rio de Janeiro.” (REIS, J. J. In: Dicionário da Escravidão e Liberdade. pg 396).

discute, recruta. Como o Haiti foi declarado inapto a se autogovernar, o humanitário se encarrega sozinho de realizar tal desempenho sempre que houver oportunidade” (SEGUY, FRANK. In: O humanitarismo e a questão racial no Haiti. pg. 147)

Nesse contexto e, especificamente sobre a experiência da diáspora haitiana na atualidade, a existência de um departamento “desterritorializado”¹⁶⁵, pode antecipar a hipermobilidade que o desenvolvimento pleno da IV Revolução Industrial e das Inteligências Artificiais - e reorganização do trabalho em escala mundial subsequente - podem condicionar para a sociedade num futuro próximo, colocando em xeque o próprio ordenamento jurídico dos Estados-nação e as fronteiras como categoria de reprodução social. Nesse contexto, “quem não são ricos o suficiente para ficar, ou pobres demais para sair”¹⁶⁶, se tornam diásporas, em mobilidade constante.

Isso não significa, no entanto, cortar laços de identidade comum por parte dos haitianos em diáspora, mas reelaborar sentidos agrupamento, interpenetrando novas culturas. Como bem colocado por Olson Oscar, a ligação dos haitianos com a terra e entre si passa pelo ritual de re-existência e libertação, só possíveis de ser acessadas através da ancestralidade herdada, vivida e praticada, e não necessariamente com um relacionamento que se dá institucionalmente condicionada pelo Estado haitiano.

Por outro lado, é a ligação entre os haitianos em diáspora e o Haiti, do ponto de vista econômico, que possibilita e sustenta a sociedade haitiana através de envio de dinheiro diáspora, dando sobrevida ao Estado, permanentemente em estado de exceção.

A despeito da cosmovisão compartilhada entre o Vodou e Candomblé e as demais religiões afro-diaspóricas no Brasil, que garante acolhimento de parte dos migrantes haitianos através do movimento negro, atuante na escola pública e na cultura, os haitianos seguem sofrendo estigmatização, pelo racismo e pela xenofobia, que contrasta com a imagem do Brasil construída no Haiti.

Destaca-se também que, entre o período compreendido entre 2010 e 2023, foi perceptível uma mudança de condições de estabelecimento no Brasil

¹⁶⁵ 11º Departamento do Haiti

¹⁶⁶ Como bem observou Carnex Arne, em sua História de Vida

que impactaram a mobilidade haitiana. Em especial, a substituição do contexto de crescimento econômico, criação da Nova Lei de Imigração e a possibilidade do visto humanitário para haitianos no Brasil, pela ascensão institucional de grupos de extrema-direita que carregam consigo discursos de ódio contra migrantes indesejados e a deflagração da pandemia de Covid-19, que trouxe consigo o agravamento da crise social brasileira, fizeram com que o Brasil se estabelecesse como um “país corredor” para parte da comunidade haitiana.

Por fim, a escolha política e metodológica de utilizar a História de Vida teve como objetivo reconhecer a necessidade de incorporar os aspectos do vivido na produção de conhecimento acadêmico e garantir a escuta de grupos na criação de narrativas sobre si mesmos. A modernização tem em essência o epistemicídio e a colocação do outro como não-ser de conhecimento, em seu processo de afirmação cultural e racial na produção do Ocidente.

Sueli Carneiro nos alerta para, “a compreensão da negação do Outro como sujeito de conhecimento, que se exprime em políticas nas quais o conhecimento é negado ou limitado (ou ainda, não reconhecido); que lhe impõe, via de regra, um destino social dissociado das atividades intelectuais; que promovem a profecia auto realizadora legitimadora de uma inferioridade intelectual essencializada; que decretam a morte da identidade como superação da condição do estigma, condenando os sobreviventes a uma integração minoritária e subordinada. (...) A síntese será dada apenas pelo coletivo, onde o cuidado de si e o cuidado do outro confundem-se na busca pela emancipação”¹⁶⁷.

É através da superação das fronteiras objetivas e subjetivas e do encontro com novos universos que permeiam os poros da sociedade vigente que podem se criar frestas que abram caminho para superá-la.

¹⁶⁷ CARNEIRO, Sueli. A construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser. Tese de doutorado em Filosofia da Educação. São Paulo, USP, 2005, p.277-278.

Bibliografia

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

ASSMAN, Eleida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP. Editora Unicamp, 2001

BAENINGER, Rosana (et all) **Imigração haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

BAIRON, Sergio. **Experiência estética e produção do conhecimento**.

BARBOSA, Cristiane de Fátima. **Na Terra de *Bon Bagay*: integração e estratégias de permanência de haitianos na Grande São Paulo**. Dissertação (Mestrado). FFLCH/USP. São Paulo, 2022.

BELLEGARDE-SMITH, Patrick. **Vodou Haitiano – Espírito, Mito e Realidade**. Rio de Janeiro: Editora Palas, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre a literatura e a história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012

CARNEIRO, Sueli. **A construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser**. Tese de doutorado em Filosofia da Educação. São Paulo, USP, 2005

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, S. L. **Relatório Anual OBMigra 2023 - OBMigra 10 anos: Pesquisa, Dados e Contribuições para Políticas.Série Migrações**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2023

CESAIRE, Aimé. **Cahir d´um retour ou pays natal**. São Paulo: Edusp, 2012.

COGO, Denise; SILVA, Tereinha. **Entre a fuga e a invasão: alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira**. In. Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia. Porto Alegre, v. 23, n. 1, janeiro – abril, 2016.

COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Imigração Haitiana para o Brasil – relação entre trabalho e processos migratórios**. 2014. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2014.

DORIGNY, Marcel; GAINOT, Bernard. **Atlas das escravidões: das antiguidades até nossos dias**. Petrópolis: Editora Vozes. 2017.

GIRARDET, Raoul. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

GOFFMAN, Erving. **Estigma – La identidade deteriorada**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 1963

HALL, Gwendolyn Midlo. **Escravidão e etnias africanas nas Américas: restaurando eles**. Petrópolis: Editora vozes, 2017.

HANDERSON, Joseph. **Vodu no Haiti – Candomblé no Brasil: identidades culturais e sistemas religiosos como concepção de mundo Afro-Latino-**

Americano. 2010. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

HURBON, Laenec. **O Deus da resistência negra: o vodu haitiano**. São Paulo: Paulinas, 1987.

IOKOI, Zilda Márcia Gricoli. **Fronteiras em movimento: deslocamento e outras dimensões do vivido**.

_____ Imigrantes invisíveis: a História Oral como paradigma da luta contra o colonialismo cultural.

JAMES, C.L.R. **Os jacobinos negros. Toussaint L'Ouverture e a revolução de São Domingos**. São Paulo: Boitempo, 2010.

JESUS, Alex D. de. **Redes da migração haitiana no Mato Grosso do Sul**. Dissertação (doutorado). Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.

LOPES, Nei. **Novo dicionário Banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Palas, 2012

MASP; INSTITUTO TOMIE OHTAKE. **Histórias Afro-Atlânticas Vol. II**. São Paulo, Masp, 2018

MACEDO, José Rivair (org.) **O pensamento africano no século XX**. São Paulo: Outras expressões, 2016.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. **Guia Prático de História Oral**. São Paulo: Contexto, 2011.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. Rio de Janeiro: N-1 edição, 2011.

_____ **Sair da grande noite: ensaio sobre a África descolonizada**. Editora Vozes: Petrópolis, 2019

NOGUEIRA, Fabiana Bezerra. **Deye mon, gen mon: Imigração Haitiana no Brasil – Relatos do Vivido**. Dissertação (mestrado) Universidade de São Paulo, 2018.

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Cia das Letras, 2001

NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.) **A matriz africana no mundo**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

PATRICE, Jean René. **Migrantes Haitianos em São Paulo e superexploração da força de trabalho**. Belém: Universidade Federal do Pará, 2017

PINTO, Monilson dos Santos. **Nego Fugido, Manifestos de Memórias Incorporadas**, São Paulo: UNESP, 2014

SANTOS, Boaventura de Souza. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. São Paulo, SP. Cortez, 2002

SAYAD, Abmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998

SCHWARCZ, Lília M.; GOMES, Flávio (orgs.) **Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

SEVCENKO, Nicolau. **No princípio era o ritmo: as raízes xamânicas da narrativa.** In: RIEDEL, Dirce Côrtes (org.). *Narrativa: ficção e história.* Rio de Janeiro: Imago (coleção Tempo e Saber), 1988, p. 120-135.

SEGUY, Frank. **A catástrofe de janeiro de 2010, a “Internacional Comunitária” e a recolonização do Haiti.** 2014. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

_____ **Humanitarismo e a questão racial no Haiti.** (artigo) In: *Lutas sociais*, São Paulo, v.19 n.43 p, 143-157

SIMAS, Luiz Antônio; RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas.** Rio de Janeiro: Editora Mórula, 2018

SODRÉ, Muniz. **Claros e Escuros: Identidade, povo e mídia no Brasil.** Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silence the Past: Power and the Production of History.** Boston, Massachussets: Beacon Press, 1995.